# REVISTA DA SEMANA



NESTE NÚMERO:

## LUTO NA MACUMBA

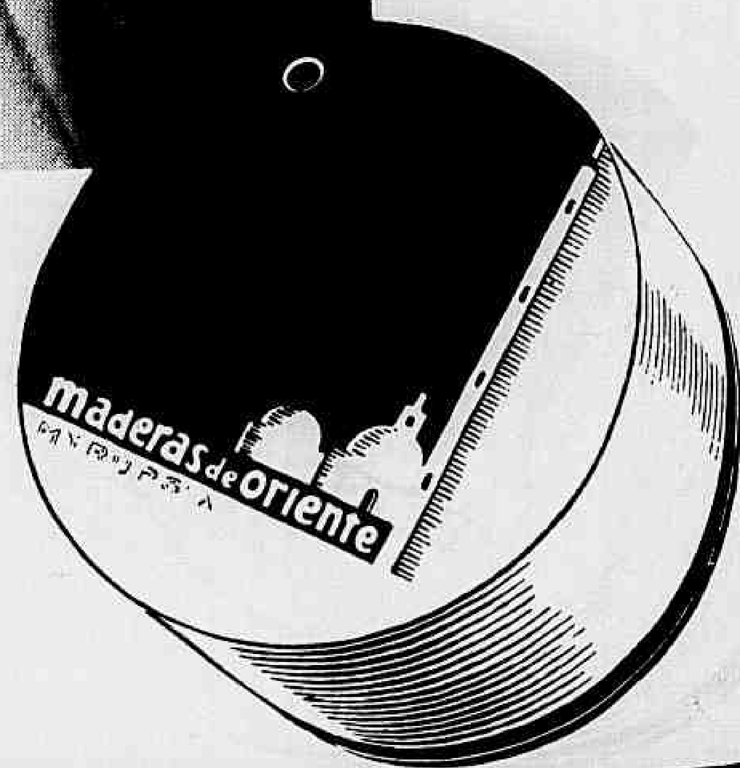
Morreu o macumbeiro que desafiou o Diabo

**A MORTE NA SELVA**
Desastre na aviação

**BISPO NA CANDELÁRIA**
Sagração de D. Helder






PÓ DE ARROZ
**MADERAS DE ORIENTE**

MYRURGIA

**EXTRATO · LOÇÃO · ÁGUA DE COLÔNIA**

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 20 ★ 17-5-52

# Sumário

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

A morte na selva ..................... 4/5
[illegible], explendor e miséria do Maranhão (Por José Mário) ..................... 6/7
Luta na macumba (Por José Asmar) ...... 17/19
Consagrado bispo na Candelária ........ 28/29
O Pan-Americano quebrou o "tabu" (por Levy Kleiman) ..................... 30/33
A festa de 1º de maio ................. 44
Uma tarde de arte (Por Isolete) ......... 45/47

LITERATURA

A Fórmula perdida (Por Alceu Marinho Rego) 3
O Pequeno Conto (Por Geo William) ...... 8
Semana Literária (Por Edmundo Lys) ...... 14/15
A Mentira (Conto de Mary Jade Waldo) ... 26
Jojoca, o Sargentão (Conto de O. Gomes de Castro) ..................... 35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista .................. 8/9
A Personagem da Semana (Augusto Severo) . 9
Teatro (Por Martim Gonçalves) ........... 19
Artes (Por Jane Bouchaud) .............. 34
Noite e Dia ......................... 49
Puxe pelo cérebro ..................... 50
Passatempo .......................... 51
Tudo isto aconteceu .................. 52/53
Correio da Revista ..................... 54
A Revista há 50 anos .................. 55
Rádio (Por Milton Salles) ............... 56
Música (Por Oswaldo da Cunha) ......... 57
A Pergunta da Semana (Por Sinimbu) ...... 58

VARIEDADES

Conversa de Desarmamento (Por Alexander Clifford) ..................... 10

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob ............ 24/25
Sonhos de Glória ..................... 38

ROMANCE

A Insatisfeita (Por Irene Temple Bailey) .. 22/23

FEMININAS

Noivas (Por Ramon) .................. 36/37
A Saúde do Bebê (Pelo Dr. Sabóia Ribeiro) .. 48
CINEMA (Por Leon Eliachar) ............ 39

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Por Darcy) ........ 11
Remember 1950 (Por Théo) ............... 16

NA CAPA:

Ann Blyth
(Foto Universal-International)



# A FÓRMULA PERDIDA

OS fantasmas parecem dispostos a tomar uma revanche dessa infusa e tão apregoada ciência que os baniu do nosso mundo. Fantasmas não pertencem a êste mundo mas é conosco, em boa verdade, que êles se divertem. E com êles é que nos assustamos. Somos assim indispensáveis: nós a êles, para que se divirtam; êles a nós para que sintamos na espinha êsse frio que traz notícia da morte.

O mundo está mais que nunca precisando de fantasmas, daqueles bons fantasmas que aparecem metidos em brancos sudários e arrastam pesadas cadeias no silêncio da noite. A vida sem o sobrenatural fica reduzida a pequenos binômios insípidos: Truman-Stalin; gripe-vitamina C; subnutrição-SAPS; meretrício-Padilha — todos e tantos perfeitamente insípidos, concretos, palpáveis, reais, não raro contundentes.

Numa hora em que nada mais assusta os homens — nem a bomba atômica, que desperta uma hilaridade superior entre crianças do Ocidente e do Oriente, tanto é certo que os que a inventaram são capazes também de dominá-la — os fantasmas nos devolvem a um estado de pureza original dentro da qual o espírito se deixa possuir pelo mistério da morte.

Saudemos portanto, com íntima e humilde alegria, o aparecimento dos fantasmas da rua Pereira da Silva, no bairro das Laranjeiras. Alegria que se mistura a certo orgulho patriótico porque é o Brasil que se antecipa a qualquer outra nação na redescoberta do mundo da imaginação e da poesia noturna. Peron anuncia, lá de baixo, rebentando os botões da túnica, de tanto inchar o peito, que a Argentina possui a fórmula da bomba atômica? Pobre Peron! Que é isso perto da descoberta brasileira, que encontrou a fórmula perdida do mundo sobrenatural, cheio de imagens poderosas como a Mula-sem-cabeça, o Saci, o Bute, o Papa-Figo, o Boi-Tatá, o Lobisomem?

Pobre Peron! Pobre Truman! Pobre Stalin! Que são vossos problemas, todos baseados em A+B, em cifras, estatísticas, combinações químicas e programas econômicos, perto dessa grande solução universal que o Brasil neste momento encontra, numa ladeira das Laranjeiras, à hora em que todos os gatos são pardos?

Salvemos o mundo pelos fantasmas e fantasminhas, amáveis criaturas que ajudam a passar a noite e nos levam, entre fascinados e receosos, ao trecho da estrada em que deixamos as douradas recordações da infância.

ALCEU MARINHO REGO

# À MORTE NA SELVA

## CAIU O AVIÃO DA PANAIR NA REGIÃO AMAZÔNICA

A catástrofe ocorrida com o possante avião "Presidente", da Panair, que tombou na selva amazonica na madrugada do dia 29 de abril, assinala uma das maiores desgraças já registradas na história da aviação continental. Faltam ainda elementos, no momento de fecharmos esta edição, para fixar devidamente as proporções e conseqüências do tremendo sinistro, mas não restam dúvidas de que nêle se perderam as vidas dos passageiros e tripulantes e uma das poderosas aeronaves da linha internacional da Panair. Os destroços do aparelho acidentado já foram localizados num ponto situado a 80 quilômetros ao norte da Ilha do Bananal, em território paraense, partido em quatro pedaços, visíveis na mata circundante os vestígios do incêndio que o destruiu e, com tôda a probabilidade, aos 41 passageiros que nêle viajavam juntamente com o pilôto, operadores e aeromoço.

O "Presidente" cumpria a segunda etapa da viagem que iniciara em Buenos Aires e terminaria em Nova York, etapa que devia ser coberta em 7 horas de vôo entre o Rio de Janeiro e Port of Spain, na Ilha de Trindad. Partiu do aeródromo do Galeão, depois de revisado, ás 23.17 horas do dia 28, com o pequeno atraso representado pela fração dos minutos. Sua passagem foi assinalada por um vaqueiro goiano quando sobrevoava a cidade de Niquelândia, cêrca das 3 horas da madrugada do dia 29, em vôo baixo, rumo ao Norte. Até então obser-




O mapa elaborado pelo nosso companheiro Alberto Lima mostra a rota da segunda etapa que o "Presidente" devia cobrir na sua viagem Buenos Aires-Nova York entre as cidades do Rio de Janeiro e Port-of-Spain. A linha cheia representa o trecho voado, a linha interrompida o caminho que faltava para chegar ao têrmo da viagem. A cruz assinala o local da queda, nas matas vizinhas do rio Araguaia, achando-se também indicados os outros pontos referidos no texto desta página.




Foto feita em Val-de-Cães, aeródromo de Belém do Pará, quando técnicos-aero-nautas estudavam o meio de orientar as pesquisas para localizar o avião perdido.

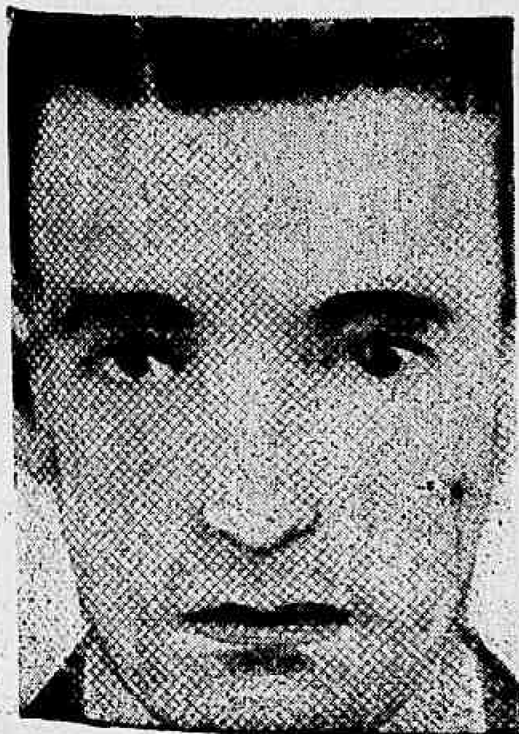
vara a rota e as comunicações normais, tendo emitido a última mensagem pelo rádio, captada em Carolina (E. do Maranhão), às 4,45 horas. O desastre ocorreu a 1.700 quilômetros do Rio de Janeiro e 440 quilômetros a sudoeste de Carolina, cujo aeródromo recebeu a derradeira comunicação, perfeitamente normal. O que se seguiu está no domínio das conjecturas, admitindo a companhia a que pertence que uma ainda não esclarecida explosão tenha sacudido o aparelho, em pedaços, sôbre a selva espêssa que recobre a vasta superfície amazônica, numa região onde são muitos os animais ferozes e existem tríbus de índios errantes.

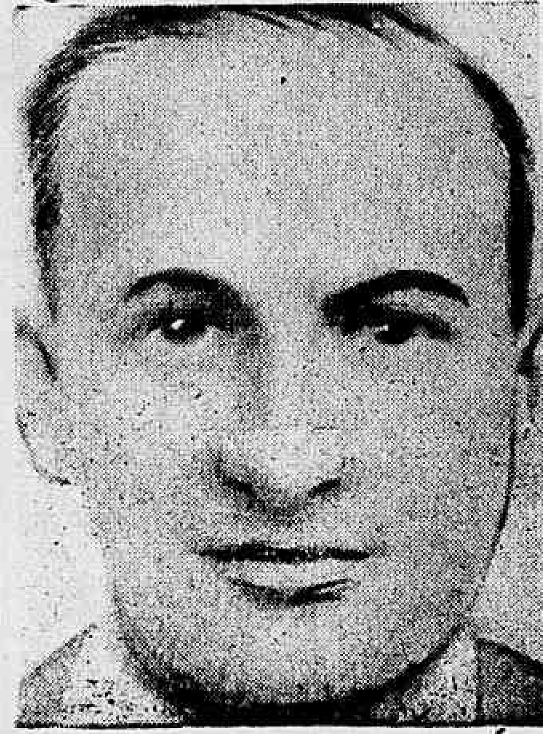
Tantos perigos juntos — o fogo, a mata, as feras e os índios — só permitem a triste hipótese de que a um dêles sucumbiram as vidas humanas transportadas no bojo do possante aparelho.

A FAB, juntamente com aviões da Panair, procuraram e localizaram, ao fim de dois dias, o que restava do "Presidente" que alçou vôo do Rio de Janeiro em perfeitas condições de navegabilidade e cobriu sem anormalidades grandes trechos do percurso que fazia. Sòmente as turmas que tentam a penetração na selva, poderão esclarecer as origens da tragédia.




Alguns dos passageiros brasileiros sacrificados na tragédia da selva: (na vertical) — Dr. Murilo Braga, alto funcionário do DASP e Alaim Almeida Carvalho de Morais; na horizontal (da esquerda para a direita) — Cônsul Luís Felipe de Amorim Anthony e sua espôsa Marion Pochat, Sr. e Sra. Jorge Gomes de Godói






Ao longo da estrada de ferro, nas suas próprias margens, o fenômeno não é diverso do que se observa nas regiões cortadas pelas rodovias: coqueirais imensos e inaproveitados, enquanto a matéria prima escasseia nos centros consumidores.

# BABAÇU

## EXPLENDOR E MISERIA DO MARANHÃO

POBREZA E IGNORÂNCIA

"MAIS UM QUE VIERAM..."

Texto de JOSÉ MARIO
Fotos de OSWALDO MATOS



Às mulheres e às crianças compete a quebra dos côcos. O chefe da família cuida da pequena agricultura, recolhe côco na mata ou, simplesmente, não faz coisa alguma! Aqui vemos seis "máquinas" de quebrar côco, tôda uma família, a caminho do trabalho.

A desconfiança com que a Comissão chefiada pelo Conselheiro Edgard Teixeira Leite, vice-presidente do Conselho Nacional de Economia, foi recebida pelos homens do Comércio e da Indústria do Maranhão desfez-se logo no primeiro contato mantido minutos após o desembarque daqueles que haviam vindo para estudar, "in loco", os problemas do babaçu e a possibilidade de seu aproveitamento integral.

### "MAIS UM QUE VIERAM"

E' que as regiões do Norte e do Nordeste do país, tão necessitadas de assistência por parte do poder central, já estão cansadas e desiludidas das comissões que periòdicamente lá aportam, deglutem alguns banquetes, adquirem curiosidades da terra, fazem promessas sonoras em discursos eloquentes e voltam apressadamente para o confôrto do asfalto carioca, já esquecidos das necessidades do homem que moureja contra o clima hostil, o descaso dos governantes e a total precariedade dos recursos legais.

Acontece que cada comissão é apenas "mais um que vieram", conforme a pitoresca expressão de um matuto nordestino, que à beira da estrada, nova rota dos flagelados retirantes, presenciara a chegada e a partida relâmpago de uma das tais comitivas messiânicas.

### A PRESENÇA DO EXÉRCITO

Os objetivos e os propósitos da Comissão, em que se destacava, além do ex-Secretário da Agricultura dos Estados de Pernambuco e do Rio de Janeiro, a figura personalíssima do General Ignácio José Veríssimo, organizador e Diretor do Serviço Social do Exército e um dos mais destacados vultos desta nova geração que, no seio das nossas Fôrças Armadas, se preocupa intensamente com as questões econômicas, já agora perfeitamente confundidas e identificadas com os problemas da Segurança Nacional, eram, todavia, de molde a desarmar qualquer prevenção.

### TRABALHO EM VEZ DE FESTAS E BANQUETES

Firmemente decidida a não participar de banquetes e homenagens, dispunha-se a Comissão a partir, incontinente, para o interior a fim de verificar,



pessoalmente, as condições de vida e de trabalho do homem sôbre cujos ombros repousa a responsabilidade da exploração dos babaçuais nativos, que se espalham por enormes extensões dos Estados do Maranhão e Piauí: o caboclo.

### RECONHECIMENTO DO TERRENO

Já no Rio de Janeiro, compulsara o Conselheiro Edgard Teixeira Leite, farto material, talvez o maior "dossier" já reunido sôbre os problemas do Babaçu e colhera o depoimento de quantos pudessem trazer qualquer esclarecimento sôbre a questão.

Entendendo, no entanto, como homem prático e experiente no trato da coisa pública, faltar-lhe ainda, para a compreensão completa do problema, o contato pessoal com o meio e o conhecimento direto da realidade ambiente, resolveu organizar uma expedição, pois que era uma verdadeira expedição aquêle grupo de homens reunidos para percorrer o interior e os principais vales da região.

### IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO DIRETA

O resultado do trabalho foi dos mais auspiciosos. Não porque, milagrosamente, se tivesse encontrado solução para tôdas as dificuldades do Babaçu, mas porque foram constatados aspectos novos e essenciais à compreensão de tais dificuldades, elementos que, só por êste meio, poderiam ser percebidos.

### CÍRCULO VICIOSO

A miséria, a ignorância, a indolência, o despovoamento, a baixa produtividade do trabalho, o desestímulo e a falta de concorrência são, como se pôde constatar, as partes de um triste círculo vicioso.

O homem ignorante, que não tem sequer os desejos e as necessidades elementares do homem civilizado, não possui o estímulo que tais anseios constituem para o comum dos mortais. Desprovido, assim, de vontade de trabalhar, é amarrado, na sua apatia, pelas doenças e pelo estado permanente de carência alimentar em que vive. Nada produz. Trabalha exclusivamente o necessário para não morrer de fome. Êste ritmo de vida gera, inevitàvelmente, a indolência e consolida a ignorância no meio rarefeito de habitantes em que vive o caboclo. A falta de concorrência, no deserto formado pelas florestas inextrincáveis de palmeiras, é um novo e ponderável adjutório à indiferença com que aquêle homem esquecido pela vida, encara o seu futuro e recomeça o acabrunhante círculo vicioso acima descrito.

Só a fixação do homem à terra pela concessão de lotes das glebas ora devolutas e de recursos para o desbastamento dos palmeirais, propiciando a sua maior produtividade e tornando possível o trabalho à sua sombra, poderá interromper êste círculo vicioso e reintegrar o homem na sua qualidade de produto de riquezas e de ser humano em luta por idéias superiores.

E' preciso dar terra ao homem e espaço às árvores se se deseja que os mesmos produzam algo de aproveitável.

### NÃO MATEMOS O QUE AINDA NÃO NASCEU!

Se esta foi a dolorosa impressão colhida no interior, das Capitais e das cidades trouxe a Comissão do Conselho Nacional de Economia, um apêlo desesperado e angustioso aos homens que na Capital do país têm, nas suas mãos poderosas, os destinos dos Estados longínquos.

Repetido monótona, uniforme e inevitàvelmente em todos os contatos com os homens responsáveis das inúmeras cidades visitadas, revela a preocupação e o terror de que se acha possuída a região diante da possibilidade da extinção de uma riqueza que é, ainda, apenas potencial, sob os liames asfixiantes da burocracia estatal.



**O babaçu é denso, compacto, impenetrável mesmo. Só o desbaste sistemático dos milhares de palmeiras existentes em cada hectare de solo maranhense pode tornar explorável esta riqueza.**

A criação de um Instituto, nos moldes de outros já existentes no país, serviria tão sòmente para drenar a já tão fraca economia local em vez de carrear para lá os recursos de que necessita para desenvolver-se convenientemente. Isto é o que temem, os homens da terra e o que acontecerá, forçosamente, se fôr criado o referido Instituto.

### DAR E NÃO TOMAR

O problema é outro e disto se convenceram todos os membros da Comissão. Há que dar e não tomar! O govêrno federal deve, sob pena de aumentar, cada vez mais perigosamente, a diferenciação das economias do norte e do sul do país, promover, com plena consciência de sua ação unificadora da nacionalidade, substanciais auxílios às zonas pobres ou desajustadas do norte e do nordeste. Todo sacrifício que se fizer neste sentido, redundará em proveito do Brasil como um todo, e será obra de segurança nacional, como acertadamente afirmou o General Ignácio José Veríssimo.

Problemas de segurança nacional — e a sobrevivência econômica de uma região indubitàvelmente constitui um problema desta ordem — devem ser tratados como tal e, portanto, acima de mesquinhas considerações contábeis.

Auxílios ponderáveis precisam ser destinados aos Estados produtores de Babaçu para a realização das obras e empreendimentos que vão ser indicados pelo Conselho Nacional de Economia e que são indispensáveis ao incremento e racionalização da exploração desta riqueza que, só então, suficientemente desenvolvida e estabilizada, poderá se transformar no esteio da economia regional.



**Nos babaçuais convenientemente desbastados a produção é sensìvelmente maior e a colheita grandemente facilitada. Além disto a cultura da mandioca e do milho podem ser feitas simultâneamente**

O PEQUENO CONTO

# HERANÇA DE ÓDIO

Por GEO WILLIAM



*QUANDO lhe trouxeram o irmão esquartejado daquele modo, sentiu-se desfalecer. Ajoelhou-se ao lado do catre e segurou a mão do ferido, esvaindo-se pelo horrido ferimento no peito, e chorou convulso:*

*— Fratema! Oh, fratema! (irmão, ó irmão).*

*Pasqualucio tinha, então, doze anos. Via, no irmão, tôdas as perfeições que um homem pode ambicionar e sonhava poder, quando grande, imitar o mano querido, que tantas atenções sempre lhe dispensava.*

*Mas a terrível lei da "vendetta" agira a seu tempo e lá estava Giovanni, com o peito estraçalhado pela punhalada certeira. Em vão os policiais e os amigos pediam:*

*— Giovanni: diga quem foi!*

*Nas vascas da morte o ferido selara seus lábios. A "omerta" siciliana impedia-o de denunciar seu matador. Mas não poderia morrer sem a certeza absoluta, indiscutível e firme, de que ainda algum dia viesse a ser vingado.*

*Pilharam-no de surprêsa quando saia da casa de Concettina. Coisas de amor. Rivalidades. Paixões desenfreadas e que, sòmente à sombra do Etna podem ser sentidas com semelhante violência.*

*A "mezza lira", que é a faca popular, penetrara-lhe nas carnes com o lampejar sinistro próprio de semelhantes ocasiões. Tombara ao solo após ter tentado descerrar inùtilmente a sua arma, que levava à cintura. Deixaram-no caído e foram os familiares de Concettina que o socorreram e levaram-no para a sua moradia pouco distante, logo após a primeira esquina. E fôra sòmente Pasqualucio a receber aquêle corpo, que outros parentes não havia naquela casinhola.*

★

*Antes de morrer, Giovanni pediu que todos saíssem e que deixassem apenas Pasqualucio. Com um esfôrço tremendo, sacou a "mezza lira" afiadíssima e passou-a às mãos do menino. Depois, num arfar, balbuciou:*

*— Para quando tiveres dezoito anos...*

*— Sim irmão, juro! Mas quem!*

*— Mastrandrea...*

*E morreu.*

★

*Pasqualucio contou dia a dia os seis anos que o separavam da data prefixada. No dia em que completou os dezoito anos, dia de imenso júbilo para êle, postou-se nas proximidades do mercado, segurando firme a "mezza lira".*

*Quando Mastrandrea lhe passou perto, rindo ainda de uma anedota que ouvira, segurou-o pela aba do paletó e imergindo a lâmina naquele peito robusto, segredou-lhe, rosto contra rosto:*

*— Giovanni te recambia o "favor"...*

*— Hâ!... Madonna mia!*

★

*Não fugiu. Aos carabineiros que lhe puseram as algemas, declarou:*

*— Completei hoje os dezoito anos...*

*— És um verdadeiro homem — sentenciou o gendarme, olhando-o com profunda simpatia.*

*E levaram-no... (IPA)*

# A Semana

## História de cavalos



O cavalo de Tróia, o cavalo do coice na fonte de Hipócrene, o cavalo de Calígula, e outros bucéfalos famosos, não seriam nada diante de Yatasto, que acaba de vir pelos ares, lá do Uruguai, para o Grande Prêmio de S. Paulo. Ao descer S. M. de Quatro Patas de Ouro no aeroporto de Congonhas, uma multidão de fotógrafos, televisistas, cinegrafistas o cercaram à procura de ângulo paar focalizar-lhe o semblante inspirador. Mas inspirador de quê? De algum poeta? De algum pintor? De algum estatuário? Nada! Inspirador de cruzeiros. Yatasto, filho de Selim Hassan e sua excelentíssima espôsa Yucca, pertence ao "turfman" uruguaio, D. Roberto Sbarbaro. Custou apenas 100 mil pesos uruguaios, mas já lhe proporcionou nada menos de um milhão de ditos em prêmios. Para vir
pelos ares até São Paulo, seu corpo foi coberto por uma apólice de seguro no
valor de 10 milhões de pesos. Diante disso, todos os cavalinhos que a História
registra não passam de mulas sem cabeça. Um cavalo que rende milhões, é
que interessa hoje em dia. Nada de cavalos sábios, cavalos adivinhos, tristes
Nostradamus de quatro patas, vulgarizados como qualquer cartomante subur-
bana a cinco cruzeiros por cabeça. O que se quer é o hipodrômico animal veloz
e bem tratado, com juntas médicas e especialistas em Grandes Prêmios. São
Paulo estêve agitado com o animal de Sbarbaro. Barbaridade!

## Contrabandistas




MUITA gente ainda continua a pensar que o Brasil é um país sem qualquer significação, e que, apresentando-se aos "nativos" alguns balangandãs e bugingangas de aljofre, tudo se conseguirá, como nos tempos do monte Pascoal. Vejam só o que acaba de ocorrer com dois cidadãos do Velho Mundo: um dêles veio de Portugal e trouxe, dentre a volumosa bagagem, nada menos de duas malas cheias de palitos. A fiscalização aduaneira descobriu a palitada e o interpelou. O novo habitante do Brasil achou ruim e persistiu em querer explicar que aquilo era para seu uso pessoal. Nem mesmo a hidra de lerna com tantas cabeças, poderia palitar tantos dentes. E o caso, batendo na Justiça, foi decidido contra o campeão de palitamento odontológico. Agora, vamos ao segundo sabidinho
que nos vem da Europa. E' um alemão, que trazia seus papéis como imigrante.
Até aí nada de mais. O Brasil precisa de bons elementos, especialmente os téc-
nicos. Mas o teuto trazia um excelente automóvel. Também aí não ve-
mos nada de mais esquisito, pois que um imigrante assim é ótima garantia de
que não vamos receber mais um mendigo. Contudo, quando o carro chegou à
apreciação alfandegária, a coisa enguiçou. O germânico desejava pagar os im-
postos como sendo de "turismo", com o abatimento legal; mas, afinal, era êle
um turista, ou um imigrante? E foi obrigado, por sentença judicial a pagar
direitinho.

## Chofer digno




**JOSÉ Ribeiro Prado Neto é motorista em São Paulo. Um dia de fins de abril do corrente ano, teve de levar ao aeroporto de Congonhas uma passageira para o Rio. Ao voltar ao seu ponto encontrou no carro uma pasta de couro contendo jóias no valor de cem mil cruzeiros: broches, relógios, pulseira de ouro com diamantes, colares, etc. Depois de investigações feitas pelo próprio motorista, chegou à conclusão de que as jóias pertenciam à Sra. Jaci Vilasboas, funcionária do Catete. Esta, logo ao chegar ao aeroporto Santos Dumont, deu por falta de suas jóias, providenciando para a devida comunicação à polícia paulista. Mas esta nenhum trabalho teve. O digno e probo motorista José Ribeiro Prado Neto, uma vez que êle estava apenas aguardando a reclamação de quem**
**perdera, para restituir a pequena fortuna. Logo que D. Jaci soube do que ocor-**
**ria voou novamente para São Paulo. Ali, com grande alegria, verificou que os**
**seus haveres estavam intactos. Ofereceu ao chofer o prêmio de dez mil cru-**
**zeiros; mas, ainda uma vez, êsse digno profissional do volante recusou apro-**
**veitar-se de uma circunstância fortuita, e agradeceu a gratificação, alegando**
**que cumprira o dever, apenas. A Secretaria de Segurança Pública do Estado**
**bandeirante, além de cumprimentar o honesto motorista, resolveu conceder-lhe**
**melhor ponto de estacionamento.**

# Em Revista

## Caso singular




LEMOS a notícia, olhamos bem para o nome do jornal que estampava a reportagem: "A Noite". Jornal do govêrno, fôlha antiga e de responsabilidade. E publicava o seguinte: uma senhora, que vivera durante quatro anos com um investigador, achando outro homem que se unia a ela, legalmente, resolveu casar-se e viver dentro da lei. Mas o investigador que morava no mesmo edifício em que ela tinha seu apartamento, decidiu não permitir que o casal vivesse em paz. E, após a festinha do casamento, o policial passou a ameaçá-los. Conseguiu com a Telefônica uma instalação extensiva controlando o telefone de sua ex-amásia. Ficou ela subordinada aos seus caprichos. Passou a ameaçá-la pelo telefone e, na própria noite de núpcias, foi acordá-los, dizendo que ia botar seu marido para correr. A moça procurou demovê-lo dêsse intento criminoso; o atacante e ciumento homem, porém, alvejou a porta do apartamento do casal, atirando repetidamente para dentro. A situação era cada vez pior. Que fazer? Chamar a polícia não era possível, pois o telefone dela estava ligado e interceptado pelo dêle. Os padrinhos do casamento, sabendo, enfim do que ocorria, foram proteger os nubentes. O citado vespertino, interessado no episódio tragi-cômico, compareceu e tirou fotos do acontecido e dos "sitiados". Mas, será que isso sucedeu no Rio? Sim, na Avenida Mem de Sá, 521, apartamento 808...

## Patriotismo




**A Câmara Municipal de Pelotas, Rio Grande do Sul, acaba de dar excelente exemplo a outras congêneres do país votando uma lei, por grande maioria, que torna gratuito o mandato de seus membros no legislativo municipal. Não é inédito êsse caso. O Estado de Minas Gerais, por exemplo, possui muitas de suas Câmaras de Vereadores aos quais nada se paga. Trabalham gratuitamente, por patriotismo. E' verdade que, em tais casos, os senhores legisladores devem ser pessoas de recursos, possuidores de outros meios de vida, de forma que encarem o serviço municipal, apenas por esporte, ou dedicação à terra. Mas, contra tôda a expectativa, houve um vereador pelotense que não se conformou, absolutamente, com a lei votada, e consultou a um advogado de renome sôbre a possibilidade de requerer mandado de segurança para receber os seus vencimentos. O causídico, jurista pelotense Bruno Mendonça, deu parecer favorável, e o vereador do PL, pelo seu Diretório Municipal, já apresentou o recurso de direito, certo de que a Justiça lhe ouvirá as razões da petição. Não há dúvida. Quando o vereador do PL foi eleito tal idéia não constava do programa dos seus pares lá de Pelotas. Embora um vereador daquele município não venha a ganhar o que recebem os do Distrito Federal, Pôrto Alegre, ou S. Paulo, é claro que não pode ser também um subsídio de fome. E nada melhor para aumentar o patriotismo do que uma boa remuneração...**

## Nossos índios




UM grupo de pessoas que muito se interessam pela vida de nossos silvícolas, estêve, recentemente, com o Presidente da República, e, com êle trocaram idéias gerais sôbre o ante-projeto de lei que vai criar na região do Xingu, bacia amazônica, o "Parque Indígena", com o fim de defender a fauna, a flora e os habitantes autóctones daquela região. Muito bem. A área imaginada para o Parque é de cem mil quilômetros quadrados, quase igual a todo o Estado de Pernambuco, maior do que muitos de nossos Estados. Pelo projeto as terras dessa imensa região matogrossense, serão inalienáveis, e os seus recursos naturais só poderão ser explorados pelos próprios índios. Esta condição é que achamos simplesmente inconseqüente. Como esperar que os índios daquelas florestas explorem as riquezas naturais de sua gleba, se os pobres coitados nem de tanga vivem? O que o govêrno deveria fazer, era, ao lado da inviolabilidade a estranhos, de tanta terra rica e fértil, promover a mais constante aproximação com os índios, incentivando-lhes a cultura, melhorando-lhes os processos de existência, procurando incluí-los na comunidade brasileira já mais ou menos civilizada, tudo sob moldes tais, que o Parque não viesse a ser loteado por alguma incorporadora de Copacabana... Vamos ser práticos em nossos empreendimentos. Especialmente quando se trate de proteger os índios.

# A PERSONAGEM DA SEMANA



A 31 de agôsto de 1870, nascia em Chiaravalle, Itália, uma menina a que seus pais deram o nome de Maria Montessori. Desde cedo a criança deu mostras de grande atividade mental. Fêz o curso primário, chegou ao secundário e pediu aos pais atônitos, que a matriculassem na Faculdade de Medicina, da Universidade de Roma. Era um escândalo. A carreira médica não era exercida, até então, por nenhuma mulher naquele país. Em 1896 recebia o grau de doutora em medicina e começava sua clínica, enfrentando o tradicionalismo rancoroso. Espírito ansioso de saber, possuído de grande curiosidade mental, dedicou-se inicialmente à antropologia e à higiene, lecionando essas matérias. Mais tarde entregou-se de corpo e alma ao estudo das crianças anormais, apresentando a um Congresso de Educação Moral, sua obra "Método de Classificação dos Deficientes". Interessada, cada vez mais, na vida das crianças, sua saúde, a inteligência e capacidade dos pequeninos, Maria Montessori dirigiu a Escola Normal Ortofrênica de Roma, onde formou professôres para a recuperação de anormais. Em 1913 inaugurava seu primeiro curso freqüentado por alunos de 17 nacionalidades diferentes. Já em 1920, o mundo inteiro se interessava pelo chamado "Método Montessori" para a educação das crianças normais e anormais. Além da Itália, outros países, como Suiça, Holanda, Inglaterra, França, Estados Unidos, etc., adotaram os métodos pedagógicos "Montessori". Com a eclosão da última guerra, a educadora deixou a Itália e se refugiou em países amigos, tendo feito profundos estudos entre as crianças da Índia e Paquistão, confirmando sua teoria: "Os jovens se conduzem da mesma maneira em qualquer país". Maria Montessori se achava atualmente em Amsterdam, Holanda, onde faleceu, a 6 de maio corrente. Mais de meio século a serviço da humanidade. Seus livros, em mais de uma dúzia, todos êles versando problemas de Pedagogia sôbre o ensino e a educação das crianças, continuam a merecer dos pedagogos mais eminentes, a maior consideração e prestígio. Foi ela a pioneira da "Escola Ativa", com o binômio: "Pensamento e Ação", em tôrno de cujo conceito sustentava e provava a grande médica e pedagogista, que "é agindo que a criança aprende, e aprenderá tanto melhor quanto mais livre, espontânea e criadora fôr a ação". Quiseram mostrar que isso indisciplinava a criança, mas Maria Montessori destruiu todos os argumentos em contrário. Perde o mundo um dos seus mais formosos talentos.




**Adolescentes**

**Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.**

**Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.**

**Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.**

**Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.**

**A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.**

**São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.**

# CONVERSA DE DESARMAMENTO

Por ALEXANDER CLIFORD

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

*SEMPRE há grande excitação quando vemos as Nações Unidas em assembléias. A última Conferência de Paris produziu interêsse mundial, e nos longos corredores da sede da reunião, se viam as côres de todos os povos do mundo, ouviam-se as línguas de todos os continentes. Discursos, entrevistas, todo um mundo de assuntos ligados ao programa da ONU.*

*Grandes comités com fones ligados aos ouvidos, com pessoas capazes de traduzir em cinco línguas. Povos interessados nos acontecimentos que encerravam problemas capitais, todos com a atenção fixada na grande Assembléia.*

*Mas, gradual ou ràpidamente um pensamento vai tomando conta de todo mundo, embora não saibamos se se trata de coisa sincera. A França que conseguiu erguer esta cidade pre-fabricada em tempo recorde, estará sendo palco de uma realidade?* (1)

*A sessão da ONU foi dominada pelo desejo de desarmamento. Mas, há sinceridade nisso? Será possível que se chegue à conclusão de desarmamento geral?*

*Há três profundas razões pelas quais as potências ocidentais vão a essa conferência para apreciar o plano de desarmamento.*

*A primeira é a que desejam tirar da Rússia êsse sucesso, pois que êsse país sempre comparece a tais Assembléias munida de planos dêsse teor com o fim exclusivo de fazer alarde, baseada na propaganda.*

*E então se vê que a Rússia propõe uma coisa e, como nada adianta, o Ocidente rejeita. Mas, na recente Assembléia, o Ocidente se antecipou a ela.*

*A segunda razão foi a de que os líderes ocidentais propuseram o plano de desarmamento, especialmente a América do Norte, a fim de dissipar a suposição entre as potências européias do Ocidente, de que os Estados Unidos estavam caminhando para uma guerra no Velho Mundo. Isso não era exato, pois Washington só estava interessado em tornar a Europa Ocidental bastante forte para enfrentar surprêsas e não negociar com a Rússia.*

*Desde que tais planos não tivessem como conseqüência deixar que a Europa viésse a cair nos braços da Rússia, a campanha de desarmamento tornar-se-ia perfeitamente viavel.*

*Terceira razão: as potências ocidentais, se propuseram o desarmamento é que, efetivamente, desejam o desarmamento, e estão dispostas a promovê-lo. Seu plano é perfeito e com tôda a seriedade.*

*A questão está agora em se saber se será possível chegar-se a entendimentos definitivos, aceitando-se sugestões satisfatórias e exequiveis, ocupando as Nações Ocidentais a liderança dos debates, contornando-se as controvérsias.*

*Com efeito, um país que está com a sua propaganda feita em todo o mundo como amiga da paz, como é a Rússia, ainda mais propaganda fará se realmente deseja a paz. Em vários pontos das propostas de paz, a Rússia deseja estar em acôrdo com as potências do oeste, embora, no papel, haja enganos entre as duas correntes rivais.*

*Um final feliz e definitivo será obtido, realmente, se ambas as correntes em choque mantivérem boa dose de confiança recíproca. Mas, infelizmente, não há tal confiança. Assim, a questão continua a debater-se entre duas correntes cautelosas, sem que ambas declarem o que, realmente, desejam.*

*Haverá esperanças de um ajuste cordial? A Rússia certamente desejaria o desarmamento, se pudesse estar certa de que nenhum perigo estaria ocorrendo.*

*Ela, certamente, gostaria de ver detido o rearmamento ocidental, particularmente o da Alemanha. Mas, por outro lado o rearmamento ocidental (na opinião da Rússia) encerra a excelente chance de um desastre econômico para a Europa ocidental. Isso criaria excelente campo para a propaganda comunista e sua exploração na Europa.*

*Moscou, talvez, esteja longe de ter certeza de que valha a pena pagar alto preço numa solução com o Oeste, neste momento. O Ocidente, por sua vez, não confia no desarmamento russo, a menos que a sua execução esteja garantida. No final das contas estamos num jôgo de cabra-cega cada qual a esperar que o outro parceiro se manifeste ou faça permutas, e que as garantias sejam bastante sólidas, mais firmes do que as promessas verbais ou mesmo as escritas.*

*Poderá vir um entendimento? Não há nenhum indício de que tal suceda. Os argumentos devem ir além das censuras amargas de parte a parte, e todo mundo sente que tais coisas não são convincentes, nem provam que ambos os lados desejem o desarmamento. Mas apenas um otimísmo sereno e construtor, um entendimento recíproco, poderá realizá-lo. — (Keystone).*

(1) Refere-se o A. à vila edificada pelo govêrno francês, em Paris, em curto prazo, destinado ao alojamento das numerosas delegações, funcionários, jornalistas, fotógrafos, cêrca de 10 mil pessoas ao todo.

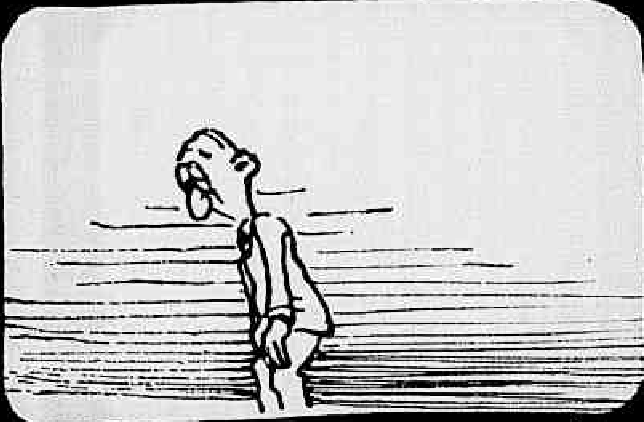




# ESTE MUNDO E O OUTRO

## Manual Prático do Oportunista

Criação de DARCY



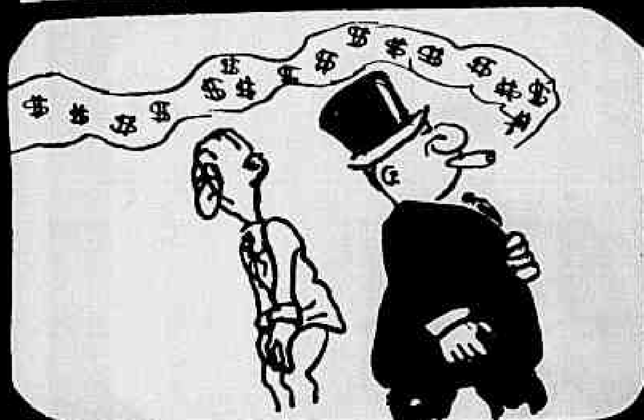
Há muita gente infeliz no mundo apenas porque não aproveita a sua vez.



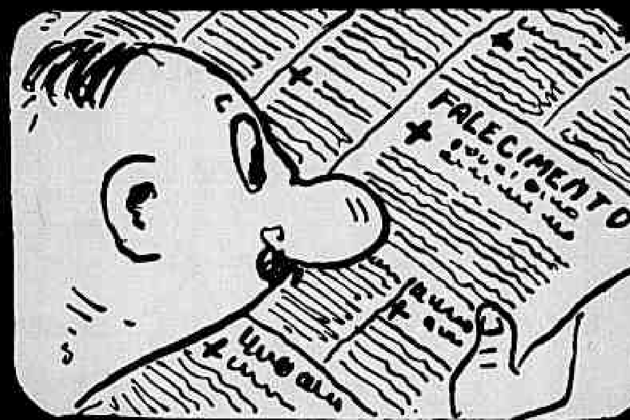

... corrija imediatamente o seu êrro, voltando atrás, prestando-lhe todo o tributo.




Saiba aproveitar a oportunidade que a sua amiga lhe oferece! ...



Todos têm a sua Oportunidade, mas se esquecem de que ela vai e não volta ...




Seja solidário com a dor alheia, tomando conhecimento da morte, de desconhecidos.




Ensine os seus filhinhos a serem sociáveis ...



Há homens insignificantes que não merecem a atenção de um oportunista de classe.



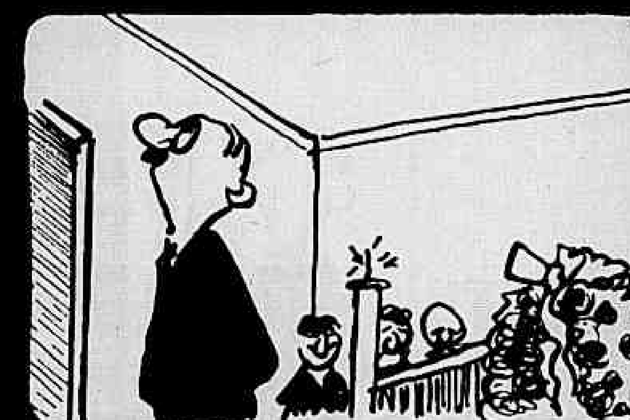

Vá à casa do falecido, se êste fôr o chefe da família enlutada ...




Mas saiba selecionar a amizade de seus filhinhos ...




Quando a Oportunidade passar, segure-a com tôdas as fôrças! ...



... bem que pode se tratar de uma casa cômoda a vagar-se, com aluguel antigo ...



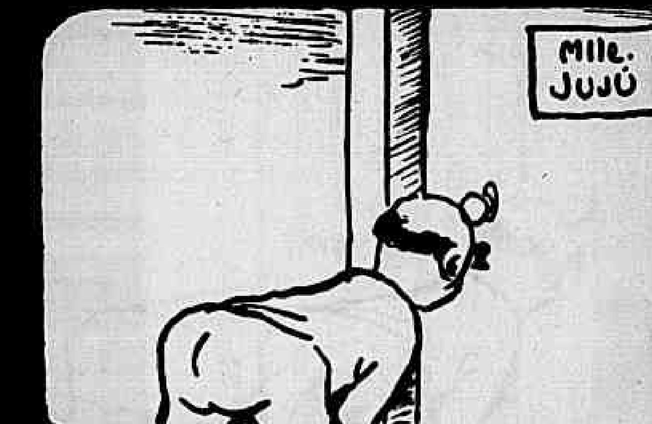

... e resolva o problema de suas férias, econômica e agradàvelmente ...




Bem, mas se você por acaso subestimou o valor intrínseco do homem ...




São poucos os que têm a oportunidade de ver um amigo viajar para o exterior.




Lembre-se! Aproveite a sua Oportunidade! ...

A esquerda: pessoas presentes à inauguração da impressora Offset HARRIS apreciam a notável máquina em seus primeiros movimentos.

# ARTE GRÁFICA E CULINÁRIA



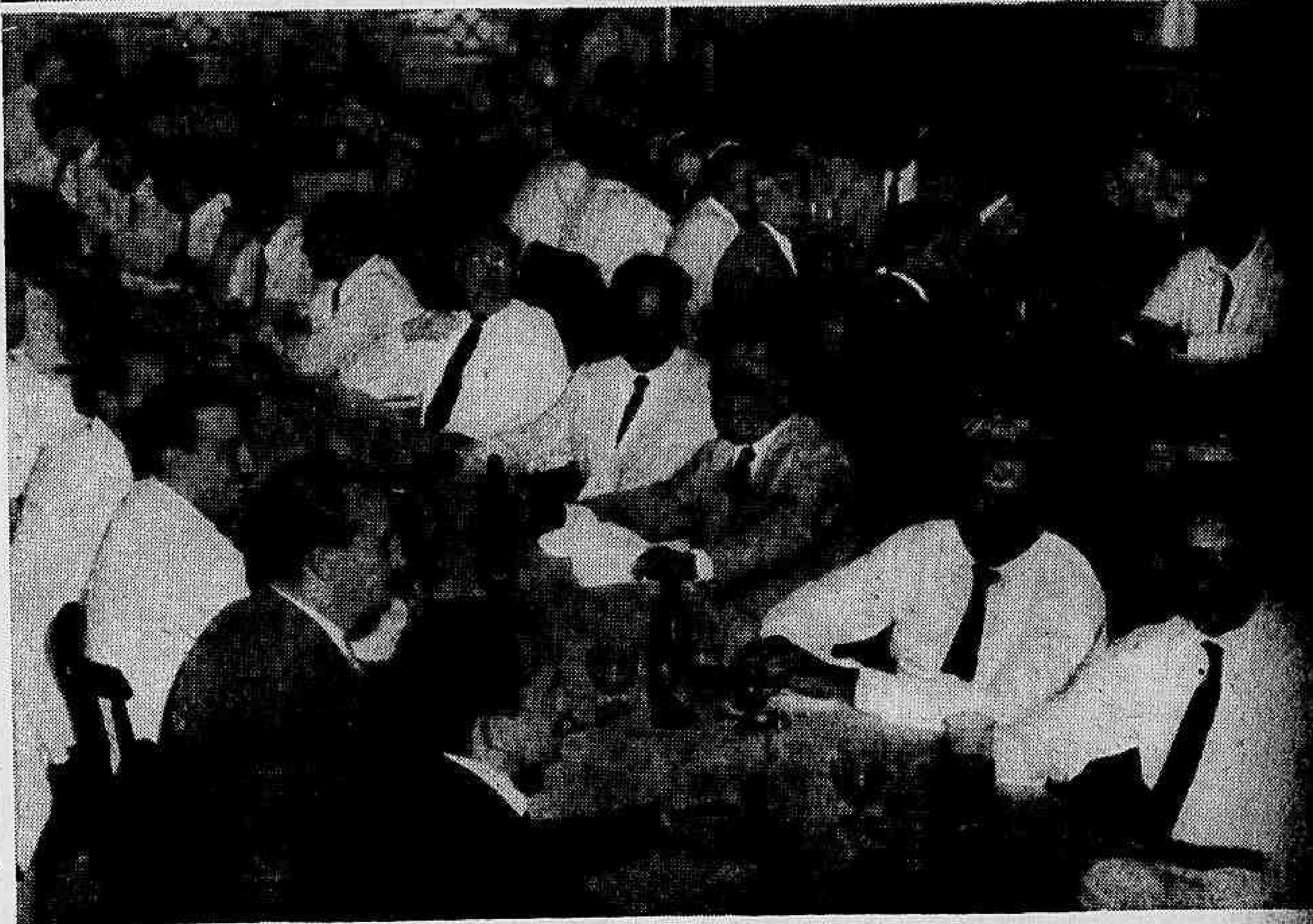
A direita: um grupo de destacados elementos da indústria gráfica. A contar da esquerda: sr. Antonio Haddad, diretor de «Vida Doméstica»; sr. H. C. Anderson, do Instituto Inter-Americano (Divisão Educacional); sr. A. S. S. de Brito Pereira, diretor da Imprensa Nacional; sr. Mario Torres Ferreira, diretor da Gráfica Almeida Marques; sr. L. R. Beck, da Harris-Seybold, dos EE. UU.; sr. J. Lage Filho, da Cia.. T. Janér; sr. José Ribamar, da Imprensa Nacional; sr. Ragnar Janér, diretor da Cia. T. Janér, e sr. Oscar Veloso, diretor da Papelaria Veloso, de Belo Horizonte.

A inauguração da máquina Offset "HARRIS" na nova oficina da Gráfica Almeida Marques, situada à rua 24 de Maio, deu motivo a uma reunião de leaders da indústria gráfica, que é o objeto da presente reportagem. Sendo a primeira impressora dêsse tipo instalada na América do Sul, esteve presente grande número de impressores, não só desta Capital como também de S. Paulo e Belo Horizonte.

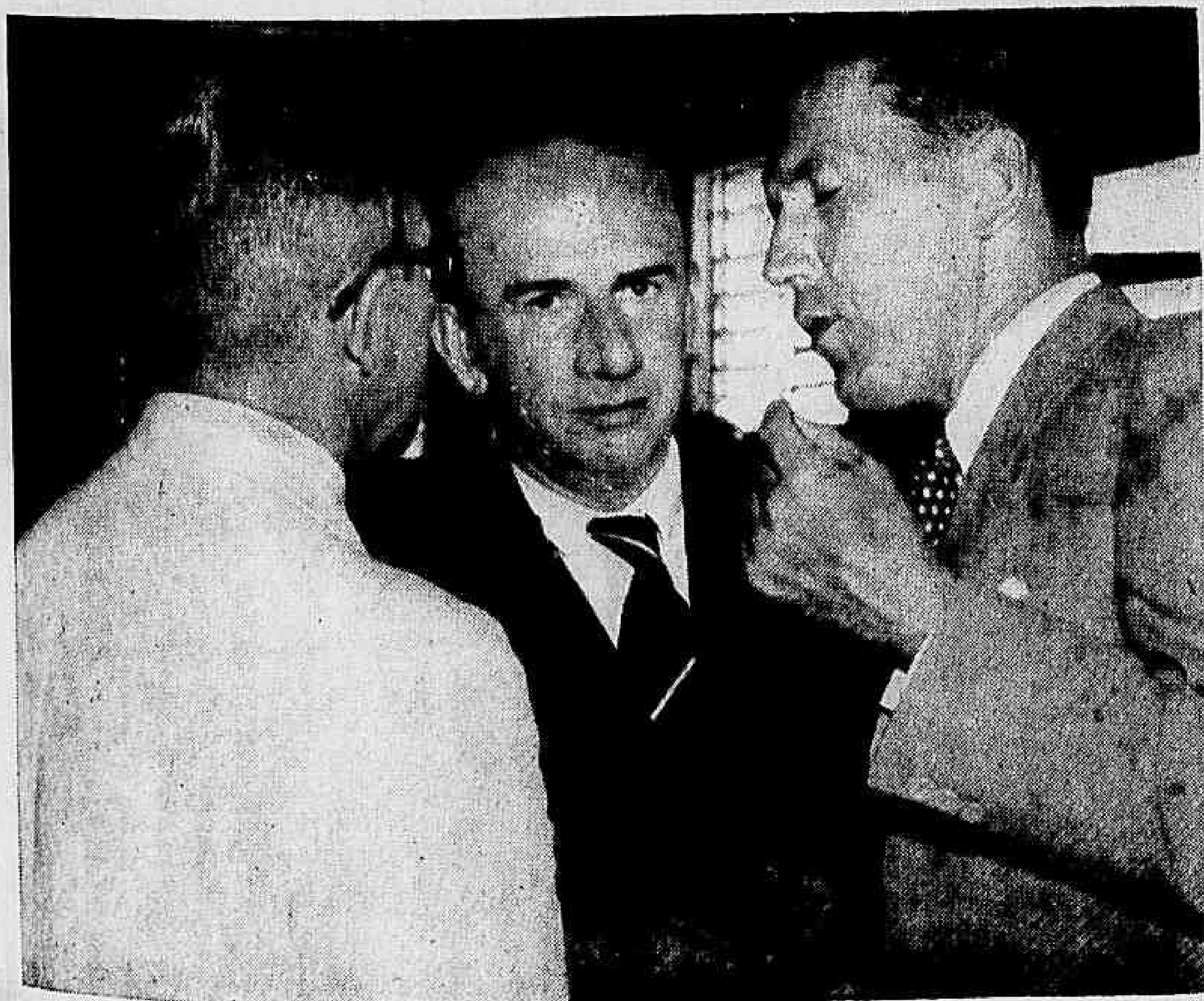
Após a solenidade inaugural, a firma fornecedora da máquina, a Cia. T. Janér, ofereceu um ótimo churrasco, durante o qual foram tirados os instantâneos que ilustram a página seguinte. Estiveram presentes ao almôço, além do homenageado, sr. Mario Torres Ferreira, diretor da Gráfica Almeida Marques, o diretor da Harris-Seybold, sr. Louis Beck, da firma T. Janér, os srs. Ragnar Janér, Lewis Dawson e José Lage Filho, êste com o seu corpo de vendedores. Entre os convidados, o repórter pôde anotar mais os seguintes: sr. A. S. S. de Brito Pereira, diretor da Imprensa Nacional; sr. Socrates Alves Pereira, da Imprensa Oficial de Minas Gerais; sr. Luiz E. R. Lassance, da Casa da Moeda; srs. Francisco Fontojos e E. W. Sheridan, do Instituto Inter-Americano; sr. Amadeu Pó, industrial paulista; sr. Arturo Vecchi, da Editôra Vecchi; sr. Fernando Vieira, da Oficina Gráfica Mauá; sr. Antônio Haddad, de "Vida Doméstica", e sr. Wencesláu Quintaes, de REVISTA DA SEMANA.

Por ocasião do almôço, o sr. Lage Filho fêz um discurso, enaltecendo o grande mérito do programa traçado pela Imprensa Nacional e pelo SENAI, educando futuros gráficos, sem os quais a indústria gráfica brasileira não poderá progredir. Referiu-se ao importante acontecimento que ali era festejado, destacando a oferta ao Brasil, pela fábrica HARRIS, de uma impressora Offset para aprendizagem, e agradeceu, a seguir, em nome dos anfitriões, a presença de quantos compareceram ao ato.





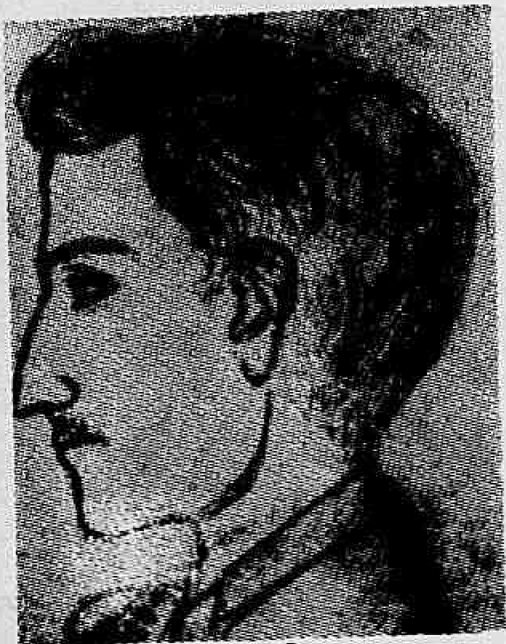
**As gravuras acima mostram aspectos do cordialíssimo churrasco que foi oferecido ao sr. Mario Torres Ferreira e demais convidados pela Cia. T. Janér. A máquina HARRIS deu o motivo e a culinária completou essa animada reunião de expoentes da indústria gráfica.**



**A esquerda: os srs. Ragnar Janér, Cicero Queiroz Brenner, diretor de Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, de Belo Horizonte, e Fábio Campos Mota, gerente da filial de T. Janér na Capital mineira, discutem sôbre as principais características da máquina HARRIS**

# SEMANA LITERÁRIA

## Álbum de família



*ALVARES DE AZEVEDO, cujo primeiro centenário de falecimento estamos comemorando agora, foi um dos mais luminosos e dos mais puros gênios de nossa poesia. A biografia do poeta da história impressionante e trágica de "Macário" tem sido muito desvirtuada. A oportunidade foi boa, para que se revisse um pouco de sua vida curta e inspirada. Dos estudos, artigos, crônicas e entrevistas que vêm aparecendo, certamente surgirá a vera efígie do poeta, dêsse menino que a poesia beijou na fronte, ainda em tenros anos. Registramos aqui a efeméride tão grata a quantos nos comovemos com a poesia e com o destino do poeta de São Paulo, certos de que sua revisão biográfica, iluminando a legenda de Álvares de Azevedo, não a fará menos bela, porém mais verdadeira e mais alta.*

**"Um Canal separa o Mundo"** é o título do novo livro do escritor Caio de Freitas, atualmente entre nós, depois de passar três anos na Inglaterra, a serviço do Escritório Comercial do Brasil na capital britânica.

O livro, que será lançado em breve pela Cruzeiro, constitui o depoimento do escritor sôbre a Ilha heroica, nos seus mais variados aspéctos e, desde que anunciado, vem despertando o interêsse que o nome do autor torna muito justo.

★

**Realizou-se** a 15 de abril p.passado, em Belo Horizonte, a recepção da Academia de Letras, para acolhida, entre os imortais montanhenses, do poeta Nilo Aparecida Pinto, autor de muitos livros de versos e poeta sobremaneira estimado do público, tanto de Belo Horizonte, onde reside, como do Estado e do Brasil.

Ao tomar posse, Nilo Aparecia pronunciou um substancioso discurso, desde logo fazendo honra à investidura que vem de receber.

★

**Luís Jardim** está submetendo à leitura de alguns amigos a peça que acabou de escrever, "O Palhaço".

★

**As publicações** do Museu da Bahia acabam de editar dois livros: "Cachaça, moça branca", de José Calasans, estudos sôbre o folclore e "Arquitetura Colonial Baiana", de Robert C. Smith.

★

**A Noite** lançará breve a "Antologia Poética" de Vinícius de Morais, contendo uma seleção de poemas de seus livros anteriores e os versos escritos pelo poeta depois de "Poemas, Sonetos e Baladas".

★

**Dois** livros de contos anunciados para breve: "Continhos Brasileiros", de Carlos Castelo Branco e "Primeiros Contos", de Otto Lara Rezende.

★

**Em edição** limitada, de 50 exemplares, foi lançado o livro "Poesias", de Paulo Gomiche, ilustrado pelo autor.

**Chama-se** "Caderno de Poesia" o livro com que estréia nas letras a jovem poetisa mineira Laís Correia.

★

**De Gastão de Holanda,** publicado pelo Teatro do Estudante de Recife, é o volume de contos "Zona do Silêncio".

★

**As Edições** Hipocampo anunciam um poema de Cecília Meireles, as edições "Revista Branca" e a novela "O Beco", de Renard O. Pérez.



**Edna Savaget que acaba de publicar «Contato», um volume de poesia moderna que está despertando justificado interêsse.**

# NA POEIRA DOS ARQUIVOS

● Na Série Clássica de Cultura, Os Mestres do Pensamento, José Pérez publicou obras notáveis. Nos "Comentários" (De Bello gallico) de César, versão de Sotero Reis, escreveu êle na introdução, Edições Cultura, S Paulo, 1941: "... se a nossa época está dominada pela preocupação de ordem científica — chegando aos exageros do cientificismo — os séculos passados foram dominados pela preocupação literária e histórica". Hoje, além da "preocupação de ordem científica" existe a ocupação da ignorância desocupada...

● A quem interessar possa... Diz o especialista G. S. Erwin em seu precioso "Guia para o paciente tuberculoso", versão de José Luzzi Júnior, anotada e revista por Paulo Minervini, Edições Melhoramentos: "Embora se deva considerar o ar puro como um fator desejável no tratamento da tuberculose, sua importância foi muito exagerada no passado, donde a idéia errônea, entre o povo, de que basta passar uma temporada no campo para que a doença se cure"... (1952, pg. 39).

● Lúcida esta advertência de Ramalho Ortigão, pg. 190 das Obras Completas, As Farpas, XIV, Livraria Clássica Editôra, Lisboa, 1946: "... os galicismos, os germanismos, os inglesismos não são muitas vêzes uma invasão da língua, são uma comunicação das civilizações".

● Nossos aplausos ao historiador Frederico Sommer pela sua obra "Guilherme Luís, Barão de Eschwege", vol. 10 dos Arquivos Históricos das Edições Melhoramentos, 1952. Justa homenagem do autor a quem tanto nobilitou a ciência brasileira. Sommer acentua, pg. 69 de seu formoso livro, onde se encontram valiosas indicações da vida e dos trabalhos de Eschwege: "... foi

● Teria Achiles Alves interrompido a publicação de suas "Breves noções de português"? Simples e claras, concorrem para diminuir os atentados contra esta belíssima e desprezada mulher que é a língua portuguêsa...

● Afinal, a capital do país vai erguer um monumento à maior fôrça mental de nossa Pátria! Em verdade, Rui é uma glória de tôdas as nações. Escreveu, com justiça, o nem sempre justo José Honório Rodrigues, "Notícias de várias histórias", Livraria São José, Rio, 1951, pg. 138: "A poderosa inteligência de Rui não parece cansar-se nunca na sua incessante expressão. Êle nunca folgou com a injustiça, mas sempre com a verdade".

● "... o progresso técnico, embora muito importe, nada significa sem que o homem aperfeiçoe as suas qualidades morais, os seus sentimentos e as suas aspirações para o bem" — pg. 6 do prefácio de "10.000 anos de descobertas", de Bruno Kaiser, xilogravuras de Paul Boesch, versão de Roberto Luiz Ferreira de Almeida, Edições Melhoramentos.

● Foi em 1919 que surgiu, em Niterói, trabalho da casa editôra Jerônimo Silva, a coletânea de poetas fluminenses organizada pelo intelectual Armando Gonçalves: "Colar de pérolas". Algumas pedras preciosas e muito cascalho...

● Henrique Perdigão, "Dicionário universal de literatura", Barcelos, 1934, Portucalense Editôra, pg. 688, fala dos "Sertões", do genial Euclides da Cunha: "obra de pensador e de artista, nela há a admirar tanto o poder evocador dos cenários selvagens do Brasil, que nenhum escritor levou a maior perfeição, como a beleza suntuosa do estilo."

# O vestido

(LAGO BURNETT)

*O vestido súbito se*
*enche de presença*
*sugerindo formas*
*no intimo vácuo*
*Ao vento resiste*
*opondo-se integro*
*como o som à*
*luz tornado clarim*
*Area vasta on-*
*de desenvolver-se*
*o vestido implica*
*dinânico e uno*
*Subjuga-se ao*
*ventre retraido e*
*apresenta os seios*
*aptos à explosão*
*Goza o brusco ajuste*
*das coxas realizadas*
*e até regozija*
*as espáduas que*
*em goles entende*
*a cabeleira insólita*
*cooperando inútil*
*com a imagem e se*
*inserindo no hábil*
*instante translúcido*
*do vestido so-*
*nhando conteúdo.*

(Inédito)

# Poesia

(CABRAL DO NASCIMENTO)

*Se alguma coisa quero,*
*É feita de tão pouco!*
*Sem dor, sem desespêro,*
*Sem um anseio louco.*
*Ah, fôsse amor ou ódio*
*Inveterado! Fôsse*
*Uma ambição precoce,*
*Um desejo seródio!*
*Mas não. É um sonho ôco*
*Redondo como um zero.*
*Vai-se-me a vida a pouco.*
*Vai-se-me a vida, e espero.*

(Inédito)

# FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

## CONTATO

*TRATA-SE de um livro de estréia, é evidente. Entretanto, é evidente, também, que se trata de uma legitima vocação poética. Edna Savaget não é uma desconhecida no mundo da poesia. Pertence à geração dos "novissimos" e frequenta o grupo da estimadissima "Revista Branca". Tem publicado esparsamente, na imprensa, e agora enfrenta a grande aventura. A crítica sisuda dirá talvez que ela devera esperar maior amadurecimento de sua personalidade. A nós nos parece que ela se fêz um grande bem, libertando-se dêstes primeiros poemas e, assim, ficando com as mãos livres, as asas livres para vôos mais amplos. Todos os que fizeram a experiência sabem como é útil essa libertação. Além disso, Edna Savaget tem apurado espirito critico, sabe selecionar e, por certo, não terá nunca que se arrepender de sua estréia — o que aliás é caso muito raro. E' que seus poemas, revelando aquela vocação, o dom poético de que acima falamos, também apresentam originalidade, o traço pessoal, a garra: ela domina com facilidade o ritmo, sabe tratar seus temas e, de fato, se comunica e nos comove, através seus versos, sempre de inflexões acentuadas, de lirismo sincero. Dominando o vocabulário, sabe valorizar as palavras e sabe conduzir com facilidade a estrutura de cada momento poético. Se alguma coisa temos a reparar aqui é uma certa dificuldade de terminar, uma preocupação de acabamento, o lavor de fechar os poemas e uma busca fortuita à "chave de ouro". Contudo, isso não acontece sempre, apenas em algumas páginas se faz particularmente sensivel, o que diminui a grandeza do conjunto. Há também alguns poemas vincados de descaidas subitâneas, depois que haviam se alçado a uma altura que nos fazia esperar o grande acontecimento, sem a grandiloquência.*

*A maioria dos poemas de "Contato" representa uma contribuição significativa à nossa nova poesia, uma poesia como raramente se encontra, principalmente no mundo feminino, sempre fiel à rima e ao metro. Assim, o caso desta poesia nos parece muito mais digno de nota. Não se apresenta Edna Savaget como uma simples virtuose: ela está integrada no seu tempo, na essência e na forma de seu tempo, sente com atualidade e vibração e seus poemas, de um sensualismo tépido, se inserem logo na hora que vivemos, com suas inquietações e seus desesperos.*

Edmundo Lys

A MINIATURA DESAPARECIDA — O que caracteriza o gênero policial é a violência, o crime, o inverossímil. De modo geral, evidentemente. Sem qualquer dêsses elementos, o autor de "Três homens na neve" e "As duas Lolotas" escreveu um romance que fascina o leitor pela simplicidade e pela fôrça do entrêcho, natural e empolgante. Chama-se "A miniatura desaparecida" esta obra de Erich Kaestner, inaugurando a série de Novelas de Mistério das Edições Melhoramentos.

O MELOHR LUGAR DO MUNDO — De Ethel M. Rice, com excelentes ilustrações, o livrinho das Edições Melhoramentos "O melhor lugar do mundo", em cujas páginas um gato e um cão desenvolvem incriveis aventuras, para encanto da garotada e sossêgo dos pais — pois, enquanto a leitura prende, brandamente, os petizes, o lar fica tranquilo...

A LÍNGUA PORTUGUÊSA PARA ESTRANGEIROS — Dando noções muito úteis sôbre a nossa pátria, da geografia à literatura, além de ótimas lições práticas, ensinamentos de gramática e de tupi, ademais dum vocabulário português, alemão, italiano, francês e inglês, o livro "A lingua portuguêsa para estrangeiros" surge em 3ª edição bastante aumentada e modernizada. Sua autora, Hermine Weise Topker, deu, ao trabalho, um sentido objetivo, que presta os maiores serviços. Realização gráfica das Edições Melhoramentos.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS ENCONTRA O COELHINHO BRANCO, de Walt Disney, é um primor para os olhos e para a vivacidade mental da infância, por ser uma história lindamente colorida e atraente. Livrinho das Edições Melhoramentos, é mais um a enriquecer a biblioteca formada pela conhecida editôra para satisfação da gente de palmo e meio.

ENCONTRO COM A VIDA — "Encontro com a Vida" é a história de um homem solitário e desajustado, contada por êle próprio.

Neste livro doloroso, mas nem por isso pessimista, o leitor encontrará o drama de Augusto, que às primeiras páginas se analisa com uma impiedade desesperadora: "Não sei coisa alguma. Nunca consegui saber o que quer que seja, apesar do mundo que tenho e dos estudos que fiz. Quarenta anos de vida, nenhum de conhecimentos ou experiência. Aprendi línguas, li tôdas as grandes obras do pensamento universal, andei metido em todos os movimentos sociais e literários dos últimos vinte anos. Resultado: nada... E a idéia volta, apaga o resto das lembranças, acomoda-se dentro de mim, enchendo tudo. A sensação do meu fracasso aumenta. A consciência da minha inutilidade também. Fico sendo de novo um trapo velho qualquer, que aquela gente tôda despreza e espezinha. Sinto necessidade de apertar-me os braços para convencer-me de que ainda existo."

"Encontro com a vida" é também a história da reeducação sentimental de um homem que, através do sofrimento, reencontra a paz e um estimulo para viver.

O autor pertence à corrente dos realistas românticos e seu livro está escrito com objetividade e clareza, sendo grande também o seu conteúdo espiritual e a sua mensagem de esperança.

Álvaro Delfino, o autor dêste romance qeu agora a Editôra Globo publica, é gaúcho e reside na cidade de Rio Grande. Cronista e novelista, tem publicado seus trabalhos em diversos jornais e revistas do Brasil.

Homem modesto e retraido, avesso a publicidade, vive êle no seu canto sempre às voltas com os livros. No momento em que aparece "Encontro com a Vida" acha-se êle a trabalhar num novo romance.

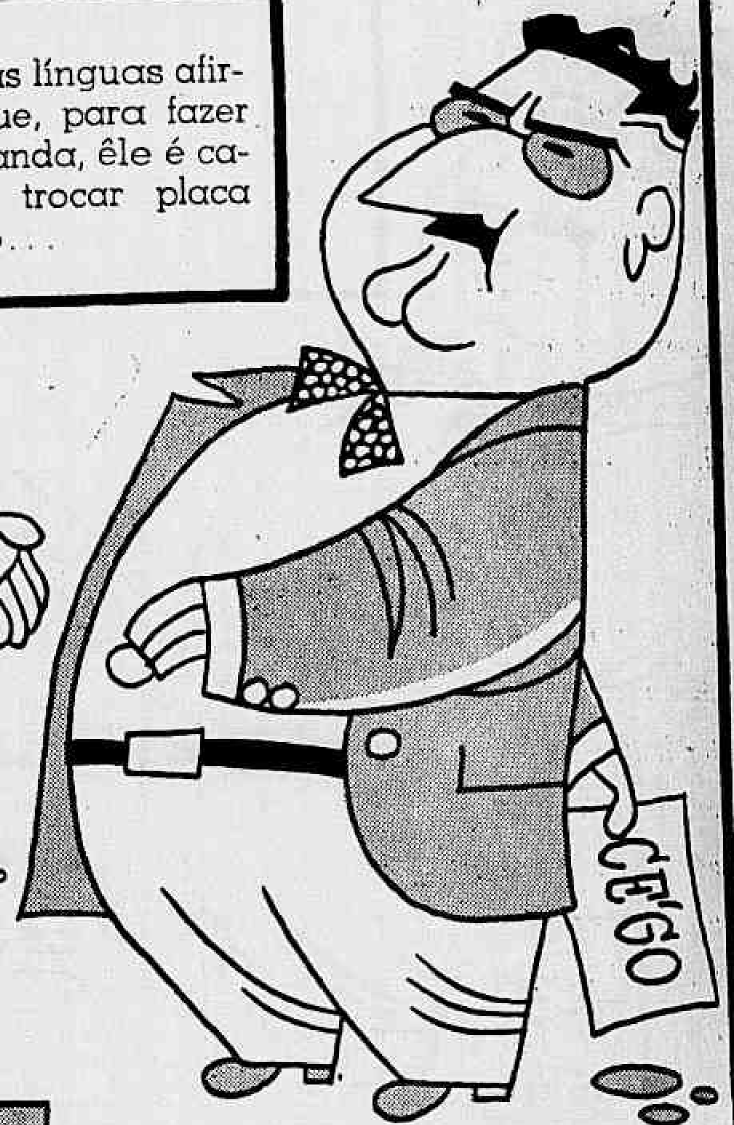
# REMEMBER 1950



E' cedo para cuidar da sucessão, dizem, esquecendo os cartazes do ADEMAR, êle que está sempre no CARTAZ!

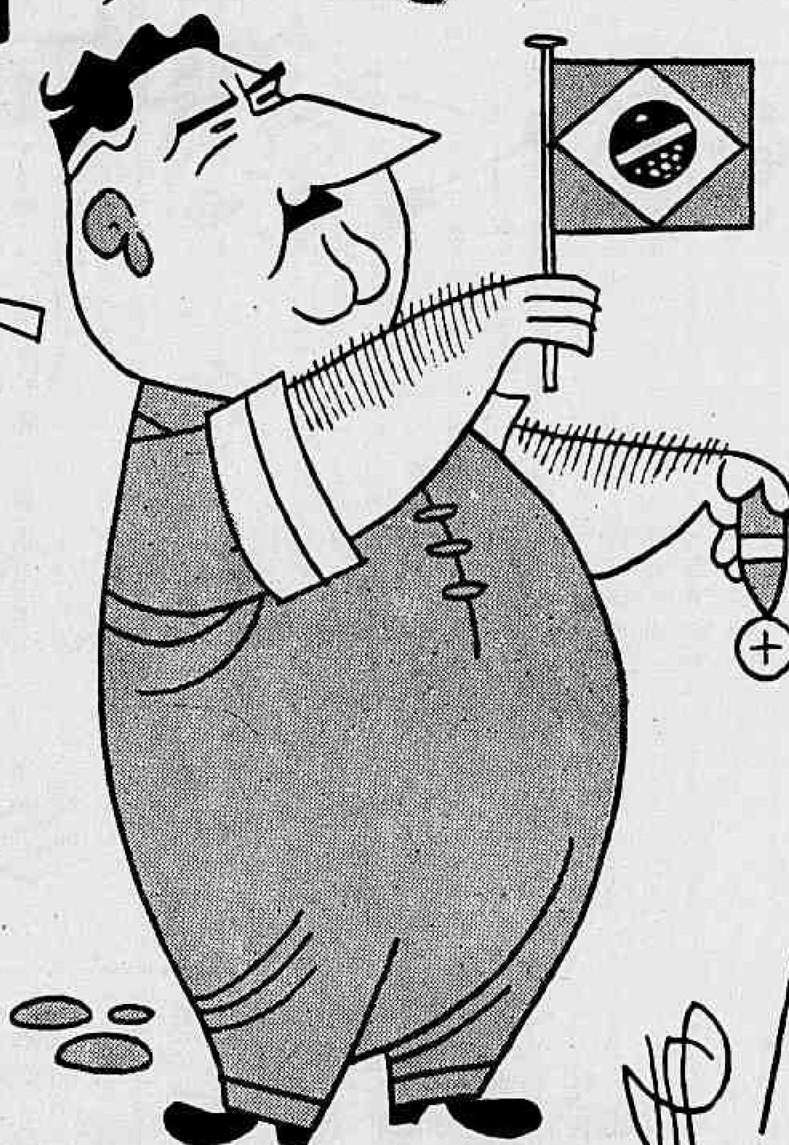



As más línguas afirmam que, para fazer propaganda, êle é capaz de trocar placa de cego...














Um cavalheiro distraído, um "camelot" a mais... Voou para o Chile e através do microfone **voou** para cima de todo o eleitorado; sentou-se no gramado, beijou a camisa dos "cracks", enquanto os **Pachecos** resmungam: E' cedo ainda... Breve, o netinho pedirá ao vovô: **me** dá um **nique** pra **comprá** bala de figurinha **ADEMÁ?!** Será aí a HORA?!

## Luto na macumba

# MORREU O HOMEM QUE DESAFIOU O DIABO...

Texto de JOSÉ ASMAR

Fotos de JULIO HORTA BARBOSA





Os tambores soaram no morro a noite inteira, a partir do momento em que o velho macumbeiro cerrara os olhos. Ficou uma cadeira de Ogum vazia.

SEGUE



Rodeado pelos «Filhos de Santo» (sua jovem esposa aparecendo à esquerda: aquela que o indispôs com Exu), João Alfredo, o velho macumbeiro da Gávea, risca no terreiro um «esquema dos seus espíritos».



Nessa casa de sopapo funcionou durante muitos anos o «Terreiro de São Sebastião», onde João Alfredo era «absoluto». Ninguém avaliará o número de pessoas cultas que ali assistiram às feitiçarias do velho.

O ATAVISMO AFRICANO MOVIMENTA-SE NA GÁVEA. ★ "TERREIROS" QUE FORAM VISITADOS POR GENTE ILUSTRE. ★ O MACUMBEIRO JOÃO ALFREDO DE OLIVEIRA NÃO PÔDE RESOLVER O SEU PRÓPRIO CASO DE AMOR. ★ OS CÂNTICOS LÚGUBRES DA DESPEDIDA. ★ "SEU" OGUM COMEÇOU DEPOIS DO CARNAVAL... ★ GUERRA FRIA NO "TERREIRO" DE SÃO SEBASTIÃO.

VAMOS subir o morro. Vamos ver o velho macumbeiro que morreu como qualquer mortal e que está extendido sôbre a mesa singela e cambaia, no meio do "terreiro" povoado de gente melancólica e dominado pelo mistério dos espíritos que dizem estar penando.

Ensinam-nos o caminho:

— Vai pela estrada da Gávea, pára no número 250. Aí, não há casa. Há uma cancela. Passa por ela e pega o trilheiro aberto pelos pés de sabe lá quantos crentes e curiosos.

Numa fralda do morro é a Vila Laboriau. Acertamos com o casebre do famoso João Alfredo de Oliveira, acabado aos 64 anos de idade (asseguram de cochicho que aos 71) e com vinte e tantos de feitiçaria. Parece que um choro de mulher escapa pelas fendas do pau-a-pique e o sol domingueiro não destrói a impressão lúgubre. Dentro, sôbre o chão batido, o cadáver vestido de negro está entre quatro velas como todo cadaver de pobre. Ao redor, as mulheres o olham e uma apenas o pranteia. E' Celina, uma dos cinqüenta e muitos filhos que, qual um patriarca, João Alfredo foi largando sem se dar ao trabalho de fazer lista.

## O CARNAVAL, UM CRIME E UM CASO PASSIONAL

Até agora não há cerimônia especial. Falam da vida do finado. O faroleiro, vestido com o melhor terno, conta-nos que não acredita em macumba. Justifica a sua presença:

— Era amigo do João. Vim p'ra dizer-lhe adeus.

Narra, então: o homem nascera em Ouro Prêto. Teve meio crescimento no ambiente que nunca perdeu os vestígios da vida que o negro escravo teve. De lá, veio acabar de crescer em Copacabana, ao tempo em que Copacabana era um valhacouto de personagens adequadas para cada espécie de crime. João Alfredo fazia as suas farras e, no Carnaval, comandava os "Cravinas" e até o "Chuveiro de Prata". Um dia, entrou em desavença com "Zé do Senado", caboclo de nome e desabusado. Semanas mais, matou-o a tiros. Foi prêso por um ano, saiu, deshonrou a filha da portuguêsa Eduarda. Sucedeu que Eduarda se dedicava ao culto dos Orixás. Conversou com João e foi arrastando-o para a macumba. Com êle, outro que seria célebre nos "terreiros": Tomaz de Aquino Agnelo. Estava, assim, com a sina traçada. Frequentou feiticeiros, não deu confiança ao "Livro de S. Cipriano". Meteu-se na prática bruta, bulindo com materiais de "chamar espírito" e a soltar os primeiros "despachos".

— Teve vez — acrescentam — que êle mostrou a Tomaz de Aquino Agnelo a supremacia do seu Exu. Isso o engrandeceu.

## DESAFIOU O DIABO!

João Alfredo de Oliveira conquistou a gente simples. Infligiu-lhe a impressão de que sem os seus santos, os seus "manifestos", tudo era impossível. Formou "terceiro" na Vila Laboriau. As sessões se sucediam e o número de participantes crescia. No meio do mato, fêz mais dois "terreiros". E desandou a "trabalhar", a aconselhar a uns, dar garrafadas a outros, "encomendar" vinganças e a engravidar mulheres.

— Quantas êle possuiu? — perguntam-nos.

Nós não sabemos, evidentemente. Nem, tão pouco, sabem os que lhe foram mais íntimos. Fornecem informação ilimitada:

— Quantas êle desejou. O seu Exu era o mais forte: Lucifer.

— Lucifer?!

— Pois era! Bastava êle ter uma questão p'ra resolver, batia na mesa, fazia uma reza braba e invocava o Diabo. Não havia caso de amor que não se desinguiçasse.

A cisma coage a revelação:

— Um dia, êle quis se casar. Achou bonita e menina a Ondina Sarandó. Demorou pouco, acrescentou Oliveira ao nome da moça. O Diabo havia dito "não". "Seu" Ogum, entretanto, desafiou-o: era bobagem de Lucifer. Mas — Deus que esteja no céu — Ondina foi tendo um, dois, três filhos e há uns quatro meses ela o deixou.

Olegário de Oliveira, descendente do velho macumbeiro, junta:

— E morreu a caçulinha que ela levou, a Jucirema, que era o encanto do pai.

Passo tardo, sem entusiasmo para as sessões, com outra casa, na rua Marquês de S. Vicente, 225, fechada e desfalcada de bens, João Alfredo foi percorrer as imediações do principal "terreiro" da Vila Laboriau. Sofreu um ataque cerebral.

— Ficou até "esquecido" de um braço. E, às cinco horas do dia 20, morreu quase sòzinho!

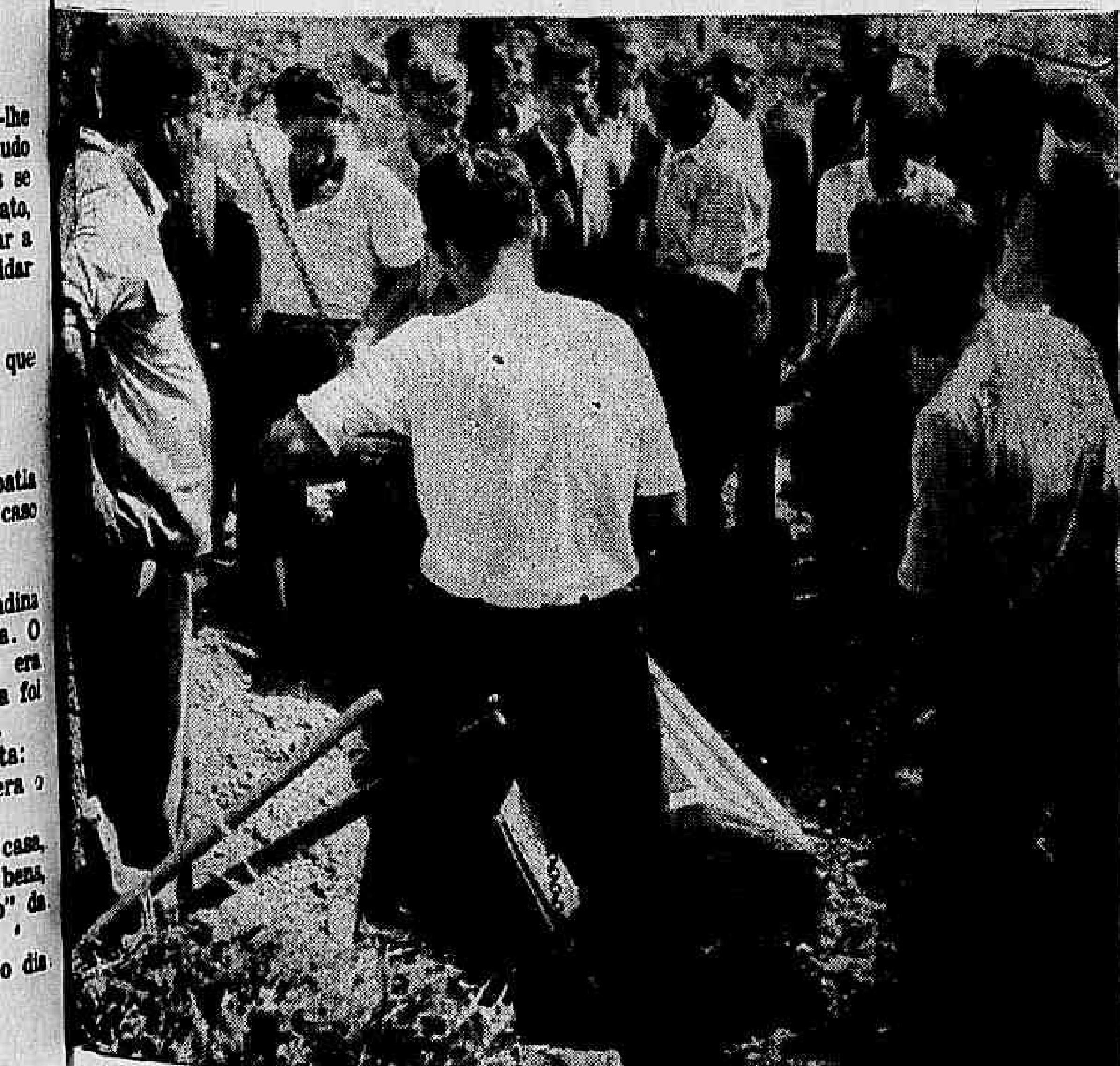
## O SANTUARIO DESVENDADO

Saiamos do passado do macumbeiro. Vamos ver-lhe o santuário. Havemos de vencer, antes, ponderações em louvor do rito místico e bojudo de superstições. O quartinho cheio de coisas encerra um mis-

(Cont. na pág. 54)



**OS FEITICEIROS TAMBÉM MORREM — Vestido com uma farda branca, de botões dourados, com alamares, João Alfredo está pronto para ir à presença de Exu.**



**A SEPULTURA N. 3.313 — Foi essa cova rasa que recebeu o corpo do velho macumbeiro. Alguns amigos, algumas lágrimas, e um entêrro comum, sem ritual.**

# TEATRO

## "HISTÓRIA SENTIMENTAL

ANTIGAMENTE, a moça cu o rapaz de boa família que pensasse em ing... sar no teatro, contaria logo com a oposição feroz dos pais, dos parentes... palco era visto quase como um lugar de prostituição. Hoje, a opinião mu... graças em grande parte, ao movimento renovador dos amadores. As possib... dades de futuro é que se conservam as mesmas, pouco sedutoras.

Acontece também, que certos movimentos amadorísticos provocam taman... agitação nos meios juvenis, que muita gente deixa os estudos ou as suas p... fissões para ingressar sem maior vocação no teatro. E o resultado dessa c... fusão é um grande número de "displaced persons" que não chega nunca a... realizar no teatro e que tão pouco se acha capaz de voltar atrás, para... suas antigas ocupações.

No Brasil, o teatro ainda está numa fase primária de formação. Para um... turo melhor, contribuem como podem duas escolas, que por várias razõ... estão longe de corresponder às necessidades do momento. Fazem o possí... para criar uma verdadeira mentalidade profissional.

Mas, as chances que aguardam os jovens diplomados, que pretendem... dedicar a um teatro mais elevado, são ainda precárias. Sòmente os que n... ceram com vocação para a "revista", encontram realmente um campo fé... para o seu talento.

Na maioria das vêzes, o jovem se inicia no teatro, trabalhando numa com... nhia de amadores. Se tem talento é elogiado pela crítica e não tarda mu... uma das companhias profissionais lhe oferece um contrato. Se o felizardo... bem parecido, transforma-se logo no galã da companhia. Quando se trata... uma moça, que é bonita, cabe-lhe os papéis de filha, de ingênua ou manequ... de luxo. Mas, se por acaso, a natureza lhe foi ingrata, a jovem fica mofan... apesar de todo o seu talento.

Acontece, porém, que os jovens sonham sempre muito alto —interpreta... Hamlet, Édipo, Ofélia ou Jocasta. E o caminho para a glória começa a lhes p... recer muito longo e penoso. Será que não há outra maneira de alcançar a fam... Ouve as conversas do diretor da companhia: o tempo é dos piores para ê... negócio de teatro. O público não gosta de peças sérias. Quer rir, desopilar... fígado, esquecer as dificuldades da vida. Chorar, não!

Os jovens acabam se conformando com os papéis que lhes dão. Não h... nada a fazer. Também, o ordenado não é todo mal assim. Dá muito bem pa... pagar um pequeno apartamento, comprar as roupas — um galã deve and... sempre bem vestido e a garôta deve acompanhar a linha da moda.

Com os anos, os jovens de ontem, cheios de grandes ambições, começam... esquecer Hamlet e Ofélia. De vez em quando, depois do espetáculo, nu... mesa de bar, conversam com um amigo e se queixam da sorte, do teatro bra... leiro, do Brasil, do govêrno, do diretor da companhia. Tudo está errado. Qu... irá resolver o problema do ator?

No entanto, é preciso continuar trabalhando: faz dois anos que o galã... casou com a jovem bonita da companhia. Veio o primeiro filho e durante a g... videz, a moça teve que pedir licença. Hoje, com o segundo filho, está m... nervosa e menos bonita também. Perdeu aquela frescura dos primeiros a... com os afazeres domésticos e o trabalho noturno do teatro. Por fim, teve... resignar-se a deixar a companhia. De vez em quando, uma saudade mai... leva-a de volta ao palco. Mas é só por pouco tempo e para interpretar pap... de segundo plano, de mulheres infelizes.

Agora, o jovem galã, entrando francamente na casa dos trinta, tornou-se... Deus nos acuda de um público feminino numeroso. A sua maneira de and... de pôr a mão no bôlso (êle nunca soube o que fazer da mão esquerda),... olhar um tanto petulante em direção à platéia, onde êle sabe que as suas f... estão seguindo emocionadas o desenrolar da frama. Todos os truques e mu... "cacos" fizeram daquele jovem estreante um "ator consagrado", um verd... deiro sucesso de bilheteria.

A mulher, em casa, é que não está muito contente com a popularidade... marido. E a vida no lar se transforma num verdadeiro inferno. As cartas d... "fãs" servem de pretexto para as brigas. A nova "estrêla" da companhia,... para o casal por duas semanas. E depois vem a reconciliação entre lágrimas... beijos ternos.

Tomado completamente pelo sucesso, êle já nem se lembra mais dos se... velhos sonhos de um teatro maior, das peças de Shakespeare e Molière.

O seu ordenado foi aumentado, duplicado. Dá quase todo o dinheiro pa... casa. Apesar disso, as rixas continuam e o nosso galã começa a tomar cer... liberdades fora de casa, desabafando com as amigas mais compreensivas. O... a vida é realmente insuportável para uma jovem senhora que um dia se im... ginou representando a Julieta.

**MARTIM GONÇALVE...**

# "NOVELA PARA VOCÊ"

## Ás 22 horas na RÁDIO BANDEIRANTE

NINGUÉM ACREDITAVA QUE ERA POSSÍVEL ABRIR ESSA NOVA FRENTE RADIOFÔNICA. ★ IVANY RIBEIRO RESOLVEU ENFRENTAR A SITUAÇÃO E AÍ ESTÁ AGORA A SUA PROGRAMAÇÃO COMO UMA DAS MAIS OUVIDAS DOS HORÁRIOS NOTURNOS DO RÁDIO PAULISTA.

São muitas as cartas, não é Ivany? Parabéns a você, ao anunciante e aos ouvintes, numa trindade que se completa, cada uma em razão da outra... Você porque brilha, o anunciante porque tem boa propaganda e o público porque pode ouvir boas novelas...





Sem dúvida para dar brilhante interpretação aos seus primorosos trabalhos, Ivany Ribeiro conta com Gerry Fonseca e Maria Dávila, duas das mais destacadas estrêlas do cast da H-9.

Quatro elementos que completam a interpretação das "Novelas para você": Alceu Silveira, Ruth Schelske, Luzia Montez e Enzo de Almeida Passos.



ESTANDO o rádio brasileiro atualmente com uma programação de novelas bastante elevada, ninguém podia supor que seria possível encontrar novos horários nas emissoras para apresentar êsse popularíssimo tipo de programa. De manhã, à tarde e à noite, já todos os horários propícios à irradiação de episódios teatralizados estão tomados. A Rádio Bandeirantes, uma das emissoras que maior capricho vem dando ao gênero, resolveu descobrir novas oportunidades para que o ouvinte de novelas pudessa apreciar as suas audições preferidas. Foi escolhido o horário das 22 horas. Muitas pessoas entendidas em rádio não acreditaram nas possibilidades dêsse horário para o gênero. Ivany Ribeiro, a consagrada escritora paulista, foi das primeiras a enxergar longe nesse assunto e se decidiu enfrentar qualquer risco. A novela para você foi apresentada, há pouco tempo. E os resultados não se fizeram esperar. Com a primeira novela — "O pão nosso de cada dia" —a reação dos ouvintes foi a mais auspiciosa. Com a segunda — "Almas em pecado" — subiu grandemente a sua preferência. Com a terceira — "O quarto mandamento" — o resultado foi espetacular... Para ser comprovada essa preferência, Ivany Ribeiro promoveu um grande concurso durante a irradiação desta novela das 22 horas, recebendo um grande número de cartas — 25.000 — de ouvintes não só de São Paulo, mas de muitos Estados do Brasil. Atualmente, o mais popular horário de novela da noite, em São Paulo, está apresentando outro grande sucesso Ivany Ribeiro em "Novela para você" — "Os filhos da Noite" — sempre sob o patrocínio do Óleo de Peroba. Dentro dessa programação continua em crescendo o sucesso das audições anteriores, podendo-se avaliar essa popularidade especialmente em face da quantidade de ouvintes que estão se candidatando aos valiosos prêmios oferecidos pelo concurso que se realiza dentro do programa.



**Aqui está Ivany Ribeiro sorridente com os êxitos que vem alcançando, entre os quais se inclui agora a sua "Novela para você". Ao seu lado, estão Isa Leal, programadora da H-9 e Lucilia Freire, a consagrada rádio-atriz da Bandeirantes.**



**Está para ser visto um sucesso tão grande numa audição radiofônica às 22 horas. A Rádio Bandeirantes leva a palma mais uma vez. Eis um flagrante convincente.**



**Darcio Ferreira, Diretcr Artístico. Constantino José Bruno, Diretor Gerente. O contemplado e Iv Ribeiro, no momento em que era entregue o prêmio do concurso promovido por "Novela p você" — uma máquina de costura.**



# A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

HAVIA outras flores, como, por exemplo, as orquídeas de Porter.

— E agora, que flores vai usar, — pergunta a prima Patty com voz meio gaiata, onde se percebia uma pontinha de ansiedade:

Mary leva as violetas, e Porter ficou visivelmente contrariado durante todo o tempo do teatro.

Ao deixarem o espetáculo, Mary sentou-se ao lado dêle no carro em direção ao restaurante onde foram cear. Porter murmurou:

— Assim, as minhas orquídeas foram desprezadas, como inúteis...

— São esplêndidas, Porter.

— Mas você preferiu as violetas. Quem lhas enviou, Mary.

— Não fale com êsse tom de voz, ao perguntar.

— E' porque você não quer dizer-me!

— Nada disso. E' que você tem essa maneira de perguntar!

E Mary, em tom de imploração:

— Não vamos discutir por isso. Deixe-me esquecer nesta noite o mundo das discórdias, do trabalho e dos aborrecimentos. Deixe-me ser Mary Rebelle, feliz, sem preocupações, até que tudo recomece amanhã pela manhã!

Ela pronuncia estas palavras muito docemente, e havia lágrimas em sua voz. Porter a olha surprêso.

— E' assim que você encara a vida agora, *coisinha ruim?*

— Sim. E quando você se amola, eu ainda a acho pior.

Mulher no mais amplo sentido, Mary confundiu Porter e o caso das violetas e das orquídeas foi esquecido.

Quando chegaram à grande sala de jantar decorada de vermelho, Porter ia mostrando à prima Patty, coisas que ela jamais pensara ver em sua vida. A felicidade que lhe dava tanta coisa deslumbrante era visível em sua face. Ela comia a olhar para todos os lugares com o semblante de uma criança feliz, embora em momento algum perdesse o seu ar de dignidade serena que tanto a diferençava das outras mulheres, no mais "chic" da moda que se viam por todos os lugares do salão.

O espetáculo daquele ambiente produziu a mais profunda impressão na prima Patty. Para ela aquilo tudo não era uma reunião de gente disposta a comer e beber a fartar durante horas e horas da noite roubadas ao sono. Para ela aquilo era como o país das fadas: tôdas as mulheres eram maravilhosas, todos os homens, celebridades. E o ouro das luzes, as rosas dos vasos disseminados no salão, o murmúrio das vozes, a doce modulação da música da orquestra, o estalar de risos cristalinos que esfusiavam por tôda parte, tudo isto era como uma mágica que poderia desaparecer dum instante para outro, e deixá-la em meio de seus bolos brancos de casamento, após as doze badaladas da meia-noite. Mas nada disso aconteceu e ela voltou para casa cheia de contentamento, mas muito fatigada para conversar.

Ao café da manhã Mary lhe comunica o programa para aquêle dia.

— Delilah me telefonou que êle quer levá-la para almoçar no Capitólio. Seu pai é do Congresso, prima Patty, e êles nos mostrarão tudo o que é digno de ser visto. Depois nós daremos um passeio de auto e iremos tomar chá em alguma parte. Ha também, por fim, o convite do general e de Leila, para jantarmos com êles. Estará você muito cansada?

—Cansada?

E Patty ri cristalinamente como um canto de pássaro.

— Até parece que eu tenho asas!

Prima Patty subiu com respeito os degraus do histórico Capitólio. Para ela, êsses grandes vestíbulos onde se elaboravam as leis eram sagrados pela memória de Henrry Clay e Daniel Webster. Todo congressista era, para ela, uma personagem. E mais de um bravo homem dividido entre o desejo de cumprir o seu mandato e a necessidade de conciliar os grandes interêsses do Estado, foi visado pela fé que lhes votava essa pequenina mulher do Sul em sua integridade.

Prima Patty muito divertia a Colin Quale, que também jantava com elas.

— Ela é um exemplo do que eu procurei mostrar-lhe. — diz a Delilah — E' de tão boa origem que esquecesse conscientemente sua própria personalidade e tem uma mente tão clara que não se pode interessá-la nos escândalos dêste mundo vil. E' um tipo que merece o seu estudo.

— Colin — pergunta Delilah com um sorriso galhofeiro — é um movimento para os *tempos das avós,* o que você projeta para mim?

O pequenino homem fica pálido, seus olhos batem, e seu rosto permanece grave.

A palestra em casa de Delilah prosseguia vivaz. Colin explica que, de maneira alguma, quer imaginar modelos de vestidos sob figurinos dos tempos antigos, para Delilah; mas êle achava que os estilos tinham que inspirar-se, brevemente, na moda de antanho.

— E pensa você, intervém Delilah, que isso fará que voltem as boas maneiras e a moral de antigamente?

Colin encolhe os ombros.

— Quem sabe? Não temos mais que esperar.

A prima Patty confiou a Colin tôda a sua admiração por Delilah.

— Ela é magnífica, diz-lhe, e Mary me informou que é o senhor quem lhe desenha e corta os vestidos. Não poderia acreditar jamais, que um homem pudesse ocupar-se de tais assuntos. Mas o próprio Roger se interessou por isso, o que me despertou a curiosidade.

— Os homens de hoje se interessam muito por isso, explicou Colin. A arte de vestir as mulheres é um ramo da verdadeira arte. E' digno que um homem consagre a isso a melhor de suas faculdades, pois que está contribuindo para a beleza do mundo.

— Aí está o lado bizarro do caso. As mulheres são o desejo dos homens, e os homens se encarregam de torná-las mais desejáveis. E' tudo isso muito curioso.

O artista refletiu.

— Talvez que, mais adiante, êles se compreendam melhor, mutuamente.

— Crê nisso, verdadeiramente?

— Sim. A mulher que percebe a missão de um homem, aprende a conhecer a luta. O homem que se interessa pelas coisas femininas, começa a distinguir, por detrás daquilo que lhe parecera uma simples frivolidade ou um desejo de pedir, uma nota de harmonia, de beleza de expressão de si mesma. Um dia as mulheres retornarão à simplicidade e ao lar, porque elas terão aprendido coisas dos homens e também lhes ensinarão coisas suas. Por essa mutua compreensão, cada um poderá escolher aquilo que melhor lhe convier.

A prima Patty ficou impressionada com essa teoria.

— Eu nunca vi ninguém raciocinar assim.

— E' bem possível. Mas eu já tenho visto muita coisa neste mundo, tanto da parte dos homens, como da parte das mulheres.

— Contudo, tôdas as mulheres não são semelhantes?

— Não.

O seu olhar percorreu as pessoas presentes.

—Tôdas as três aqui à mesa, miss Ballard, miss Feliffe e a prima Patty, são diferentes entre si. Entretanto tôdas são mulheres que caminham para o futuro, re-

**RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA**

**MARY BALLARD, órfã de pái e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» ele apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por ele. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sozinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amores do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com a sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. A carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas, até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary, porém, não se perturba. Mas diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia. Em fevereiro Roger escreveu uma carta a Mary sabendo se era possível hospedar sua prima Patty na vivenda dos Ballards, tendo Mary aprovado o programa. Patty vinha a Washington a fim de assistir à posse do Presidente, no qual votara. Porter foi, com Mary, à estação e a receberam. Nos dias seguintes Patty muito passeou e visitou as famílias das relações de Mary.**

cusando-se a seguir o estreito caminho do velho ideal rígido.

— Sim, com efeito. Eu trato de negócios e nenhuma mulher de nossa família cuidou disso. Mary não se casará apenas para instalar um lar, embora tôdas as mulheres de sua idade e condição tenham mais ou menos conscientemente desejado casar-se para instituir um lar. E miss Jeliffe, embora eu não a conheça ainda bastante para julgá-la, imagino que ela segue uma rota muito de acôrdo com o seu temperamento.

Os olhos de Colin se fixaram em Delilah.

— Ela já escolheu o seu caminho. E' uma notável mulher.

Delilah, que os olhava, cruzou o olhar com o de Colin e sorriu.

Naquela mesma noite a prima Patty perguntou a Mary:

— Será que êles se amam?

A moça começou a rir.

— Delilah é uma gozadora. Quem poderá saber?

Com os seus dias assim tão cheios, restava pouco tempo para as intimidades e confidências entre Patty e Mary. Como Mary não quisesse fazer perguntas sôbre Roger Poole, e como a própria prima Patty se mantivesse algo reservada a tal respeito, Mary não obteve senão ligeiras informações sôbre êle, e com isso teve que contentar-se.

Grace tomou parte na parada das mulheres, e as nossas amigas a aplaudiram lá da tribuna do Ministério das Finanças. Tia Frances que se havia sentado com elas, estava cheia de indignação.

— Pensar que minha filha...

Prima Patty, que estava encantada com as solenidades ao "seu" Presidente democrático, lançou-lhe a luva:

— E por que motivo não poderia ela tomar parte no desfile, senhora Clendenning?

— Porque nenhuma mulher de minha família, teve jamais a idéia de fazer uma coisa destas!

— Também nenhuma mulher de minha família, tão pouco, respondeu Patty, com muita calma. Mas não vejo razão alguma para que permaneçamos imóveis. Nenhuma mulher de minha família tivera a idéia de fabricar bolos de casamento para vender; mas não é isso uma razão para que eu me deixe morrer de fome. Não acha a senhora?

Tia Frances contorna o argumento.

— Mas, marchar pela rua!...

— E' a sua maneira de exprimir-se. Os homens marcham, e o fazem desde o comêço do mundo. Algumas vêzes sua marcha não tem significação, enquanto de outras, muito valem. Mas estou crente, — diz ela com um movimento enfático de cabeça, — estou crente, de que esta marcha de hoje tem um enorme significado.

Em filas sem fim, elas desfilavam, essas mulheres marchando por uma causa, cabeça erguida, olhos brilhantes. Ao partir o cortejo houvera dificuldades, pois que a multidão havia invadido o trajeto e a proteção da polícia se tornara insuficiente. Mas tôdas elas estavam dispostas até ao martírio se tanto fôsse preciso. Talvez mesmo que algumas dentre elas desejasse isso.

Grace não era, porém, fanática. Integrara o cortejo por farra, e depois contou alegremente a sua experiência.

— Você deveria ter ido também, Mary, diz ela.

Porter surgiu entre as duas.

— Que é que vocês duas estão a discutir? Será que pensam terminar por uma concordância?

Nesse momento ouviram a voz de Leila.

— Eu não marcharia pelas ruas, pois não quero fazer como os homens. Quero ter uma linda e pequenina casa, cuidar da cozinha, costurar, tomar conta de alguém.

Tôdas passaram a rir. Porter lançou um olhar compreensivo a Leila.

— Barry é um coitado feliz! Diz êle.

— Oh! Porter! — Censura-o Mary, enquanto o rapaz a ajudava a descer da tribuna onde estivera a apreciar o desfile.

— E' duro, mas é verdade. Leila não será capaz de obter a casinha com que sonha, você o é; mas o que importa é que ela a obtenha por intermédio de Barry. E você? Quer marchar pelas ruas e rir do amor?

Mary o olha friamente.

— Isto prova o quanto você me compreende. E lhe deu as costas. E aceitou o convite de voltar para casa no carro de Jeliffe.

No dia da posse todos se acham numa tribuna que ficava em frente à do Presidente. O eleito passava revista às tropas diante da Casa Branca. O olhar de prima Patty se pregaram nêle. Seus pequenos pés marcavam inconscientemente o compasso da música, e todos a viram avermelhar-se de emoção, os olhos brilhantes de prazer e entusiasmo, à medida que ondas e ondas de soldados desfilavam, a cavalaria como que dansava e a multidão aclamava. Mas, muito acima de tôdas estas coisas, havia o homem que, a seus olhos representava a ressurreição do sul, o homem que recolocaria o país no lugar que ocupava antigamente perante o mundo e à nação.

— Eu jamais sonhara, diz ela, à noite, ao falar com ênfase a Mary sôbre o espetáculo, que visse coisa tão reconfortante como o sorriso do Presidente. E tôda a vida pensei nesse homem que olhava o seu povo com aquêle sorriso amável.

Mary tinha a visão de uma outra posse, de um outro Presidente que havia sorrido, um Presidente que havia captado o coração de seus compatriotas, como jamais poderia fazer êsse homem da atualidade. Era pelo altar dêsse enérgico e sorridente Presidente que Mary continuava a ter um culto. Mas ambos era grandes homens, e sòmente o futuro diria qual dêles viveria mais tempo no coração do povo.

As duas mulheres estavam no quarto da prima Patty. Ambas estavam sem sono, sem poder dormir, porquanto os acontecimentos do dia as tinham excitado muito. A prima Patty havia sugerido a Mary que ela se pusesse à vontade e viesse tagarelar com ela em seu quarto. Mary vestiu seu "deshabillé" azul esvoaçante e veio sentar-se ao lado de Patty. Seus belos cabelos estavam divididos ao meio, em duas porções brilhantes. Pela primeira vez estavam a sós desde que a prima Patty viera para sua casa. Era êste um momento pelo qual Mary esperava ansiosamente, e agora que se via como desejara, não sabia como iniciar a palestra. Mas, como se não pudesse mais deter o que lhe ia nalma, falou como num jato impulsivo, para outra mulher mais idosa:

— Prima Patty, diga-me alguma coisa sôbre Roger Poole!

A hóspeda respondeu com uma outra pergunta, em tom de voz quase acerbo:

— Minha querida, por que motivo você esfriou com a sua amizade?

— Esfriei com a minha amizade? Balbuciou Mary tornando-se pálida.

(*Continua no próximo número*)



**tradução de RENATO DE ALENCAR**
**Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO**

# Aventuras do Capitão Rob
# O Império Celestial








61 O ídolo tinha um mecanismo que, acionado, sua bôca abria e fechava.
O chinês que cobria a retirada de Marga fêz mover um dos braços do ídolo
e o perigo passou. Marga correu para levar a corda salvadora, quando Tony
lhe gritou, que, se ela não chegasse tão depressa, morreriam todos afogados
naquele buraco. Com enorme esfôrço vão sendo retirados do poço. Sobem
pela escada do interior do ídolo e chegam à enorme bôca, a saída secreta.
Primeiramente fazem passar o repórter Roy, que ainda está inconsciente em
conseqüência dos sofrimentos passados. A seguida os demais tratam de escapar








62 Quando chegam fora do castelo do Mandarim, verificam que o dia vem
rompendo. Mas é preciso que partam urgentemente. Os guardas ainda
estão dormindo e ninguém havia notado os seus movimentos para deixar o
feudo. No instante em que Tony chicoteia os animais que puxavam a carroça,
o sol aparecia no horizonte. Todos estão bem humorados. Após algum tempo,
Roy começa a voltar de sua prostração. Êle olha em redor e nada compreende.
Marga lhe explica tudo. "E para onde vamos agora?" — indaga. "Para a
América", responde Marga. Roy não acredita, pois sabia dos perigos próximos.








63 Nesse ínterim o feroz inimigo dos expedicionários, o ardiloso Wang Hang,
ainda não tinha perdido a esperança de vingar-se das derrotas sofridas
antes. Êle jurara tomar "Pandora" e os seus tripulantes. Aliciou mais salteadores
e, sabendo que a bordo havia apenas Willy e alguns auxiliares, organizou o
ataque. Mas, ao se aproximarem, o fiel "Skip" dá o alarma. Willy percebe o
perigo, rompe as amarras da veloz lancha e procura afastar-se da margem.
Não fôra essa medida e a lancha teria sido irremediàvelmente tomada de assalto
pelo bando fanático que descia de uma colina próxima, muito bem armado.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA — O Cap. Rob, em companhia de duas jovens desportistas, uma delas repórter cinematográfica, Marga e Willy, em aventuras entre os piratas dos mares orientais, viram seu grupo aumentado com a adesão de um marujo holandês, Tony. Sabendo tôda a história de um repórter, prisioneiro do famoso Mandarim, no interior do país, foram por terra, procurar o jornalista a fim de libertá-lo. A lancha ficou guardada por Willy e alguns tripulantes. A viagem dos libertadores foi cheia de lutas e tocaias, mas chegaram ao feudo do Mandarim. Êste os hospedou. Um dia, por acaso, Marga descobre onde está prêso o rapaz. Informa de tudo os amigos e tratam de libertá-lo. O chinês descobre e abre um canal inundando a cela em que estava o prisioneiro, surpreendendo também a Rob e Tony, todos condenados à morte. Marga, porém, descobre o caminho secreto do Mandarim e chega a tempo de socorrer os companheiros. O Mandarim é atingido por uma bala do guarda-costas de Marga e a luta prossegue.








64 Mordendo-se de raiva o chefe dos bandidos, Wang Hang, acompanha com os olhos a fuga de "Pandora". Êle estava certo de que a ocuparia e ficaria dono de uma bela loura ocidental! Ordena então que abram fogo contra o barco. E num instante a fuzilaria começou a sua música macabra. Mas a caravana dos companheiros já vinha perto. Quando Rob ouviu o tiroteio, esporeou o seu cavalo e deu aviso a Tony. Uma bala passa silvando perto de sua cabeça. E' urgente que chêguem a tempo de salvar Willy e a lancha "Pandora" das mãos de Wang. Êle combina com Tony uma tática e vai executá-la com os companheiros.








65 Tanto Rob como Marga empunham suas armas e se dirigem para o campo do fogo, a fim de atacar os salteadores. O animal montado por Rob entra velòzmente n'água, para atravessar o rio, enquanto a carreta em que ia Tony, Marga, Roy e os auxiliares, procura passar as águas não muito fundas. O tiroteio é vivo de ambos os lados. Depois de muito esfôrço os caravaneiros chegar à margem oposta. Em muitos pontos os cavalos tiveram que nadar. Os atacantes, vendo-se entre dois fogos, fugiram. Os expedicionários, exaustos, descansam na margem buscada, e Marga faz um aceno para Willy.








66 Pandora" singra na direção dos seus salvadores, já livre da camuflagem oriental, semelhando a junco chinês. Livre dos bandidos de Wang Hang, são todos êles acomodados a bordo. Roy faz a barba, crescida de muitos anos, e já tem outra aparência. E passa a narrar as suas aventuras. Tony pergunta-lhe onde está localizada a armazenagem dos contrabandistas. "Nalguma ilha secreta", responde Roy. Rob sugere que se dê uma batida. O chefe dos contrabandistas de armas e ópio é Wang Hang, e os expedicionários resolvem dar busca em todos os locais que lhes fôssem suspeitos. Roy sabia muita coisa.

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA




# A MENTIRA

Conto de MARY JANE WALDO

NA vitrine da loja de ferragens as facas apareciam arrumadas em luzente meia lua sôbre fundo de papel crepon verde. O sol da manhã fazia faiscarem os rústicos facões de caça ao lado de suas bainhas de couro e os complicados canivetes de escoteiro com suas variadas lâminas e saca-rolhas. Timóteo examinou demorada e cuidadosamente a exposição. Mas não estava interessado em nenhum daqueles exemplares. Saboreava apenas antecipadamente o momento delicioso em que entraria na casa para reclamar a sua encomenda — o canivete de duas lâminas.

Quando afinal se decidiu a entrar dirigiu-se ao dono, o velho Hardinger, que estava por trás da caixa registradora, remexendo em ferragens guardadas numa lata.

"Bom dia, pequeno. Que quer dêste velho?"

"O meu canivete", declarou Timóteo.

"Ah, é mesmo", lembrou-se o propritário, fitando o menino.

Não era um bonito garôto, Timóteo Wood. Tinha oito anos e não parecia mais de cinco. Seu corpinho franzino se apoiava num par de pés demasiado grandes, grosseiramente calçados, e era coroado por uma trunfa de cabelos louros espetados. O lábio superior, polpudo e avançado, dava-lhe um ar de macaco branco. E êle tinha o hábito de estufar a barriga numa tentativa vã de manter na altura da cintura as calças de pano grosso.

Segurava naquele momento, para maior conforto, as calças com as mãos, enquanto Hardinger pesquisava numa gaveta de onde enfim retirou o canivete. Examinou-o detidamente, revirando-o de todos os lados, enquanto Timóteo se arrepiava na ansiedade da espectativa de poder agarrá-lo.

"Que tal?" perguntou. "Bonito trabalho, não?"

Timóteo estudou a gravação, Timóteo Wood.

"Formidável, sim senhor", concordou.

"São quatro dólares e setenta e cinco cêntimos", disse Hardinger.

Timóteo tirou do bôlso a nota de cinco dólares e depositou-a orgulhosamente sôbre o balcão.

"Onde arranjou tanto dinheiro, rapaz?" indagou o velho.

"Foi meu pai que mandou pelo meu aniversário", afirmou Timóteo.

Não era verdade. Era mentira, embora em intenção pudesse ter sido verdade. Duas cenas diferentes passaram pela memória de Timóteo, uma ocorrida no sábado anterior. "Vai fazer oito anos amanhã", dissera sua mãe, num dengue habitual. "Imagine, eu com um filho de oito anos". Então, um dos numerosos tios, que haviam de súbito começado a aparecer em sua vida depois que seu pai, partira, presenteara Timóteo com a nota de cinco dólares. "Compre qualquer coisa que lhe dê prazer, pequeno", dissera. "Só se faz oito anos uma vez".

A outra cena tivera lugar muitos anos antes. Timóteo não sabia bem que idade tinha então, mas havia sido antes da moléstia que causara o afastamento do pai. Êste talhava em madeira a faca, um barco para o menino; levantara o rosto um momento, interrompendo o trabalho, sob a sombra do bôrdo do fundo do quintal. "Quando você crescer vou lhe ensinar a fazer isto", prometera. "E para os seus oito anos lhe darei um bom canivete. Todos os meninos devem ganhar um conivete em condições ao completarem oito anos".

O pai de Timóteo costumava cumprir o que prometia, mas talvez no sanatório do deserto, onde se encontrava em tratamento de tuberculose, não tivesse a possibilidade de comprar um canivete. Mas parecia impossível que não pudesse ter arranjado um cartão para felicitar o filho.

Timóteo recebeu o troco de vinte e cinco cêntimos e saiu da loja, andando com rapidez para chegar a tempo ao colégio. Não conseguia não temer os outros meninos da escola, mas talvez agora, com o canivete, êles de algum modo o respeitassem mais. Sentia o objeto, frio, na mão que o segurava dentro do bôlso, revia-o, tão bonito, em níquel e madrepérola. Podia ser de fácil procedência, mas era belo...

Não o tirou do bôlso durante as aulas, receiando que fôsse fazer companhia aos ioiôs e outros brinquedos que enchiam as gavetas da professôra. Mas exibiu-o no recreio e se tornou o homem do dia. Quando se encaminhou para casa depois das três horas, ia seguido, graças à sua recente popularidade, por um bando dos seus colegas do terceiro ano.

Os meninos maiores, do último ano, haviam tido saída mais cedo naquele dia. Mas estavam todos à espera, aguardando um divertimento qualquer. Um dêles dirigiu-se a Timóteo e pediu suàvemente: "Posso ver o seu canivete?"

Normalmente Timóteo teria suspeitado de algo, mas no momento se sentiu lisonjeado.

"Naturalmente", disse, apresentando o canivete.

O menino grande apossou-se com avidez do objeto.

"Naturalmente", proferiu em voz de falsete, imitando o garôto. E examinando a inscrição: "Timóteo Wood", leu. "Marcou-o para que não fuja?"

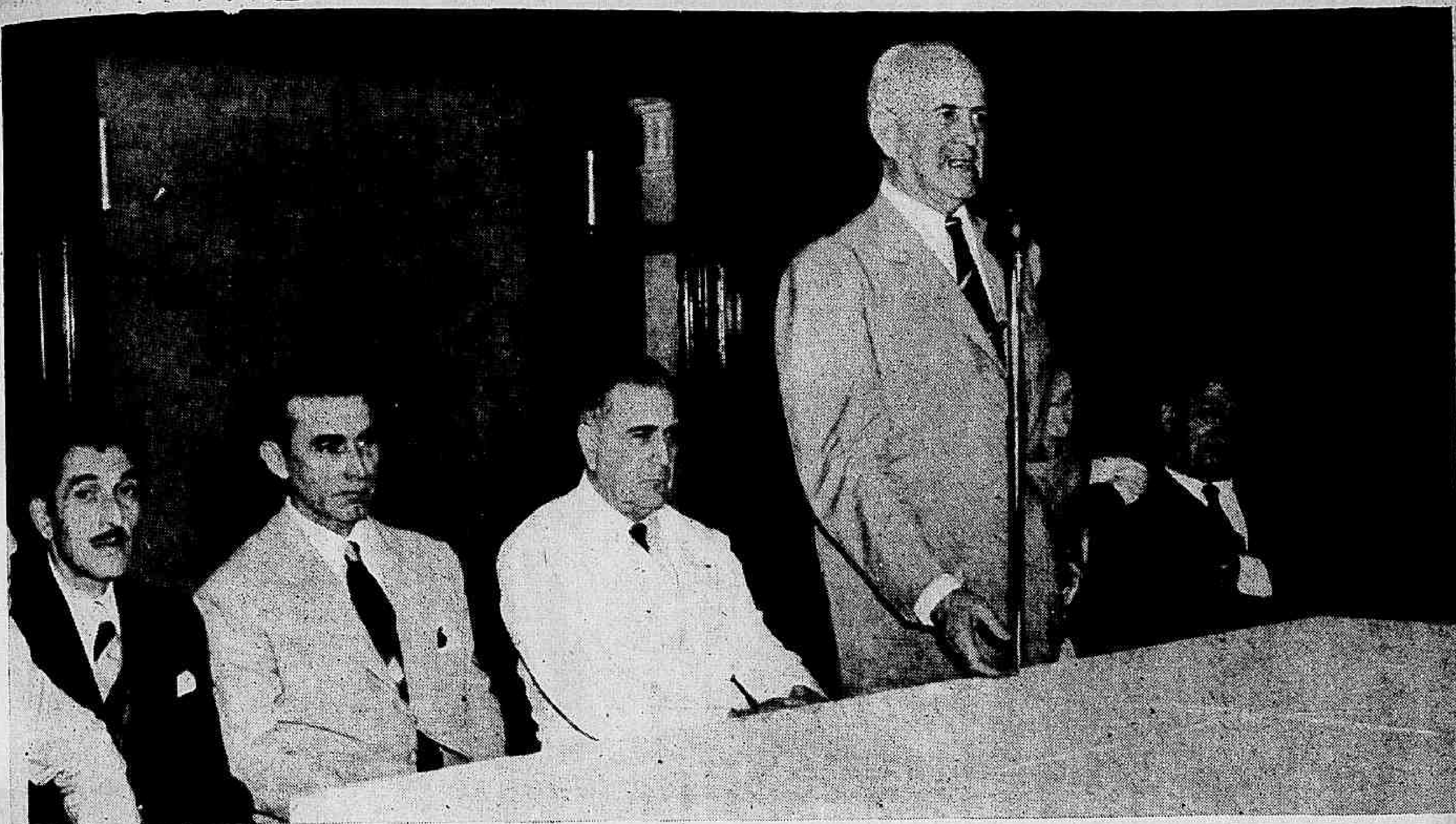
Os companheiros do grande riram da piada. E passaram a jogar de um para outro, como peteca, o canivete, fingindo que o escondiam nos bolsos, para tontear Timóteo.

Êste resolveu aguardar com paciência que êles acabassem de brincar. Já estava assustado, mas esperava rehaver o canivete. Os seus colegas de turma haviam sumido, pois sabiam que era a melhor tática quando os grandes se preparavam para fazer das suas.

Talvez lhe houvessem devolvido no final o canivete, mas do páteo do recreio do colégio, a meio quarteirão de distância, chegaram gritos de "Olha a briga! Olha a briga!" e os grandões para lá dispararam, aos berros. Timóteo se viu obrigado a acompanhá-los: haviam levado o canivete e êle o queria de volta.

A luta se generalizou e foi dura. Timóteo saltitava à margem da área do conflito, nervoso, mas desejoso de rehaver o canivete. E en-

(Continua na pág. 48)



Na grande reunião em que o sr. João Borges Filho comunicou aos profissionais do turfe a criação do Serviço Social do Jockey Club, o sr. Oswaldo Aranha pronunciou eloqüente discurso.

# ASSISTÊNCIA SOCIAL NO JOCKEY CLUB

O Jockey Club Brasileiro, a grande entidade turfista que constitui um motivo de orgulho para o País, acaba de assinalar mais uma etapa de elevada expressão na sua existência. Em dias do mês passado, em reunião levada a efeito no Hipódromo da Gávea, presente a quase totalidade da família turfista carioca, foi solenemente instituido o Serviço Social do Jockey Club Brasileiro no sentido de não só expandir como regulamentar os benefícios aos profissionais do turf. A iniciativa implicará no dispêndio anual de cêrca de 4 milhões de cruzeiros.

Abrindo a sessão, expôs o sr. João Borges Filho o motivo da reunião, que era o de apresentar aos trabalhadores do turf o regulamento do Serviço Social do Jockey Club, trabalho realizado pelos seus companheiros de diretoria. O espírito que orientou a organização, disse, foi o de atender a tôdas as necessidades previsiveis da vida familiar, social e profissional dos tratadores, 2os. gerentes, jockeys, aprendizes e cavalariços, de modo a que a proteção possa valorizar física e moralmente seus trabalhadores.

Em seguida, discursou o sr. Levy Ferreira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Hípicos do Rio de Janeiro. Historiou os benefícios prestados aos profissionais pela diretoria atual do Jockey Club, que culminaram com a criação do Fundo de Subsistência dos Profissionais do Turf e disse: "Realizações como essas, empreendimentos tão notáveis pelo seu alto espírito social, transcendem os nossos dias, porque ficam marcados para a imortalidade".

E, por fim, atendendo a chamado insistente da numerosa assistência, usou da palavra o sr. Oswaldo Aranha, que, no dizer do sr. João Borges Filho, havia sido o idealizador do trabalho que se acabava de oferecer aos profissionais de corridas. Começou s.s. por elogiar o sentido afetuoso do discurso do treinador Levy Ferreira. Referiu-se aos serviços prestados pelo sr. João Borges Filho ao Jockey Club e ao turf em geral, os quais, ao seu ver, pelo vulto e significado social, o consagraram como o maior presidente que teve a grande entidade turfista. Em um momento de entusiasmo, chegou a dizer o sr. Oswaldo Aranha que, se os futuros diretores do Jockey Club, por acaso, deixarem de cumprir as determinações do órgão criado, abandonando, em meio, a grande obra, os consocios teriam de reunir-se para reconduzir o sr. João Borges Filho à direção do Jockey Club. E finalizou congratulando-se com tôda a família turfista, inclusive com aquêles que a auxiliam semanalmente, perdendo e ganhando nas corridas, e louvando os esforços dos diretores João da Costa Ribeiro Junior e Gustavo Philadelpho de Azevedo, que organizaram as bases do Serviço Social.

O orador foi vivamente aplaudido, tendo sido depois encerrada a reunião pelo presidente João Borges Filho, que reafirmou, então, tudo ter feito por haver contado sempre com o apoio irrestrito e valioso dos seus companheiros de diretoria.



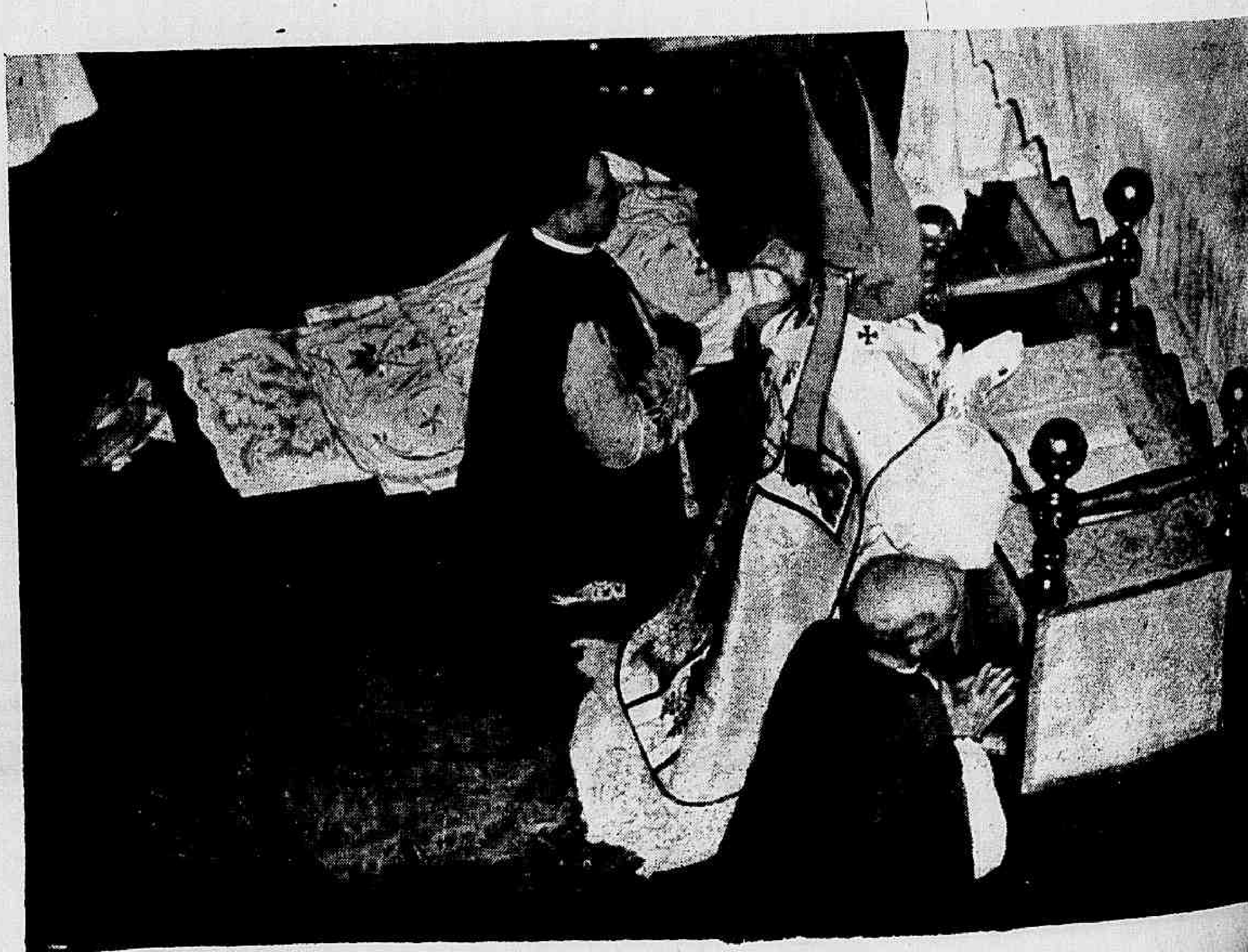
Aspecto parcial da assistência, quando era lido o regulamento do Serviço Social do Jockey Clube

episcopal das mãos de S. E. o Cardeal D. Jaime, sagrante, e dos consagrantes D. Rosalvo e D. Jorge, auxiliares da Arquidiocese do Rio de Janeiro.



# CONSAGRADO BISPO NA CANDELÁRIA

## D. HELDER CÂMARA AUXILIARÁ O CARDEAL DOM JAIME NA ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO



**Um dos momentos tocantes da cerimônia é a prostração, ato de humildade e fé diante da Igreja, efetuada durante a ladainha de Todos os Santos, cantada pelo côro gregoriano.**

A sagração de D. Helder Câmara como bispo-auxiliar, realizada no dia 20 de Abril último na Igreja da Candelária, com tôda a imponência do ritual católico, veio dotar o arcebispado do Rio de Janeiro da colaboração direta de uma das mais destacadas figuras do clero brasileiro.

A solenidade teve início às 8 hs. da manhã, tendo como pontífice sagrante S. E. o Cardeal D. Jaime Câmara e como consagrantes D. Rosalvo Costa Rêgo, arcebispo titular de Jeracópolis, vigário geral do Rio de Janeiro e D. Jorge Marcos de Oliveira, bispo titular de Bagis e auxiliar da arquidiocese.

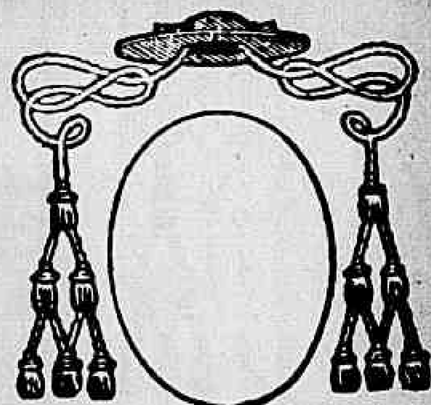
Junto ao sólio, erguido em frente ao altar, encontravam-se, como assistentes, os monsenhores Francisco de Assis Caruso e Francisco de Melo e Souza, o padre Francisco Nogueira Bessa, servindo de mestre de cerimônias e os padrinhos de D. Helder: seu pai, Sr. João Câmara e o Sr. Antônio Augusto Alves Sarda. Seminaristas do Rio Comprido, em trajes apropriados, acolitaram a cerimônia.

No interior do templo, de majestoso aspecto, o altar-mor se destacava com sua ornamentação de lírios e camélias brancas. O programa de música foi conduzido pela *Schola Cantorum*, do Seminário Arquidiocesano S. José e incluiu belos números de canto gregoriano, sob a regência do maestro padre René Brghenti.

As figuras mais representativas do clero e do laicato católico se achavam presentes, acompanhando com emoção os vários atos que sagravam o novo antístite, contando-se entre as mesmas: D. Alberto, arcebispo de Manaus; D. Martinho, abade do Mosteiro de São Bento; monsenhor Mota e Albuquerque, reitor do Seminário S. José; monsenhor Henrique de Magalhães, pároco da Candelária; cônego Gusso, representante do Cardeal D. Carmelo, arcebispo de S. Paulo; representantes do Arquidiocesano, do Cabido Metropolitano, da Ação Católica, da Federação das Congregações Marianas, do magistério, de sociedades culturais e entidades trabalhistas.

Terminado o *Te Deum*, dirigindo-se à sacristia, D. Helder Câmara, já feito bispo titular de Saldo, recebeu os cumprimentos das pessoas presentes que também pediram sua bênção e lhe beijaram o anel episcopal.

D. Helder Câmara já se encontra em pleno apostolado, desde sua elevação a bispo, acompanhando o Cardeal D. Jaime nas visitas pastorais que S. E. vem realizando no território de sua jurisdição.





Depois de receber o poder episcopal, D. Helder Câmara beija a mão de S. E. o Cardeal D. Jaime Câmara.

## PEQUENA NOTÍCIA SÔBRE O CARGO DE BISPO

Bispo (palavra que deriva do latim **episcopus**, significando "inspecionar sôbre") é o prelado superior de uma diocese, legìtimamente consagrado, a quem incumbe o govêrno e a direção espiritual dos fiéis do seu distrito eclesiástico. Bispo Auxiliar, dignidade a que ascendeu D. Helder Câmara, é o prelado sem jurisdição própria, com título **in partibus**, nomeado para que ajúde outro bispo ou algum arcebispo em suas funções.

Os bispos são sucessores dos apóstolos, segundo a doutrina da Igreja, herdeiros, portanto, das obrigações que Jesus transmitiu a seus discípulos: batizar todos os homens e ensinar-lhes a guardar tudo que Êle lhes havia ordenado. Os primeiros bispados, instalados ainda no tempo dos apóstolos, tiveram sede: em Roma, que tocou a São Pedro; em Alexandria, dado a São Marcos; em Antióquia, dado a Evódio; em Jerusalém, dado a São Tiago Menor.

Os bispos são de nomeação do Papa, segundo a regra canônica, que se funda no fato de ser o Pontífice Romano o que tem jurisdição imediata, universal e de origem divina sôbre tôda a Igreja. A consagração, no caso de D. Helder Câmara efetuada na Candelária, é a cerimônia solene pela qual, com os ritos da Igreja, se confere ao confirmado a ordem e o caráter de Bispo. O cargo de bispo-auxiliar, agora criado na arquidiocese de D. Jaime Câmara, é facultado para os casos de uma diocese muito extensa ou excessivamente trabalhosa, como é a do Rio de Janeiro, onde ao titular não sobra tempo para atender devidamente a todos os deveres do cargo.



Nas fotos ao lado, pela ordem: a leitura da epístola pelo novo Bispo; a lavagem das mãos pelos seus padrinhos.

## O Pan-Americano

# O TABU QUEBROU

A "MARCAÇÃO POR ZONA" LEVOU ZEZÉ MOREIRA DE "JUDAS" A HERÓI ★ O "ABACAXI" DE UM SELECIONADOR ★ A TÁTICA PROVOCOU UMA POLÊMICA ★ A HISTÓRIA DA CAMPANHA EM SANTIAGO DO CHILE.



Ademir prepara o seu chute para marcar o 1.° goal do Brasil contra o Chile na última batalha do Pan-Americano. Em baixo, Juan Lopez, técnico do Uruguai, cumprimenta Zezé Moreira após a vitória.

Texto de **LEVY KLEIMAN**
Fotos de **JOSÉ SANTOS**
e do serviço fotográfico especial em Santiago do Chile.

HÁ muitos anos aspira futebol
glória que conquistou Santiago
Abril p.p. As atuações do cionado
nas primeiras partidas, nos en
quadros ou não rendiam ciente pa
rios, ou outros fatôres imbilitavam
da C.B.D., principalmente arbitrage
a violência imposta pelos rios.

Na era do profissionalismo "scratch
o impossível em terras es, mas p
timas batalhas, justamente contrári
perde tôdas as batalhas, m derrad
que em futebol jogos con pontos, e
significa recuar na classifi, mas o
até o fim e deixava escap títulos
Assim aconteceu na Copa undo de
rigido por Ademar Pimen s sul-am
dros orientados por êste e Flávi
Mundo de 1950 com a sel também
Aliás, o atual preparador lamengo,
conseguiu um título de ca sul-am
mas num campeonato reali em noss

A questão da escolha do ico tem
sucesso de um time, e pri lmente
varmos em conta que se t reuniã
lores individuais pertence diverso
São Paulo, principais centr bolístic
jogadores vindos de todos quadran
cional. São elementos que m sob
nicos, táticas, sistemas de mento,
e alimentação. Fazer port que tais
mesmo porque "associati na ver
palavra técnica, significa nto. Aí
refa de um selecionador. rneio F
terminava uma semana a da estré
Americano. Era preciso ilar 22
a exame médico, pois vi de long
nais, e de um torneio i tadual c
semana, realizar pelo meno exercíci
por avião para a capital na com
que os atletas pudessem sar e r
viduais para a peleja de ia. Con
têntico "abacaxi".

Foi por êste motivo que vio Cos
vidado a dirigir um selec o brasil
que a "ferida" da Copa do o ainda
Lembraram-se então de Ze oreira,
reira Júnior, técnico que u o ti
glórias de campeão carioc 51, qu
campeonato, foi considera em nen
classificar-se sequer nos prime
cusou justificando que n veria te
que permitisse uma harm técnic
atuam sob padrões compl nte ant
que se submeter ao seu sist de jôgo
em que cada jogador de a ou a
sários numa certa área d po, at
dilha o maior número po de co
rápidos contra-ataques, a sa ini
quase desguarnecida, situa ue per
certeira dos artilheiros.

Acontece que os argume os diri
mais convincentes e Zezé ira as

ORMENO, GOLEIRO DO PERU, FOI A GRANDE BARREIRA ÀS PRETENSÕES DO BRASIL. RESULTADO 0x0. EI-LO NUM SENSACIONAL VÔO APÓS UM TIRO ENVIEZADO DE BALTASAR NO CANTO.

futebol brasileiro alcançar a Santiago do Chile no mês de cionado brasileiro empolgavam nos encontros decisivos os ciente para abater os adversá- bilitavam o sucesso das côres arbitragens parciais ou então sários.

"scratches" brasileiros fizeram s, mas perdiam sempre as úl- contrário da Inglaterra, que a derradeira. Acontece, porém, pontos, e cada ponto perdido , mas o time nacional ia bem títulos nos encontros finais. undo de 1938 com o time di- s sul-americanos com os qua- e Flávio Costa e na Copa do também dirigida por Flávio. lamengo, o veterano "Alicate", o sul-americano para o Brasil, em nossos gramados em 1949.

co tem capital importância no lmente um selecionado, se le- a reunião de uma série de va- diversos clubes do Rio e de ebolisticos do país, onde atuam quadrantes do território na- m sob diferentes padrões téc- amento, regimes de disciplina que tais jogadores se entrosem, na verdadeira concepção da nto. Aí reside a espinhosa ta- orneio Rio-São Paulo de 1952 da estréia do Brasil no Pan- itar 22 jogadores, submetê-los de longos campeonatos regio- adual com duas partidas por exercício de conjunto, e viajar na com tempo suficiente para sar e realizar exercícios indi- ia. Como se verifica um au-

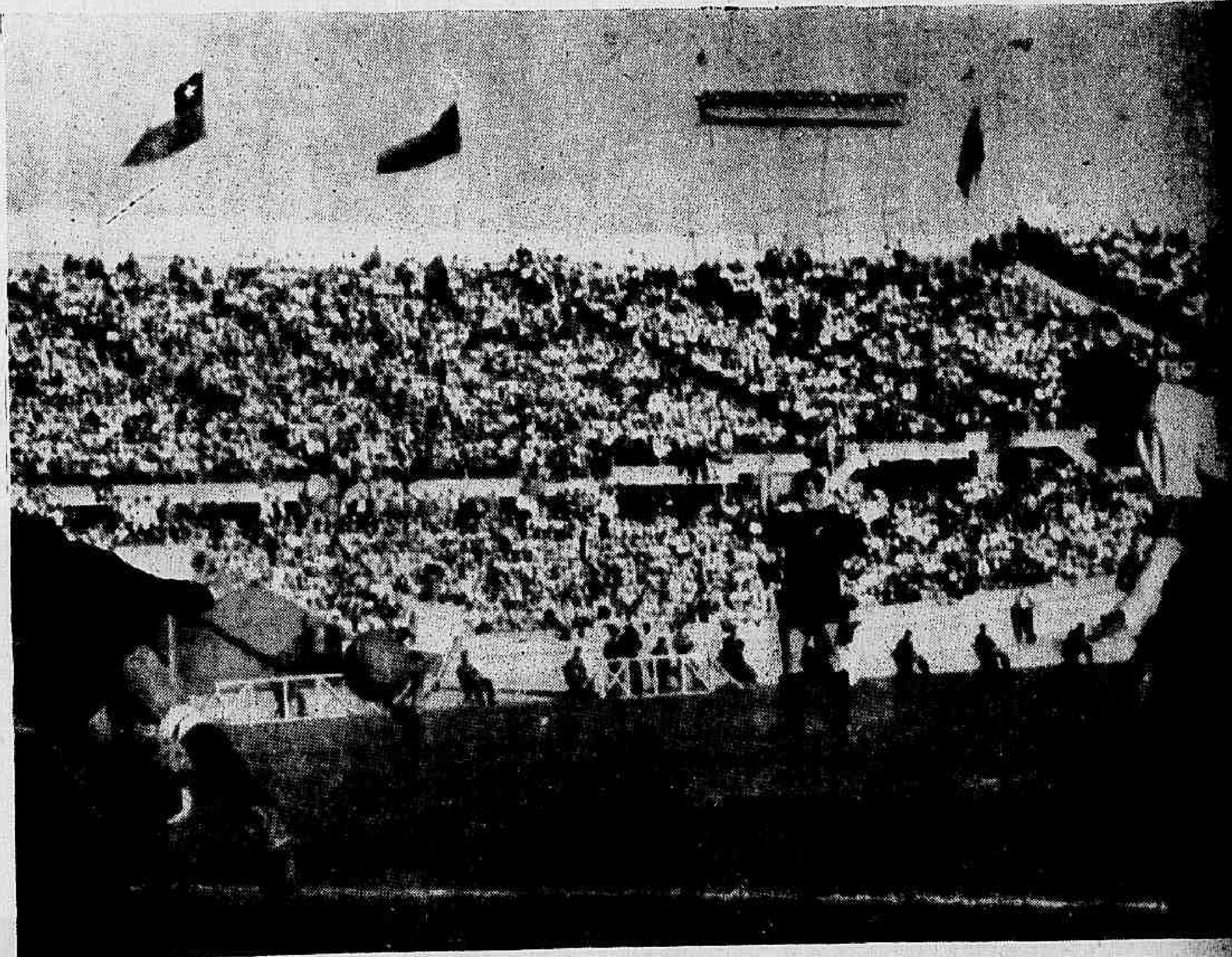
vio Costa, mais uma vez con- o brasileiro, recusou alegando o ainda não estava cicatrizada. oreira, ou melhor Alfredo Mo- u o time do Fluminense às 51, quadro que, no início do m nenhuma possibilidade de primeiros lugares. Zezé re- eria tempo para um preparo técnica entre jogadores que nte antagônicos, e que teriam de jôgo, a marcação por zonas, a ou ataque policia os adver- po, atraindo para uma arma- de contrários, para que, em sa inimiga seja surpreendida ue permite uma pontaria mais

os dirigentes da C.B.D. foram ira assumiu o cargo de sele-

(Cont. na pág. 56)



**Três vitórias brasileiras no Pan-Americano: ao alto, nos 4x2 contra o Uruguai, Ademir num gesto esportivo salta por cima do goleiro Maspoli, quando tinha o goal à sua disposição; ao centro, nos 2x0 contra o México, Ademir dá uma**



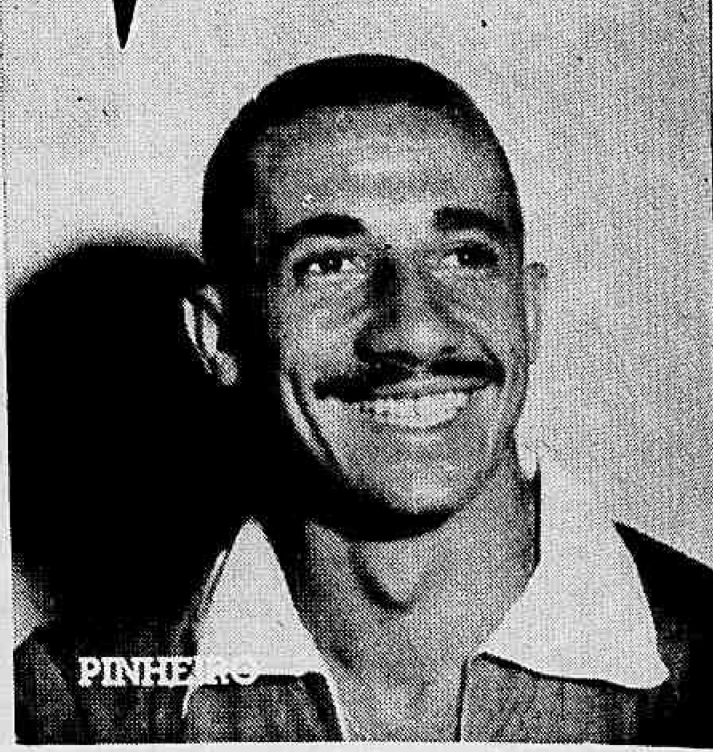
**cabeçada mas Carbajal dá um mergulho e defende; e em baixo, durante o "baile" que os nacionais deram nos panamenhos, Pinga e Baltasar deram-se ao luxo de fazer filigranas diante do arco dos jogadores americanos do centro.**



# CAMPEÕES DAS AMÉRICAS



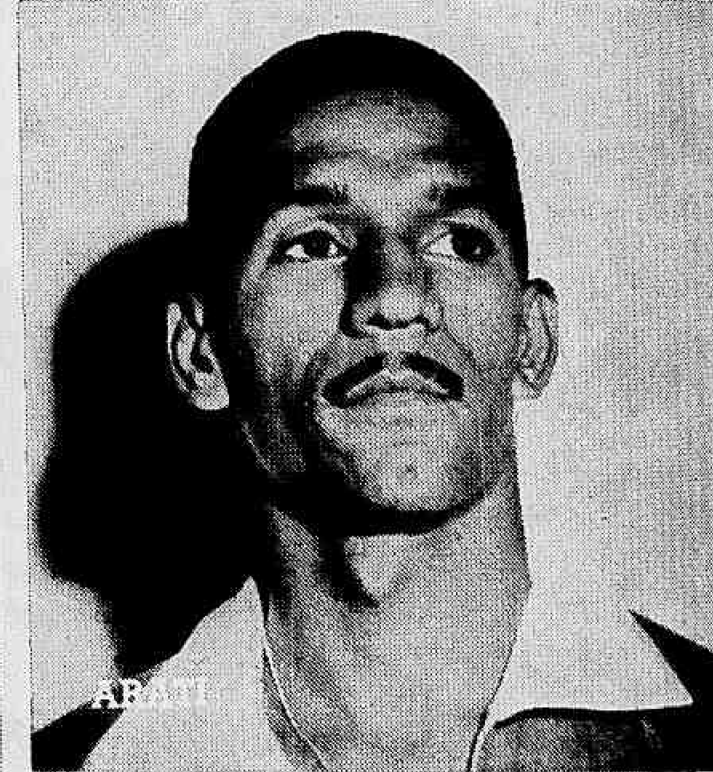


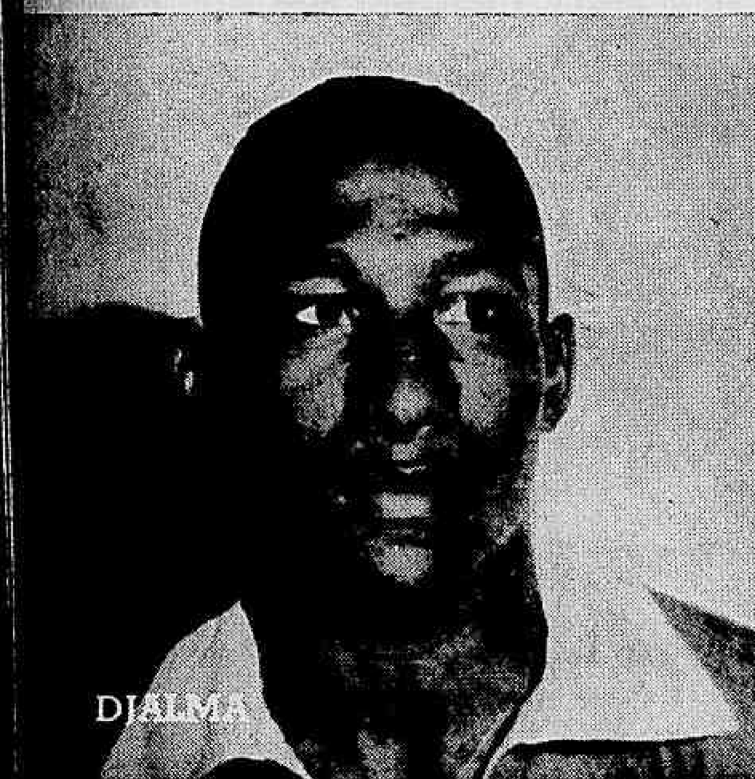




















Zezé Moreira foi o grande pilôto na memorável campanha de Santiago do Chile. Êle com a sua "marcação por zonas" triunfou.








Brandãozinho, o centro-médio da Portuguêsa de Desportos, a quem cabe grande parcela do espetacular feito foi a grande figura.





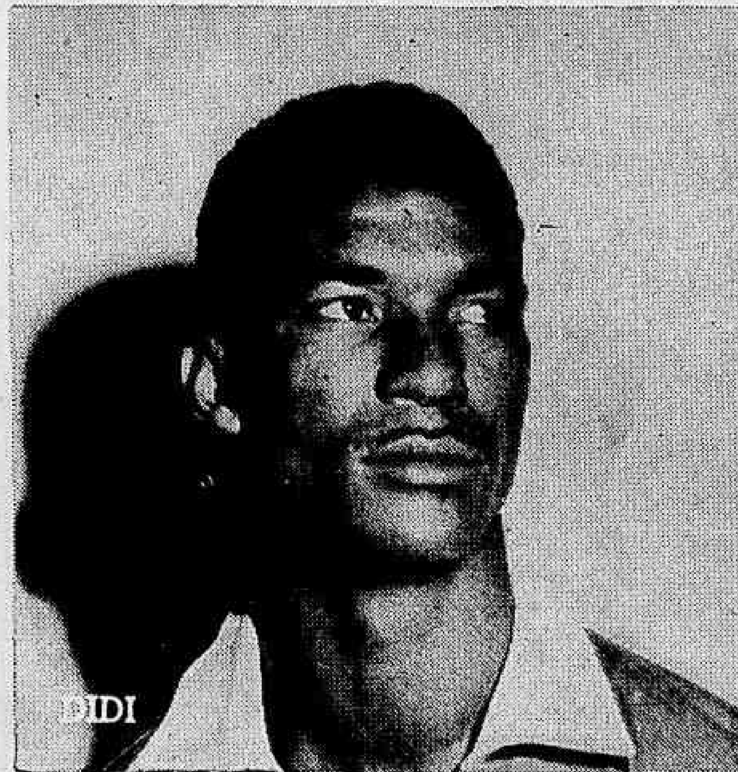


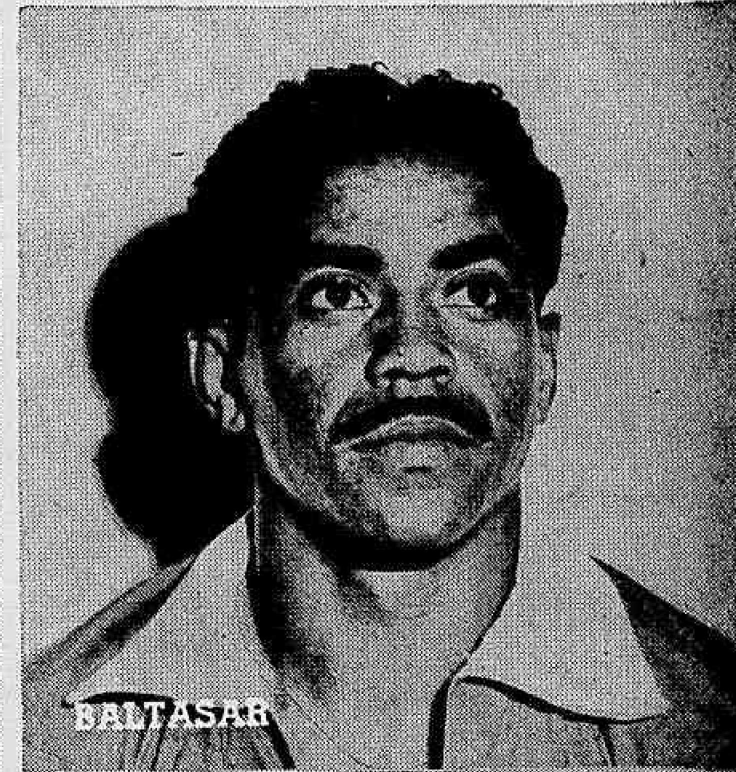


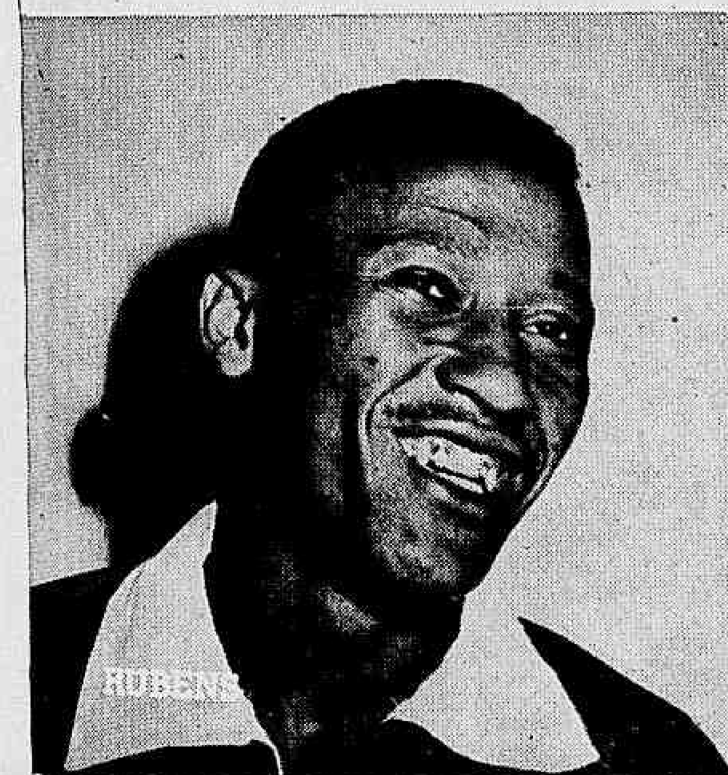


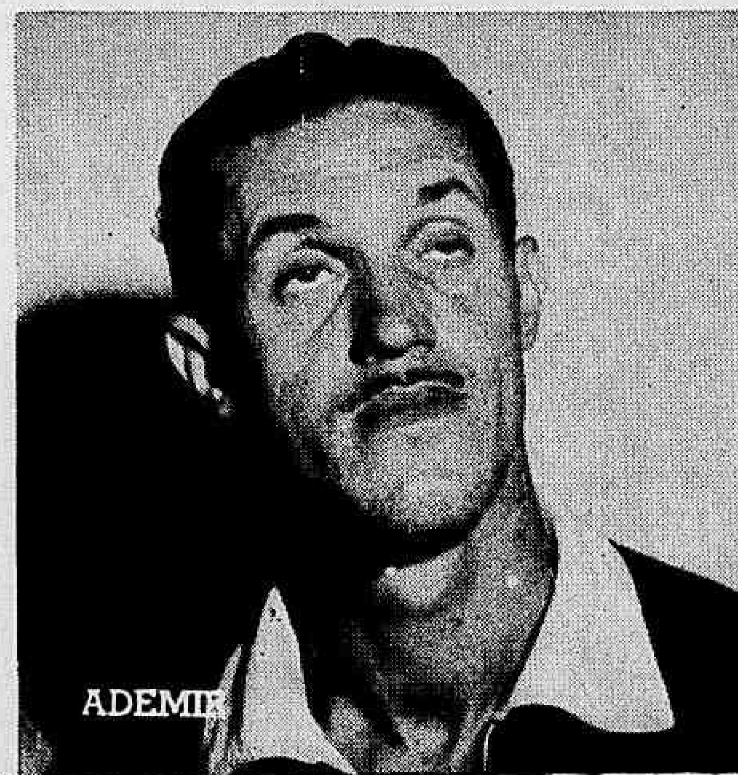










**O** futebol brasileiro conseguiu vencer um tabu — ou um azar: conquistou, afinal, uma vitória no estrangeiro. Foi parada dura, a dos nossos patrícios em Santiago do Chile e o azar — ou tabu — poderia ainda ter repetido a decepção da última Copa do Mundo. Mas desta vez os santos estavam vigilantes, à frente S. Jorge, cujas festas começavam no famoso domingo da vitória. Os nossos avós venciam batalhas de verdade invocando o nome do glorioso santo. Assim vencemos desta vez a batalha de de Santiago.



Fecho de um grande acontecimento. O Presidente Getúlio Vargas colocando a medalha de ouro na camisa de Ademir, na presença do ministro da Educação.

# ARTES

## ESTÉTICA E PONTOS DE VISTA

A Estética é o estudo do Belo, sob tôdas as formas por que se apresente, tod' mundo o sabe e ninguém duvida. Mas a crítica dêsse Belo é que nem sempre é fácil, porque êle pode ser visto de muitos modos.

E' êsse o ponto nevrálgico da Estética: deve ser a crítica de arte objetiva ou não? Os próprios estetas não estão de acôrdo, daí duas correntes completamente opostas: a objetivista e a subjetivista.

A primeira não encara a obra de arte senão como coisa acabada, separada e independente do artista, de seu meio e também das reações e diferenças individuais dos que apreciam a obra.

O Belo não se apresenta igualmente a todos os que o percebem: cada um vê a obra de arte segundo suas tendências particulares. Vê assim, mais acentuadamente, um determinado aspecto dela, o que, se não anula pelo menos altera a visão global. E' que o Belo, nós o sentimos mais do que compreendemos.

O Belo chega até nós através dos sentidos; por isso é que tôda crítica de arte tem que ser sempre subjetiva. Subjetiva não quer porém dizer que tenha de ser necessàriamente unilateral, mas, sòmente, que a pessoa que percebe tem um papel importante na visão da obra de arte que percebe, pois no ato de julgar entram em jôgo suas peculiaridades, seus elementos efetivos e sensoriais. São tais elementos pessoais que irão forçosamente influir no julgamento, não totalmente racional.

A crítica de arte, mais que nenhuma outra, sofre a influência da subjetividade, porque é feita do raciocínio de dados sensoriais, o mais das vêzes.

Isso não contradiz que o Belo seja objetivo, nem tampouco a Estética, que é o estudo racional das leis abstratas que regem o Belo. O Belo pode ser e realmente é uma coisa que ressalta, ultrapassando quem o criou, para existir por si, portanto objetivamente — pois objetivo é tudo que existe fora de nós, que não precisa de nossa presensa para viver e existir como coisa.

A crítica porém sempre se ressentirá dos filtros sensoriais por que passou o Belo até chegar ao pensamento do observador. E' então que começa a haver possibilidade de controvérsias, porque a idéia que formamos sôbre a obra é baseada no que vemos e sentimos dela, sendo nossos sentidos o único meio que temos para entrar em contato com as coisas.

O que a crítica de arte deve fazer é, tanto quanto possível, corrigir as impressões que vêm dos sentidos. E' para isso que os estetas costumam ainda usar a cabeça.

**JANE BOUCHAUD**

### MUSEU DE ARTE MODERNA

*Acha-se inaugurada a segunda mostra do Museu de Arte Moderna, destinada sòmente a artistas brasileiros. A direção do M. de Arte Moderna estabeleceu um prêmio de viagem a Paris, com uma bôlsa de mil dólares a ser concedido ao melhor trabalho exposto. A comissão julgadora foi constituida pelos srs. Mário Pedrosa, Flávio de Aquino, Mário Barata e Antônio Bento. Os membros do júri concederam, por quatro votos contra um, o prêmio ao jovem artista Yllen Kerr, pela sua xilogravura "O Peixe". Yllen Kerr apresentou vários trabalhos, todos de gravura. Dados biográficos de Yllen Kerr: nascido no Distrito Federal, onde reside. Cursou durante dois anos a Escola de Belas Artes. Tem realizado exposições, no Rio e em S. Paulo. Tomou parte na Bienal de S. Paulo. Em 1948, recebeu a medalha de ouro do Salão de B. Artes. Yllen Kerr trabalha exclusivamente na gravura.*

### IV SALÃO MUNICIPAL DE BELAS ARTES

**Espera-se para junho a inauguração do IV Salão Municipal de Belas Artes. As inscrições fecham no dia 10 dêste mês, devendo as guias de inscrição e as obras serem encaminhadas ao Teatro Municipal, na porta que dá para a rua Treze de Maio. Os artistas premiados anteriormente, que não estão sujeitos a júri, podem entregar seus trabalhos entre os dias 26 e 31 de maio. Espera-se também que o salão não saia muito atrasado.**

### ARTES GRÁFICAS

O Clube dos Cem Mil Bibliófilos prepara, para êste ano, uma edição do livro "Menino de Engenho", de José Lins do Rêgo. A edição tem tiragem de 100 exemplares sòmente. A parte gráfica foi confiada a Darel, que temos conhecido mais até aqui como pintor, gravador e ilustrador. ★ Dados biográficos de Darel: natural de Pernambuco, veio estudar no Rio onde ficou morando e trabalhando. Tem exposto muito, também. Atualmente expõe no Museu de Arte Moderna, onde seus trabalhos lhe valeram elogios da comissão julgadora, chegando a finalista. Em 1950 estêve em São Paulo, onde deu um curso de gravura. A parte de gravuras do livro está a cargo de Iberê Camargo.

### MOBILIÁRIO

No Salão de Referências da Biblioteca Nacional, há volumes muito interessantes sôbre a História do Mobiliário; é pena que um mobiliário tão rico como o nosso colonial tenha tão pouca bibliografia. Essa circunstância tornou mais interessante a conferência que o sr. Gustavo Barroso pronunciou no dia 6 passado, no Museu Histórico, ocupando-se do tema. O Museu Histórico está realizando uma série de palestras, acompanhadas de visitas, sôbre vários assuntos que tocam às artes menores, tão mal conhecidas entre nós. As próximas conferências estão marcadas para os dias 13, 20 e 27 e versarão sôbre porcelanas, numismática, armas e canhões, respectivamente, sempre às 16 horas.

# Enlace

## Ana Maria Barbosa Monteiro Gonçalves
## Tenente José Nadyr Novis



**Estampamos aqui flagrantes colhidos na Igreja da Candelária, no dia 24 do mês p. passado, por ocasião da cerimônia religiosa do enlace matrimonial da Srta. Ana Maria Barbosa Monteiro Gonçalves, filha do Major Ramiro Tavares Gonçalves e de sua espôsa, D. Ignez Barbosa Monteiro Gonçalves, com o Tenente**



**José Nadyr Novis, filho do Major Achiles Novis e sua espôsa D. Sylvia Pires Novis. Elementos de grande projeção nos círculos sociais e militares, por isso mesmo o enlace do jovem par se constituiu num grande acontecimento para a nossa sociedade.**



# JOJOCA, O SARGENTÃO

Conto de O. GOMES DE CASTRO

AOS oito anos, coordenou a primeira frase inteligivel, alvoroçando o derpertar melancólico da pacata família. E ninguém esperava aquilo do Jojoca. Tão nervosos e estridentes foram os gritos da magra e neurastênica espôsa, que o major abriu aflito a porta da biblioteca, disposto a pancadaria, tal fôsse a arte do insuportável menino. Mas estacou boquiaberto, em atribulada perplexidade, diante do que via. O Jojoca paradinho, os braços pendentes, cabisbaixo, aturdido na algazarra do próprio feito, numa tristeza tímida de jumentinho perdido. Na outra extremidade da sala, estalava a gargalhada espalhafatosa da mulata Pina, a escumadeira na mão, sacudindo as formas redondas, em contorsões de convulsionário, e engrolando um "tatibitate" em gíria brava misturada a nomes de santos... Que aquilo era milagre de São Jorge em armas.

Toninho não sabia o que mais o excitava, se as vibrações da Pina, os gritos da espôsa ou a tristeza do filho. Entrementes, dona Lalá gritava segurando os ombrinhos do filho:

— Repita, filhinho! Vamos, repita!

O garôto olhou desconfiado o pai. E diante do sorriso acolhedor de Toninho, sacudido frenèticamente pela mãe, ergueu de novo a boquinha bicuda para o teto e repetiu:

— Eu gosto dos "bichus"! — e manteve o pescocinho esticado, numa atitude de esfôrço. Parecia um piruzinho engolindo fubá mal molhado. Depois, encarou assustado a alegria exagerada dos outros. O major gargarejava uma risada em "ó" na qual estava implícita, sarcástica e rancorosa crítica ao médico que um mês antes afirmara não ser possível o Jojoca falar. Porque faltava-lhe o desenvolvimento de certa circunvolução cerebral...

— Que animais, Lalá! Que cavalgaduras, os doutôres! Oh! Oh! Oh! — e curvou o tórax, estendendo os compridos braços para o filho. Lalá protestou, em francês, que não afirmasse aquilo com tanta irritação, na presença do filho, pois iria plantar no coraçãozinho dêle um "complexo" contra médicos.

Jojoca vacilava medrosò diante do pai. O primeiro impulso foi corrèr e abraçar as pernas da Pina. Mas a mulata o empurrou:

— Vá abraçar seu pai, menino! Ora essa! — em seguida, voltou-se para a patroa que apertava nervosa o rosto na curva do cotovêlo, soluçando baixinho: — Que foi dona Lalá? Isto assusta o despertar da pobre criança. Ochente! Mas já viram coisa igual?!

Toninho abraçou o filho. Naquele instante, surpreendido consigo mesmo, havia feito uma conclusão psicológica. Que aquêle pendor genuíno do garôto pela alimária, era atávico. Também a avó dêle gostava muito dos bichos. Criara centenas de cães na chácara de Jacarepaguá. Recordou-se, outrossim, que a velha só conseguia dormir abraçada com um macaquinho. Esgaravatando aquelas saudosas recordações, Toninho correu, com o filho ao colo, para a biblioteca. Sentou aflito o garôto na mesa e procurava algo. Num instante encontrou o livro de estampas. Todos correram para espiar e mais e mais se aproximavam. Toninho abriu o livro no colo do filho e perguntou, solenemente, apontando um boi:

— Que bicho é êste, Jojoca?

Jojoca encarou o pai, esparramando no rostinho um sorriso imbecil. Nada respondia.

— Diga, diga! — interveio dona Lalá, abraçando-lhe os ombrinhos.

— Buuuu! — fêz o garôto, apertando a cabeça na barriga do major, imitando uma chifrada.

— Jesus! Buuu!... O menino está dizendo que é um boi, major Toninho! — exclamou a Pina, abraçando a um tempo a patroa e o garôto.

— Que bicho é êste, Jojoca?! — repetiu o major, com ênfase, os olhos brilhantes de lágrimas. Apontava um galo.

— Pipiu! Pipiuzinho! — respondeu sorrindo, desviando o rostinho pálido para a mãe. Pina soluçava alto, deitando o rosto no ombro de dona Lalá:

— Que bicho é êste, meu filho?! — insistiu Toninho, com voz roufenha, apontando agora, com dedo trêmulo, uma girafa.

Houve um longo silêncio. O garôto coçava, pensativo, a cabecinha e babava.

— Gi... — auxiliou o major, soprando baixinho ao ouvido.

Jojoca encarou-o triste. O cotovêlo no joelho, a mãozinha espalmada contra o rosto.

— Gi!... — repetiu Toninho, um pouco mais alto.

O garôto ocultou o rosto entre as mãos e espiava pelas frinchas dos dedos.

— Gi-rá!... Girá!... — gritava o major.

— Vire a página, Toninho! Que diabo de bicho mais estapafúrdio! Vire a página! — interveio Lalá, tentando virar a página do livro.

— Girá... — insistiu o major.

— Girafa! — gritou o mulatinho Onisuá, filho da Pina. Ninguém se apercebera da penetração ali do molequinho. A mulata escorraçou-o, esbravejando:

— Girafa, meu filho! Girafa !— explicava dona Lalá, passando, carinhosa, a mão pela cabeça do Jojoca.

Entrementes, o major procurava outro bicho. Rápido encontrou-o. Apontava um hipopótamo...

— Não senhor! Chega! Puxa! — protestava a mãe do Jojoca, tentando fechar o livro.

— Quer ver? — fêz o major, irritado. E gritou para dentro: — Onisuá! Onisuá!...

O mulatinho apareceu lá na porta da cozinha. Toninho virou a figura para êle.

— "Impopótamu"! — gritou o moleque, acrescentando: — Vire a página!

Toninho obedeceu. O garôto aproximou-se, coçando a cabeça. Encarava, vêzes a figura apontada, vêzes o rosto do major. Mas não teve coragem de dizer. Saiu correndo. Mas naquela disparada maliciosa do menino estava implícito o fato de saber tratar-se de um camelo. Apelido do major.

— Está vendo, Lalá? Cinco anos! — disse Toninho, fechando com amargura o livro.

(Cont. na pág. 54)




Ilustração de ORVAL






*NOIVAS de Maio, do mês de Maria, do mês das flores, do mês da beleza. As que se casam em Maio podem escolher entre êstes modelos de Ramon o que mais lhe agrada ou mais lhe convém. São modelos singelos, quase todos, graciosos, leves, originais.*

Suponho que Frank não lhe disse ainda que estava caído por mim!

Não! Não creio nisso. Êle me ama, e não mudou!

Não seja uma louquinha! Êle mudou. Apenas não quer magoá-la, eis tudo. Pensa você que um homem vai amar uma mocinha do interior quando pode casar com uma como eu?

OH!

Eu sabia que êle não teria coragem de dizer-lhe a verdade. Mas, se, realmente, a amou, não ia precisar de você no "broadcasting". Foi êle quem pediu que viesse?

Não tem importância que ambos houvessem colaborado nas canções. O principal é êle; mas não quer desgostá-la dizendo isso, ou que você é um "espêto" na vida dêle!

Não, não é verdade!

Comigo êle será uma celebridade. Se você tem brio, não espere que êle lhe diga isso de viva voz. Aqui está um cheque de 5 mil dólares. E' mais do que sua parte nas canções! E agora, volte e não procure mais ver o Frank!

Arranquei o cheque das mãos de Doreen e o rasguei violentamente!

Você é atraente, Doreen, mas não muito. Se Frank a ama, que me diga pessoalmente, e então eu não mais procurarei vê-lo!

Atrevida!

Acho que é tempo de entrar nessa teima!

SONHOS DE GLÓRIA

Rosemary, eu vim saber se você está pronta para almoçar comigo. Ouvi tudo o que você disse, Doreen, ao chegar à porta e mais ainda ao abri-la!

OH!

A respeito das representações, eu prefiro Rosemary a tudo o mais. Eu sempre desejei convidá-la para vir, mas você sempre encontrava um motivo para delongas!

Eu sei o de que o público gosta! Você é romântico sem ela. Eu com você completamos excelente fundo artístico.

Provarei que você se engana quanto ao de que gosta o público. Por algum tempo você, realmente, me conduziu pela mão, talvez pensando que estava com tudo!

Mas isso foi sòmente até à noite passada, quando percebi sua intenção. E agora confirmou. Rosemary tem razão. Você é tentadora, mas não tanto. E perdeu seu tempo!

Alegro-me em ver que Rosemary tem razão, e eu fui um idiota por alguns momento. E' ela o meu único amor, e, sem ela, não haveria nenhuma canção!

Quando a porta se fechou às costas de Doreen...

Querida: eu já avisei aos editôres das canções, que a outra pessoa, co-autora das canções estava aqui. E êles querem seu nome no contrato! Era o que eu desejava levar quando voltasse para você!

Oh! Frank! E pensar que duvidei de você!

Você está mesmo falando sinceramente a nosso respeito? Doreen é tão fascinante!

Você é linda e verdadeira! Doreen não poderia separar-nos! Nós pertencemos um ao outro!



Oito milhões de cruzeiros
Um tico de arte e um tico de bilheteria

# TICO-TICO NO FUBÁ

*INDISCUTIVELMENTE a Vera Cruz, com seus estúdios monumentais, impôs respeito ao debilitante cinema nacional. Alguma coisa sólida se ergueu, a maquinaria moderna entrou em casa, vieram técnicos e muito dinheiro correu. "Caiçara", "Terra é Sempre Terra", "Ângela" — denotaram que a técnica já podia ser levada a sério aqui dentro. Falou-se então na realização de "Tico-Tico", que seria a vida romanceada de Zequinha de Abreu. As máquinas rodaram muito tempo e anunciou-se, com certa pretensão, que êste seria um "superespetáculo". Pretendia-se mesmo que o cinema nacional se dividisse em duas fases: antes e depois de "Tico-Tico". O custo do filme elevava-se a oito milhões e, segundo os últimos telegramas, afirmava-se mesmo que chegou a doze milhões (talvez incluindo as despesas dos telegramas, quem sabe?). Resultado: o filme decepciona. Não é aquilo que se dizia, não é aquilo que se fazia esperar. E isso porque, apesar de tôda a boa-vontade, a vida de Zequinha não se presta a fazer um filme. Como compositor, sòmente uma música: "Tico-Tico no Fubá", consagrada no mundo inteiro — mesmo levando-se em conta aquela valsa cacete que é "Branca". A história, por isso mesmo, foi forçada — com oitenta por cento de ficção e vinte por cento de realidade. Nessa ficção, faltou imaginação de seus autores, resultando numa história fraca. O primeiro têrço da fita, abusando mesmo daquele ambiente circense, muito bem explorado, aliás, faz prever realmente um superespetáculo. Mas logo a fita cai — e não mais se levanta, arrastando-se até o fim. Anselmo Duarte não está melhor do que em "A Sombra da Outra"; está igual. Jamais pensamos que é Zequinha de Abreu; continua sendo Anselmo Duarte. Em alguns momentos, quase convence — mas logo a seguir nos mostra que está representando. Ainda o preferimos em "A Sombra da Outra". Tônia Carrero, um bom tipo de mulher, ainda não foi explorada pelo cinema e continua aguardando a "chance" que merece. Marisa Prado está bem melhor em "Terra", embora não comprometa. Ziembinski impõe-se pela naturalidade e rouba algumas cenas. Contudo, as interpretações são coesas, dentro da debilidade, em parte da direção e da cenarização. Nossos respeitos à fotografia e à partitura. O corte e a montagem estão seguros e conseguem manter a narrativa compreensível, apesar da história ser fraca. De qualquer forma, contradizendo as opiniões de diretores entendidos, o "Tico-Tico" aí está, imponente dentro da cinematografia nacional, como o melhor espetáculo já realizado no cinema indígena. Embora cheio de absurdos e com oito milhões gastos, é um espetáculo digno de ser visto e que merece ser visto pelos que realmente se interessam pelo cinema brasileiro. E "Tico-Tico" é, realmente, cinema brasileiro. Deve ser prestigiado.*

## margem do spetaculo

ORNALISTAS brasileiros partiram para o Festival de Cannes. Celestino Sil-a, Vinicius de Morais, Danilo Ramirez aquim Menezes. Vão estudar a orga-ção do Festival, nomeados pelo Presi-e Vargas, para que se possa realizar idêntico aqui no Brasil. Provàvelmente a êste ano. Ou tudo isso é fita?

★

iste um rapaz que quer ficar conhe-. Assina cinco ou seis artiguetes num aleco mas não consegue ser notado. fazer-lhe a vontade e torná-lo conhe-. Seu nome é Guilherme Repanas, um alista metido a redator. O pior é que é nenhuma coisa nem outra. Disse que eu sou "o maior pão duro do Bra-porque convidei uma pequena da lupi para jantar e paguei uma média pão e manteiga. Vou explicar: nem eu paguei. Além do mais, gasto o ganho. Assim, já possuo um aparta-to em Copacabana, um automóvel, um elho de Televisão, uma rádio eletrola, uns níqueis para pagar médias para listas frustrados. E sempre sobra al-para emprestar a êle, Repanas, para Festival do Uruguai — esperando pague até hoje. Será que o jornaleco está dando? Quando quiser tomar média, é só me procurar. E não pre-trabalhar na Televisão.

★

Para os que ainda insistem em comba-o cinema americano, recomendo dois recentes: "A Montanha dos Sete es" e "Um lugar ao Sol".

★

atores brigando. Astros discutindo. tores arranjando grandes emprésti-Cada um por um — e um por oito. migos, o cinema nacional já existe.

**leon eliachar**



Fraco

**ASSIM SÃO OS FORTES (Across the Wide — Metro)** William Welman, realizador de "Consciências Mortas", está irreconhecível nesse espetáculo em tecnicolor, onde Clark Gable, Ricardo Montalban, John Hodiak, Adolphe Menjou, J. Carroll Naish, brincam de briguinhas e fazem papéis ridículos, fingindo que não entendem o idioma nativo de alguns índios da região. Maria Elena Marques ("A Pérola") está digna de pena, balbuciando palavras incompreensíveis que Clark Gable não pesca mas que, ainda assim, casa-se com ela. Tanta bobagem junta é de admirar e o filme, por isso mesmo, torna-se cacete. Não é arte, não é bilheteria, não é nada que se possa definir. Mas o desenho animado compensa o sofrimento.



Nem tanto

**ESTRADA DOS HOMENS SEM LEI (The Racket — R. K. O.)** Aqui temos um Robert Mitchum valentão, mocinho de polícia, que resolve exterminar uma quadrilha organizada que manobra a política de uma cidade americana. Robert Ryan — excelente ator — é o chefe do grupo. Embora a direção de John Cromwel seja recomendada pelo seu filme "À Margem da Vida", a cenarização é deficiente ou, ao menos, um pouco incompreensível. Falta um pouco de ação ao filme, o que o torna, por vêzes, arrastado. Lizabeth Scott é a mocinha, mas pouco tem a fazer. O filme é todo de Ryan que, com sua máscara e sua fisionomia dura, toma conta de tudo, mesmo nas cenas em que não aparece. Agrada aos fãs de policiais.



Acidentado

**MULHERES EM PERIGO (The Secret of Convict Lake — Fox)** Um grupo de 23 presidiários escapa de uma penitenciária, seis dos quais sobreviventes à perseguição da polícia e às condições árduas da natureza, enfrentam as montanhas de neve e vão dar num vale, habitado exclusivamente por mulheres, em virtude de, no inverno, seus maridos trabalharem noutra localidade. E' claro que implantam o terror. Homens sem escrúpulos, assassinos, em busca de dinheiro e de liberdade, são contudo, freados pelo homem bonzinho que é Glenn Ford. Zachary Scott é o mau. O ambiente de expectativa criado pelo diretor é realmente bom e mantém o espectador em suspense. Mas no fim tudo se resolve fàcilmente, os homens maus morrem e o homem bonzinho vive feliz com a mocinha, obrigado.

cine-novela

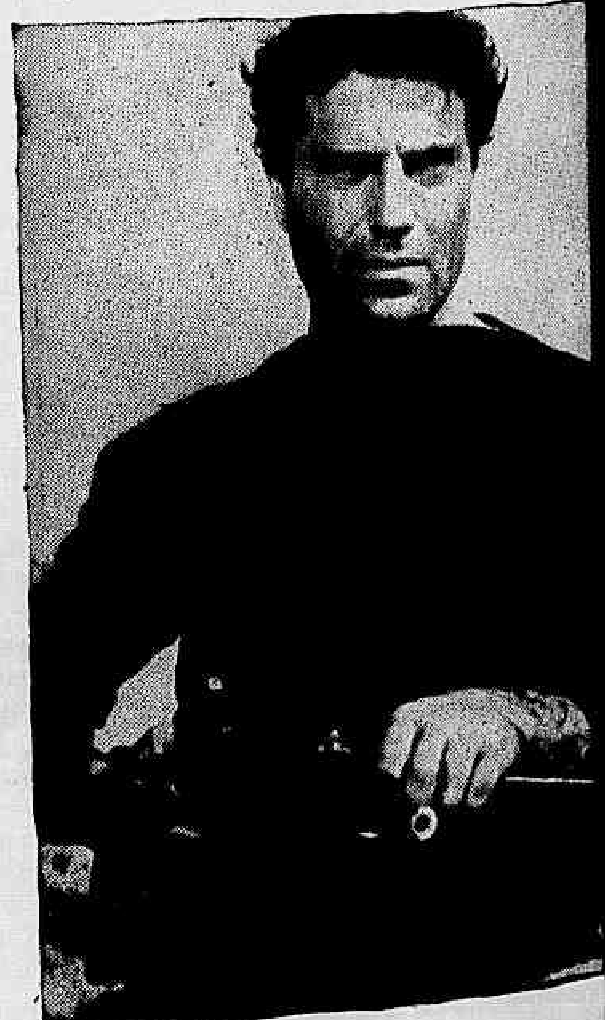
# O Cristo Proibido

(IL CRISTO PROIBITO)

ELENCO:

| | |
|---|---|
| Bruno | RAF VALLONE |
| Nella | ELENA VARZE |
| Mastro Antonio | ALAIN CUNY |
| Mãe de Bruno | RINA MORELLI |
| Pinin | PHILIPPE LEMAIRE |
| Maria | ANA MARIA FERR |
| Pai de Bruno | GUALTIERO TUMIA |
| Andrea | LUIGI TOSI |
| A velha | ERNESTA ROSMINO |
| O Eremita | GINO CERVI |

**Argumento, cenários, diálogos, fundo music direção de CURZIO MALAPARTE**



NO Outono do ano de 1950, um homem de 30 anos, o operário Bruno, volta a casa depois de 10 anos de guerra e prisão na frente Russa e nos Campos de Concentração Soviéticos. Volta a um país vencido e a uma casa onde perdeu um ente de sua família. No hospital americano da Alemanha do Oeste, onde foi recolhido junto com alguns companheiros para restabelecer-se dos sofrimentos que recebeu, êle sabe que seu irmão Giulio, um rapaz de 17 anos, denunciado por um traidor, foi fuzilado pelos alemães como "partigiano". Por meio de alguns de seus companheiros, que deixaram o hospital antes dêle, Bruno avisa a seus patrícios que também êle está para voltar e que volta para vingar o seu irmão. Bruno crê ainda na triste mitologia da justiça individual, que os combatentes e os prisioneiros haviam elaborado no íntimo do próprio ânimo, durante os anos dolorosos da guerra e da prisão. Êle ignora que de 1945 a 1950, uma profunda evolução houve na consciência dos indivíduos e dos povos; ninguém quer mais saber de violência, de sangue, de lutas fratricidas; todos já perderam a fé na liberdade e na justiça, pelas quais têm combatido e sofrido assim como tantos inocentes foram sacrificados. Ninguém mais crê na potência liberal do sacrifício. A mesma liberdade, sem o espírito de sacrifício não é mais que uma forma disfarçada de escravidão. Todos estão subjugados sob o pêso da própria miséria, da própria desilusão e aceitam passivamente com triste resignação não sòmente o próprio sofrimento dos seus filhos e da espôsa, mas também o sofrimento, a miséria, e a humilhação dos outros. A sua paz e o seu pão estão garantidos ùnicamente por essa sua resignação, por êste seu egoísmo e pelo mêdo de novas lutas e novos sangues.

Êste estado moral da Aldeia de Bruno é o mesmo de tôda a Europa, destruída e humilhada pela guerra e desiludida pela libertação. E' esta moral decadente que desmoraliza e corrompe o corpo social de tôda a Europa Ocidental, ou seja da Europa Cristã. E' uma moral de egoísmo, de mêdo, de covardia, de renúncia. Uma moral de escravidão. Como poderá esta Europa resistir amanhã, não sòmente à violência externa, mas também àquela violência fruto do egoísmo e do mêdo que, apagada no momento, está pronta a explodir na consciência dos indivíduos e dos povos?

"Até quando vocês sofrem por si mesmo, pela sua miséria, pela miséria da própria











mulher, pela fome de seus filhos — fala um personagem de "O Cristo Proibido" —
enquanto vocês se submeterem e se resignarem em silêncio, tudo irá bem. Você é um
bom cidadão, um ótimo pai de família. Mas se você sofrer pelos outros, pela miséria
dos outros, pela fome dos filhos dos outros, pela humilhação dos outros homens, daí
em diante você passará a ser um homem perigoso, um inimigo da sociedade".

O mêdo, o egoísmo, a injustiça social, a escravidão, tôda a miséria humana nasce
desta proibição, ao mesmo tempo imposta e aceita passivamente de sofrer pelos ou-
tros, na qual pròpriamente consiste aquêle que Malaparte chama "O Cristo Proibido",
quer dizer a parte do ensinamento de Cristo que a sociedade moderna condena, re-
pudia e proibe. E' proibido sofrer pelos outros: Esta é a moral do mundo moderno,
moral da Europa de 1951.

E' por isso que todos acolhem Bruno com suspeita, quase com mêdo. Não sòmente
êles temem de virem a ser cúmplices da obra da justiça individual; êles sabem que a
liberdade, a justiça, a paz conquistadas a alto preço são coisas frágeis. Êles sabem
que sangue chama sangue, e uma gôta de sangue pode fazer recomeçar tudo nova-
mente. E todos têm mêdo; todos lhe viram o rosto quando Bruno passa pelas ruas
da aldeia, fixando cada um nos olhos com seu olhar indagador.

Todos conhecem o nome do infeliz que matou o irmão de Bruno, mas ninguém o
revela. Na presença de Bruno, à pergunta que êle faz: "Quem foi?", ninguém res-
ponde; nem a mãe, nem também Maria, a pequena órfã que foi recolhida na casa
de Bruno por piedade, a qual durante aquêles horríveis anos, quando da notícia da
morte de Bruno na Rússia, se entregou a seu irmão, Giulio, porque era êste o único
modo de ser de Bruno. Mas na alma de todos não há sòmente mêdo, existe também
uma sensação de culpa, porque a vontade de justiça de Bruno ameaça não sòmente o
traidor, mas todos, cada um por sua vez, o país inteiro, a sociedade tôda, como se
formou através as dolorosas provas da guerra, da "libertação" e dos horrores que se-
guiram a guerra. A liberdade custou não sòmente sacrifícios e heroísmos mas também
erros e delitos. E Bruno, que vaga nas ruas do país, representa a sombra da liberdade
e da justiça.

# O CRISTO PROIBIDO

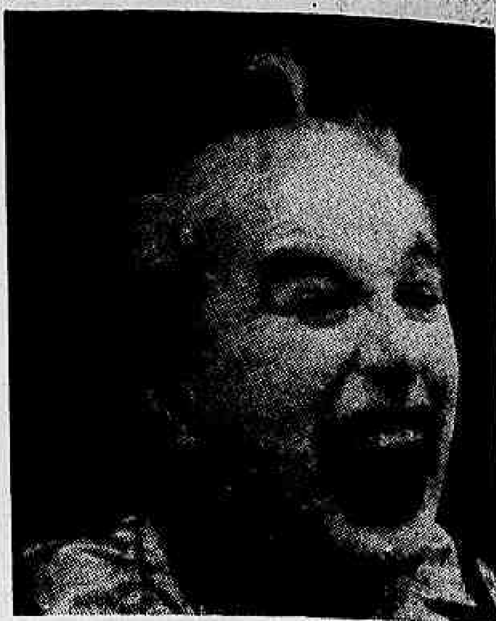
Bruno é só, também diante de sua mãe, êle não percebe, mas não diz uma palavra. Sòmente Nella, que êle tinha deixado ainda garôta, sente por êle uma atração que não é mesmo amor, é sentimento de piedade e humilhação, ela sabe que deve renunciar a Bruno porque, vítima também ela da recente luta, mesmo se também heroína, ela teve um filho pelos alemães e além de tudo, quem matou Giulio foi justamente seu irmão, Pinin. Assim, se revela como ela também seja uma das tantas e inúteis vítimas daqueles anos terríveis. Pela culpa do irmão Nella se sente também mais atrída por Bruno, com mêdo de que um dia êle consiga descobrir o nome de quem matou seu irmão, pronta a defender Pinin, mesmo contra Bruno. Mas isto acaba para deixar-lhe sentir um sentimento de culpa e ela também, como os outros, na frente do olhar de Bruno sente que a culpa dos outros acaba sendo a culpa dela mesma.

Neste ponto, empurrado por êste sentimento comum, um carpinteiro, Mastro Antônio, que todos julgam bom e justo, intervém para salvar Bruno. Mastro Antônio é bom e simples, e animado de fé na bondade dos homens, mas tudo o que êle viu e sofreu durante a guerra civil e a guerra passada serviu para lhe convencer que os homens são incapazes de se salvarem sem a ajuda de outros porque a humanidade é tão desiludida, tão envelhecida pelo egoísmo, pelo mêdo, corrompida pelo ódio e violência e sòmente com as próprias fôrças não poderá se salvar, o pensamento dêle é que sòmente "o sacrifício" é justiça. Isto êle diz a Bruno numa noite que o convidou a sua casa. Mastro Antônio pensa que o sacrifício de um homem que aceitasse de morrer pelos erros dos outros, lavaria as culpas dos homens. Naquela noite que Bruno vai à casa de Mastro Antônio o colóquio continua, enquanto fora se desenrola uma festa. Mas Bruno é firme em seu propósito. Neste ponto, Mastro Antônio faz uma terrível revelação a Bruno: que êle, vinte anos atrás, havia matado um homem. Depois êle não se submeteu à justiça dos homens, mas desde então êle viveu expiando a culpa. Sacrificando-se pelos outros. Acaba dizendo a Bruno que êle também acabaria assim, sendo um assassino como êle, se Mastro Antônio não conseguir salvá-lo. Mas ainda Bruno não se dobra e responde a Mastro Antônio que tudo o que fêz foi feito com justiça e tudo o que êle depois sofreu não o assustava. Mastro Antônio responde que êle não foi justo, mas foi também um pobre ser que se manchou tantas vêzes das mesmas culpas dos outros e assim dizendo êle põe na mão de Bruno uma lima e depois se levanta dizendo: "Foi eu quem traiu teu irmão". Bruno então pega a lima e a atira sôbre Mastro Antônio, ferindo-o e enquanto isto pulou em cima dêle a fim de acabar com seus dias de vida. Mastro Antônio revela que, na realidade, não havia matado seu irmão mas que havia mentido a fim de salvar sua alma. E termina seus últimos instantes de vida dizendo que um dia êle será sabedor do nome do verdadeiro criminoso, o culpado, mas que não deverá fazer mais nada, pois êle, Mastro Antônio, já havia pago a culpa do assassino.

Bruno ficou velando o cadáver durante tôda a noite e na primeira manhã desce ao país entrando em casa, onde sua mãe e sua irmã estão esperando por êle. A mãe, vendo a mão de Bruno tinta de sangue, grita perguntando se êle havia matado Pinin. Bruno chega assim, improvisadamente a conhecer o nome do assassino do irmão. E, ao saber o que tanto procurara, sai novamente de casa em direção à residência de Pinin. Aí chegando, chama-o. Êle desce armado de espingarda. Pinin e Bruno se dirigem para fora do país, enquanto todos os habitantes locais, assustados, saem armados de casa gritando e mesmo êste grupo, cansado de ver o sangue que fôra espalhado durante a última guerra, está pronto a atirar a qualquer momento, a fim de evitar e afastar dos seus filhos um novo perigo. Êste quadro é a imagem da Europa tôda, de tôda a humanidade. Não foi então suficiente o sacrifício dos inocentes? Não serviu de nada êste sacrifício? A humanidade é tão corrompida que até o sangue dos inocentes não é suficiente para salvá-la do ódio e da violência?

Uma vez longe de todos, Bruno pergunta a Pinin por que matara seu irmão Giulio. Pinin responde que nem mesmo êle o sabe, que naqueles momentos até êle estava louco como muitos outros o estavam e mesmo querendo Giulio como a um irmão, êle o denunciara, talvez, acrescenta por ciúme, sendo que também Giulio gostava de Maria. Pinin pede a Bruno para matá-lo de uma vez, a fim de vingar-se da morte do irmão, uma vez que êle era o único traidor de Giulio. Bruno não o mata. Há uma violenta luta, trocas inumeráveis de palavras que tocam em cheio a mente de Pinin. Êste, num momento de loucura ou desespêro, implora a Bruno que não lhe torture mais e grita como um desesperado: — Mate-me de uma vez, vamos, deixe que eu pague pelo meu crime. Mas Bruno não atira, e diante dessas palavras lembra-se de que Mastro Antônio havia pago o êrro de Pinin e diante dêsse pensamento atira para longe a espingarda e dirige-se novamente de volta ao país, enquanto Pinin o segue. O povo, vendo que os dois voltam sem que mais sangue fôsse jorrado, grita de prazer e parece até que todo o trabalho recomeça com alegria. Mais uma vez o sangue de um inocente libertou as almas do ódio e da violência.

Bruno peda a sua mãe ajuda por ter êle as mãos sujas de sangue, o sangue de um inocente. Bruno se sente culpado porque não queria fazer jorrar o sangue de um inocente e pede conselhos a sua mãe nesta terrível situação em que se encontra. Terminada sua palestra com a velha, Bruno se dirige à casa de Mastro Antônio, seguido sempre ao longe por Nella. Êles se dirigem à casa onde " O Cristo Proibido" dorme o último sono. Êle também expiava pagando pelos outros. Assim também era o destino de Bruno como o destino de muitos outros homens que amam a justiça e a liberdade. Bruno grita umas palavras dirigindo-se à casa solitária. Palavras de protesto dos homens justos e bons, dos homens livres, contra êste destino da família humana; "Chega com o sangue dos inocentes. Por que os inocentes devem sempre pagar pelos outros? Quando o sangue dos inocentes deixará de ser necessário para salvar o mundo? Quando o sangue dos inocentes fará surgir a liberdade e a justiça?"









Além de produtor, autor, dialoguista, compositor, coreógrafo, diretor, cortador e ator, Chaplin é também o seu próprio maquilador. Em seu novo filme, êle vive a figura de Calvero, um herói tipicamente chapliniano: grotesco e humano.

# um pouco de CHAPLIN

*CHARLES Spencer Chaplin trabalha no cinema há mais de trinta anos. E está produzindo agora sua 81º fita: "Limelights". E permitiu, pela primeira vez, ser fotografado durante seu trabalho, um "furo" conseguido pela revista "Life" — que lhe dedicou uma reportagem de onze páginas. Hoje, aos 63 anos, Chaplin ainda usa a sua mímica insuperável e seus gestos familiares de pantomima. Tem uma energia invulgar e só pára de trabalhar quando está completamente exausto. Nenhum de seus filmes lhe deu prejuízo até hoje. O mais velho dêles, ainda lhe dá lucros e é atração nos mercados estrangeiros. Estações de televisão fizeram tudo para adquirir alguns dos seus clássicos, mas Chaplin não cede.*

*"Limelights" foi filmado, em sua maior parte, nos estúdios de Chaplin, onde êle trabalha desde 1918. Foi rodado em cinquenta dias, um novo "record" para as suas produções. E' incansável. Exerce tôdas as funções com precisão absoluta. E' seu próprio mestre e domina, como ninguém, tôdas as suas atribuições. Filma diversas vêzes a mesma cena e mesmo depois de dizer ao "cameraman": "Esta cena está boa", acrescenta, com as mãos nos bolsos traseiros da calça: "Mas façamo-la novamente". A história de "Limelights" é dedicada ao velho "music-hall" (do qual o próprio Chaplin foi um dos personagens, anos atrás). Seu herói é Calvero, vivido por Chaplin, um personagem inteiramente novo na nova galeria que Chaplin vem criando ùltimamente. A heroína é Teresa, jovem bailarina, vivida por Claire Bloom, jovem atriz inglêsa de vinte primaveras. Teresa tenta o suicídio quando, sofrendo de um ataque reumático, pensa que não poderá mais dançar. Calvero é quem a salva e lhe presta assistência até que ela retorna ao palco. Em agradecimento, ela trabalha com êle, no mesmo número, reabilitando-o e tornando a fazê-lo conhecido, quando já estava sendo esquecido pelo público. Numa noite incomparável, êle volta a ser o famoso Calvero, exímio violinista e grande domador de feras. Chaplin teve o cuidado de planejar as cenas dramáticas. Mas grande parte da comédia obedeceu ao impulso da improvisação, fruto de pacientes e perseverantes tentativas. Em algumas cenas êle aparece com Buster Keaton (ídolo do silencioso) e que, pela primeira vez, contracenam juntos. Chaplin mostra, êle próprio, como quer que sejam feitas as cenas e, para isso, não poupa tombos e quedas extraordinárias, como êle quer que elas sejam executadas. Dois de seus filhos trabalham nesse filme, Charles, de 27 anos, e Sidney, de 26, de seu matrimônio com Lita Grey Chaplin. Dentre tôda a obra de Chaplin, incluindo "Luzes da Cidade" e "Monsieur Verdoux", parece ser esta a sua obra máxima. Como aliás, êle mesmo afirma: "Farei filmes até morrer e sempre farei com que o último seja o melhor de todos".*



**Na vida particular, Chaplin despede-se de sua filhinha Josephine. Em «Limelights», dois outros filhos de Chaplin figuram como atores: um de 27 anos e outro de 26.**

## o famoso gênio do cinema termina "Limelights" seu último filme







**O clímax do filme é quando Calvero espera o médico, depois de um acidente. Teresa, que tem alguns momentos antes de entrar no ballet, ajuda-o, inconsciente, a ir ao palco, sem saber o quanto êle estava sèriamente ferido. E enquanto o público delira em aplausos, êle vê descer o pano pela última vez.**

**Teresa promete a Calvero que êle haverá de recuperar a popularidade e a mocidade de outrora. E Calvero sonha, então, que é famoso novamente e que atua com Teresa, a quem êle ama — e vê-se dançando com ela, num parque.**

←



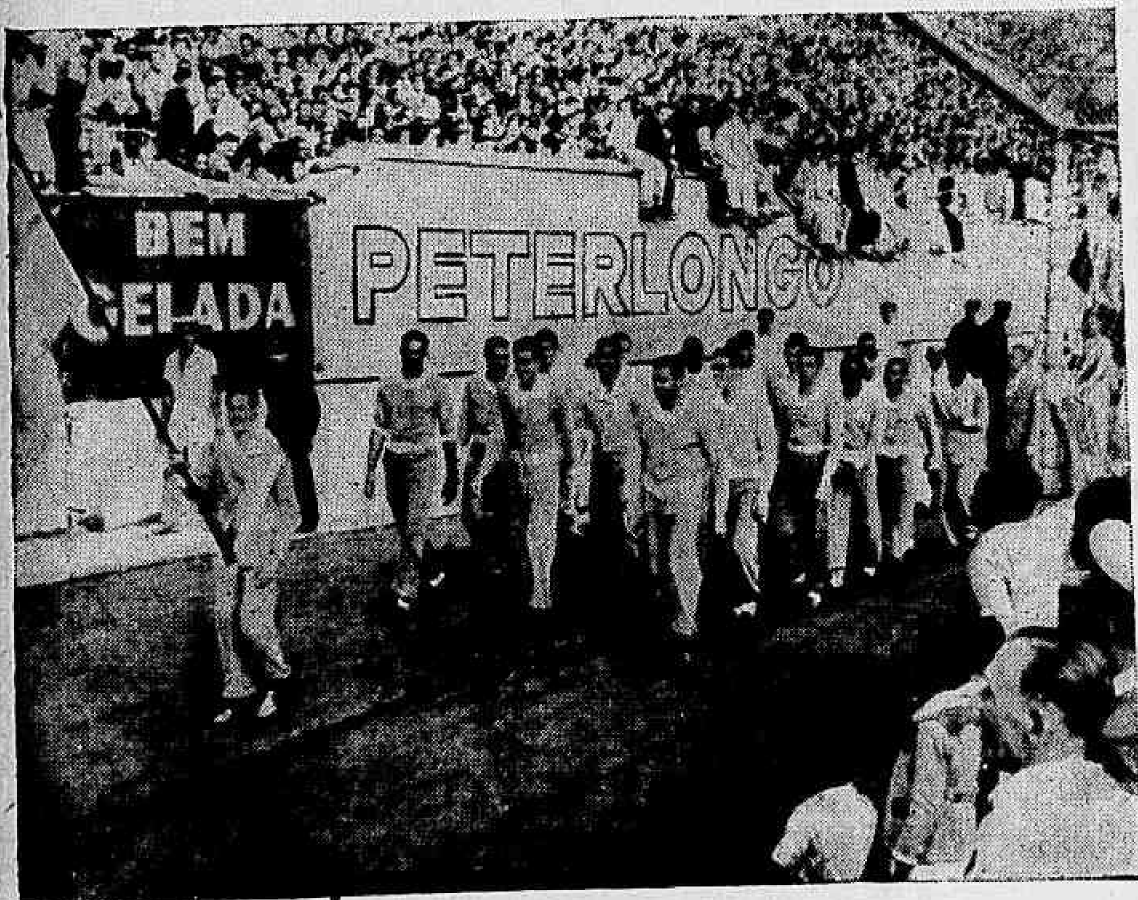
**Aspecto do Estádio do C.R. Vasco da Gama por ocasião das comemorações do Dia do Trabalho, a 1º de Maio..**

# A FESTA DE 1.º DE MAIO

*NÃO apenas no Brasil — em todo o mundo hoje — a dàta de 1º de Maio, dedicada ao Trabalho, perdeu sua primitiva significação de luta revolucionária, comemorada com passeatas, greves e conflitos de ruas, para assumir o caráter de festa de congraçamento social. Se os trabalhadores manuais, até alguns anos atrás, dela se valiam para acirrar a luta de classes e renovar suas reivindicações com protestos frequentemente sangrentos, isso se devia à condição mesma de desamparo e penúria em que viviam. O dia 1º de Maio, escolhido como data internacional para manifestações operárias, recordava o triste episódio, ocorrido nos Estados Unidos, que sacrificara a vida de dois elementos revolucionários da classe trabalhadora. Mas, o episódio já se perdeu na poeira dos tempos e apenas recorda uma época em que a classe operária, batendo-se por direitos legítimos, ainda pleiteava reivindicações como a jornada de oito horas nas fábricas, higiene dos locais de trabalho e assistência médica. Tudo isso de que desfruta, hoje, ainda nos países mais atrasados do universo.*

*O 1º de Maio não fornece mais as manchetes para os jornais do dia seguinte, como até vinte anos atrás. O mundo fêz caminho rápido, a partir do término da I Grande Guerra, no terreno da justiça social. No Brasil, e alhures, o Dia do Trabalho é comemorado pacìficamente, tomando os próprios governos a iniciativa dos festejos.*

*As cenas desta página são uma demonstração do que dizemos e mostram cenas tomadas no Campo do Vasco, no Rio de Janeiro, onde o Govêrno ofereceu ao povo e às entidades trabalhadoras um espetáculo esportivo dos mais atraentes. Ao ensejo dessas comemorações o Presidente Getúlio Vargas proferiu um discurso, já divulgado pela imprensa.*




**Fesfile dos campeões pan-americanos de futebol, no estádio do Vasco da Gama, por ocasião dos festejos do Dia do Trabalho.**



**O Presidente Getúlio Vargas faz a entrega, ao jogador Ademir, da taça oferecida ao selecionado brasileiro que venceu o Pan-Americano.**

# UMA TARDE DE ARTE

## A "couture" em seu esplendor

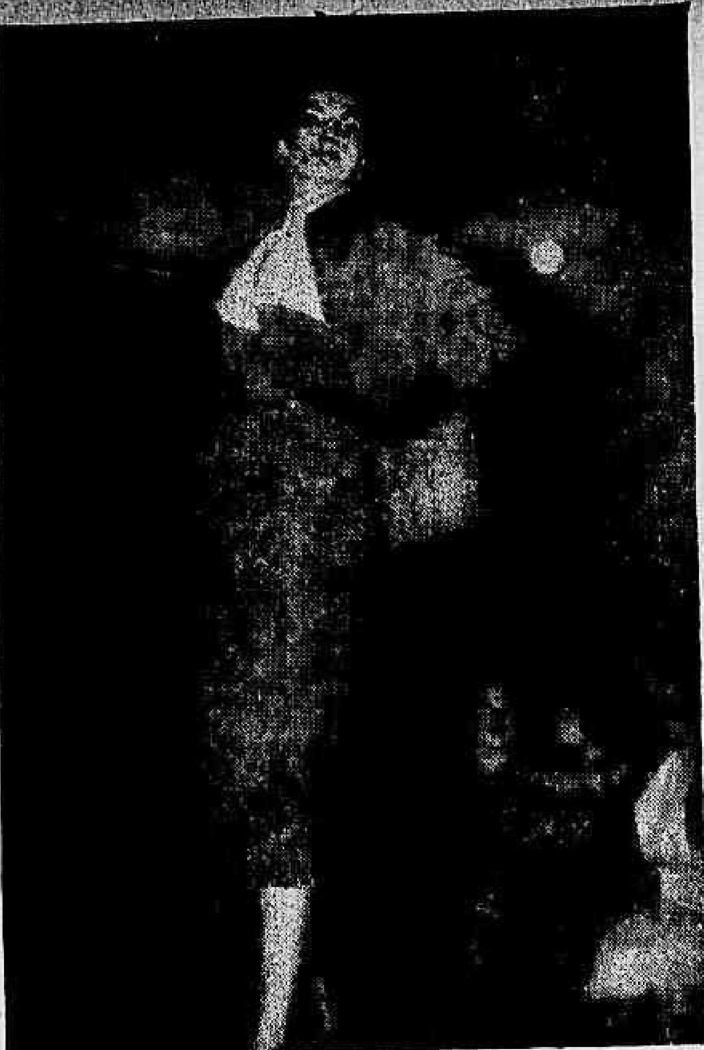




SEGUE

Helga e Ara apresentam dois suntuosos modelos para grande baile, em "tulle" bordado.

# Uma tarde de arte



Jacques Fath apresenta êste modêlo para a tarde, em linha reta, o casaco com mangas folgadas à altura dos cotovelos.



Ainda Fath, lançando o novo cinza "túnel", numa criação de simplicidade inimitável.



Uma criação muito espanhola de Balenciaga: duas peças em tafetá negro com grande babado.

*PELA primeira vez em nossa capital foi realizado, exclusivamente para a imprensa, um grande desfile de modelos dos mais famosos costureiros franceses. A Casa Canadá de Luxe levou a efeito o empreendimento, facultando aos profissionais do jornalismo uma "avant-première" do espetáculo que seria repetido no dia seguinte para figuras destacadas da sociedade carioca. A ocorrência, inédita em nosso meio, é comum nas demais grandes cidades do mundo, onde causa no entanto sempre sensação, pois a divulgação das últimas criações da moda se reveste de uma tal importância para o público que os responsáveis pelas diversas publicações especializadas concordam com um prazo amplo — trinta dias — para o seu lançamento, a fim de que nenhuma dentre elas leve sôbre as demais vantagem de tempo.*

*Atuou como "speaker" o Sr. Zacarias do Rêgo Monteiro, que iniciou a apresentação de modelos e manequins por uma peroração sôbre a "costure": arte que se inspira em tôdas as outras, disse, seguindo-as de perto em sua evolução. Sem a contribuição do ballet, da pintura, da escultura, a moda hoje não seria o que é.*

*O começo do desfile, numa rápida sucessão de modelos "trotteurs", poderia receber o título de Sinfonia em Cinza. Cinza é o tom máximo da estação, especialmente na gradação "túnel". As duas primeiras criações, de Jacques Fath e Lanvin-Castillo, surgiram nos corpos esbeltos de Ara e Vânia, a primeira com chapéu também de Fath e a segunda com chapéu de Marie Christine. Gracinda, Monique, Ilka e Helga se seguiram, alternando-se e cruzando na elegante exposição de vestidos, "ensembles", costumes cinzentos, realçados por complementos pretos ou de côr — mustarda, vermelho, verde, castanho.*

*Jacques Fath, Christian Dior, Ianvin-Castillo, Serge Kogun, Jean Dessès, Balmain, Maggy Rouff, Balenciaga, o jovem Hubert de Givanchy (apelidado o "Tarzan das musselines"), foram os magos criadores que urdiram o deslumbramento da tarde. Os chapéus eram de Paulette, Marie Christine, Barthé e dos mesmos Fath, Balmain. E' impossivel destacar criações no conjunto maravilhoso da coleção apresentada, entretanto ocorre-nos citar um "ensemble" sensacional de Balenciaga, em tafetá, com espanholíssimos babados, um outro de grandes "pois" brancos sôbre fundo cinza, com um panejamento sôlto dos ombros do bolero e caindo até a barra do vestido, podendo também ser recolhido pelo cinto, de Jean Dessès, e duas criações irmãs, de Dior, "Paquerettes" e "Bouton d'or", em organza bordada com flores do campo em relêvo, usadas com pequenos "toques" do mesmo material e com o mesmo bordado, que fizeram com que todos os fotográfos presentes, num só movimento, caissem de joelhos aos pés de Monique e Ilka para fotografá-las. Os vestidos de baile são suntuosos e belos: um em veludo bordado como manto real, abrindo-se em pétalas sôbre ampla saia plissada de finíssima organza, outro com saia de "tulle" armada em arames formando uma campânula irregular sôbre um "fourreau" de renda bordada, mais um em organdi branco, todo em volantes que vão aumentando de largura, desde muito estreitos até cêrca de um palmo, do alto do corpete justo até em baixo da refolhuda saia, debruados de negro, um outro ainda em rica "ampleur" de "tulle" champanha recoberto de renda no mesmo tom bordada a ouro, mais outro com saia superposta de "tulle" branco, velando um enorme babado castanho claro prêso a uma saia recortada em festões, o decote contornado por uma gola formando pétalas em subtons de castanho, e outros, muitos outros, todos lindíssimos.*

*Foram passadas também "fourrures", destacando-se um "manteau" de "vison rogal pastel", "beige", de linha vaga, muito "souple" e "evasé", digno de uma rainha, uma estola em "vison" safira, outro em raríssimo "vison" branco, prendendo nos cotovelos com mangas franzidas, um gracioso casaco curto em astrakan negro, desenhado expressamente por Balenciaga para ser executado pela Casa Canadá.*

*Pela mostra dada, ficaram patenteadas as principais últimas modificações da linha: alongando as cinturas em blusões mais ou menos justos em alguns casos, em outros nos casacos "martingale" (linha de Fath), ou como na maioria dos*

(Cont. na pág. [illegible])



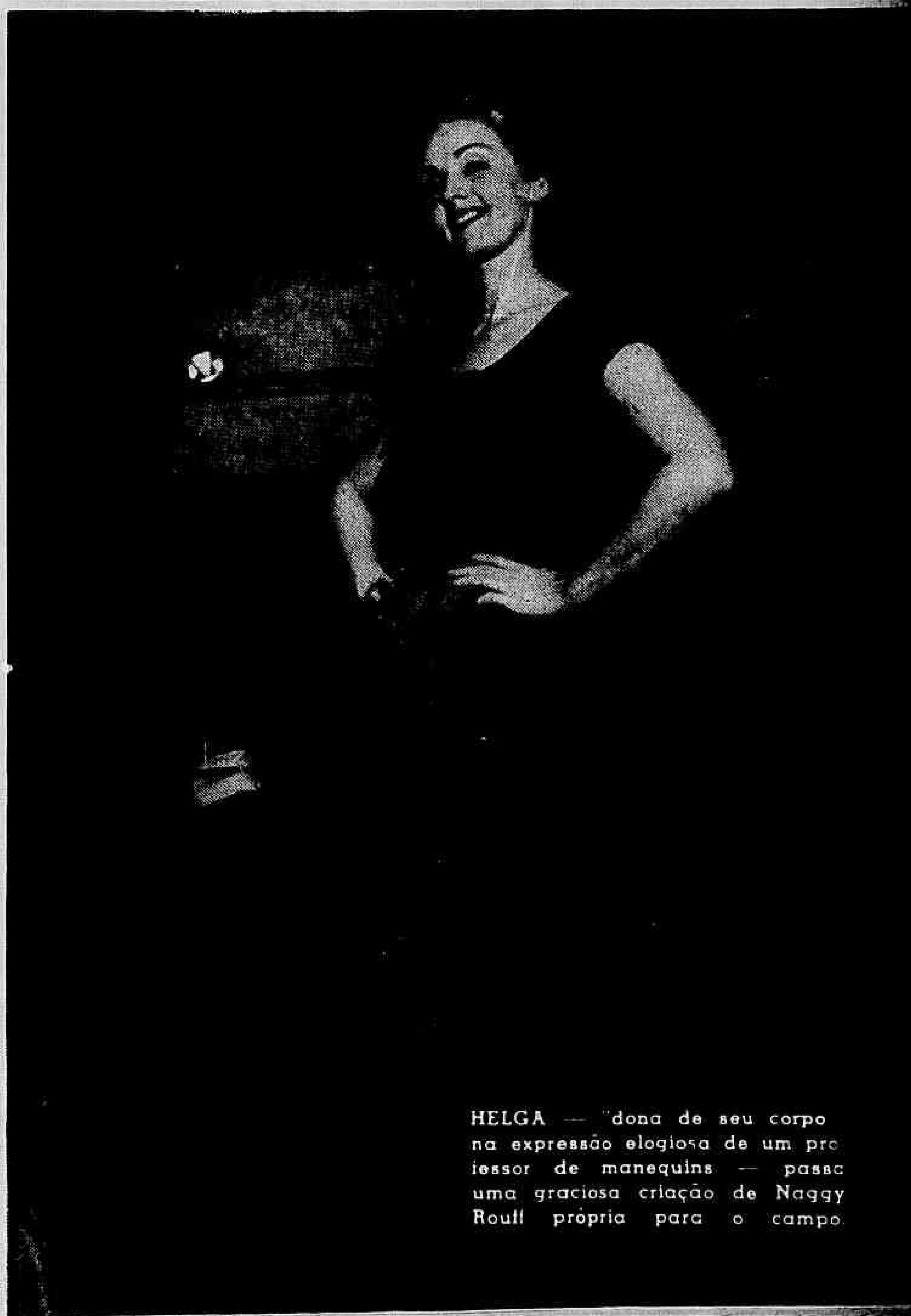
MONIQUE, o "brôto" manequim — dezoito anos estilizados — veste com elegância êste "ensemble" de Jacques Fath. A sugestão aproveita tanto a senhoras como a senhoritas.



VANIA apresenta, com grande classe, uma criação em tweed, de Serge Kogan. O chapéu "Greta Garbo" é de Fath e cairá bem numa cabeça de cachos ou mesmo numa cabeça... de vento.



A BELA ARA exibe um modêlo conversível de Jean Dessés — saia "godet", aberta na frente, pode ser dobrada para trás, transformando-se em saia tôda plissada.



HELGA — "dona de seu corpo" na expressão elogiosa de um professor de manequins — passa uma graciosa criação de Naggy Roufl própria para o campo.




com espingardas

**FRANCOTTE**

Hammerless (mochas)

DIVERSOS MODELOS
NOS CALIBRES:
28 - 24 - 20 - 16 e 12




UMA ARMA DE ALTA QUALIDADE
POR PREÇO MODICO

DESPESAS DE REMESSA GRÁTIS




SECÇÃO DE ARMAS E MUNIÇÕES

MESBLA

PRO-RIO

RIO DE JANEIRO: Rua do Passeio, 42/54 • NITERÓI: Rua Visconde Rio Branco, 521/523

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*




PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL




# PARALISIA INFANTIL

Pelo DR. SABOIA RIBEIRO

ESTA terrivel infecção desperta presentemente as atenções gerais, com o seu aparecimento em Bilac, São Paulo, sob forma epidêmica. O fato, aliás, não era inédito, no Brasil, pois, há anos, igual fenômeno sucedeu na cidade mineira de Ponte Nova, onde fêz também suas vítimas. Como quer que seja, já não padece a mínima dúvida que a chamada paralisia infantil é doença nossa, que aliás parece se vai aclimatando e mais pesando, assim, nas estatísticas.

Como explicar-se que uma moléstia pouco encontradiça, até dias do passado, se vá mostrando, hoje, doença de casa? Sumariàmente respondendo a essa pergunta, duas afirmações se podem fazer: ou a receptividade aumentou para ela nos organismos vitimados (que como se sabe são as crianças), ou a moléstia, melhor conhecida, também passou a ser melhor diagnosticada e daí figurar mais vêzes no número das nossas doenças.

Existe uma circunstância que não deve ser esquecida a propósito da paralisia infantil: ela não ataca os adultos. Por que isso? Naturalmente devido ao fato de uma imunidade adquirida, ou seja que cada um, já, anteriormente, teve a doença em forma branda, com sintomas brandos e sem sequelas. Por outras palavras, no comum, a doença atinge o indivíduo, quase sem poupar a nenhum, nos primeiros anos, como uma moléstia banal, rotulada com êsse ou aquêle nome, porém o mais das vêzes como se fôsse uma gripe.

A existência, pois, de uma epidemia de paralisia infantil deve explicar-se por certas condições que aumentaram, num dado instante, à virulência do agente causador, de modo a determinar o estado epidêmico da moléstia, ocorrendo então, por isso mesmo, as manifestações mais graves, e em primeiro lugar, destas, as paralisias dos membros inferiores.

Nós, médicos, sabemos que essa virulência cresce, sempre, quando ao ataque microbiano não se opõem boas defesas naturais, o que, na criança, quase que invariàvelmente está condicionado ao bom estado de nutrição e geral.

Passaremos, agora, a descrever em seus traços gerais o quadro clínico da paralisia infantil (que, aliás, é sujeita a certa variabilidade de uma a outra criança).

E' entre 1 a 4 anos que a doença mais atinge a criança. Em seu começo o quadro é muito semelhante ao de uma afecção gripal. Febre, muitas vêzes moderada; angina (vermilhidão, dores da garganta), catarro do rino faringe, e freqüentemente fenomenos gastro-intestinais, como: dores do ventre, vomitos, diarréa ou prisão de ventre. E' muito comum que, por tais sintomas, a doença seja tratada como uma gripe, até que, no fim de 2 a 4 dias, a criança cura sem deixar nenhum vertígio. Sabe-se que foi uma **paralisia infantil**, porque, ao mesmo tempo, tendo adoecido com os mesmos sintomas, outras crianças sairam no fim portadoras de paralisias.

Nas circunstancias de uma epidemia, não é, assim, difícil, firmar o diagnóstico da moléstia em questão. Mas em todos os casos cumpre sempre pensar na poliomielite quando, com aquêles sintomas, a crianças adoece com intensa sudação dos membros (justamente os membros onde a paralisia vai depois mostrar-se); ou, então, quando a criança demonstra extrema sensibilidade a todos os contactos ou aos movimentos expontaneos, como estirar uma perna etc. E', porém, na coluna vertebral, onde está o ponto mais sensível; qualquer compressão, ou que a criança se mexa, logo esta reage e geme.

A denominação de paralisia infantil é uma denominação imprópria, pois nem sempre a moléstia termina por paralisia dos membros inferiores. A paralisias, por outro lado, também não atingem sòmente, com exclusividade, aquêles membros. De fato podem atingir só um lado, isto é, perna e braços do mesmo lado, como ocorre no **tipo hemiplegico**, ou o braço de um lado e membro do outro lado, como no **tipo cruzado**.

As lesões assentam nas pontas anteriores da medula, com trombite das terminações da arteria que aí se destribui. Os casos (aliás relativamente comuns) que evoluem para a cura parecem devidos a mecanismos de compensação circulatória, o que originou um método de tratamento que aludiremos abaixo.

O tratamento pela acetilcolina funda-se neste fato e o autor do método confessa que pôde obter vantagens que outros processos não conseguiram produzir (sangue materno, vacinas, sôro de convalescentes).

# NOITE E DIA — NOITE E DIA — NOITE E DIA

### DIPLOMÁTICAS

● Seguiu para Damasco, a bordo do "Conte Biancamano", a fim de assumir a chefia da Legação do Brasil, o Ministro Mário Santos.

● O Ministro das Relações Exteriores assinou portaria concedendo o título de Conselheiro ao diplomata Waldemar Mendes de Almeida.

### EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA

**Organizado pela Associação Rio Grandense de Fotógrafos Profissionais, está sendo realizado em Pôrto Alegre o Salão Internacional de Arte Fotográfica. O certame conta com a participação de trabalhos suecos, iugoslavos, argentinos, chilenos, norte-americanos, inglêses, portuguêses, egípcios, iraquianos, belgas e canadenses, além dos enviados pelas entidades do Rio de Janeiro e São Paulo.**

### FESTA DAS ROSAS

*Patrocinada pela Sra. Lourival Fontes, realizar-se-á, no próximo dia 24 do corrente, nos salões do Copacabana Palace, a tradicional "Festa das Rosas", em benefício do Lar da Criança. Nessa reunião beneficente será realizado um desfile de confronto das modas atuais com as de um século passado, cujos modelos serão exibidos por senhoritas da sociedade carioca.*

### CONFERÊNCIAS

● Sôbre o tema "Economia e Educação", fará uma conferência, hoje, na Faculdade de Filosofia, o Deputado Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria.

● O filósofo norte-americano, Professor Rudolf F. Ateon, vem dando uma série de aulas, em português, às segundas e quartas-feiras, na Faculdade de Filosofia, sôbre a "Metodologia Científica na Sociedade Contemporânea".

● No próximo dia 30, no salão nobre da Casa do Estudante, o teatrólogo Pascoal Carlos Magno realizará uma palestra sôbre a "Viagem do Teatro do Estudante ao Norte do Brasil", onde fará amplo relatório da vitoriosa excursão efetuada por aquêle conjunto teatral.

### ELEIÇÕES NA A. B. I.

*No dia 29 de Abril foram realizadas eleições na Associação Brasileira de Imprensa para a renovação do têrço do Conselho Administrativo, seus suplentes e da Comissão Fiscal. Como vem acontecendo há vários anos, venceram as chapas da corrente Herbert Moses, estando assim constituido o novo Conselho Administrativo da Casa do Jornalista: Carlos Alberto da Costa Pinto, Cristóvam Breiner, Francisco de Assis Barbosa, Gastão de Carvalho, Heitor Beltrão, Inácio Bittencourt Filho, João Antônio Mesplé, José Leal Guimarães, Libero Osvaldo de Miranda, Bastos Tigre, Manuel Antônio Gonçalves, Osvaldo de Sousa e Silva, Paulo Orlando, Pedro Costa Rêgo e Vicente Lima.*



**Pascoal Carlos Magno**

### MORREU OSÓRIO DE ALMEIDA

No dia 6, em sua residência, faleceu o Prof. Álvaro Osório de Almeida, na idade de 68 anos. Era o extinto uma das mais acatadas autoridades em Fisiologia, a cujos estudos experimentais dedicou-se desde moço. O Prof. Osório de Almeida faleceu de câncer, moléstia que vinha pesquisando com infatigável ardor nos últimos anos.


**NOVO frescor para a pele, limpeza que estimula e rejuvenesce**

**CREME-ROLANTE**

*Venner Kelsen*

Êste é mais um dos produtos VENNER KELSEN prestigiado em Hollywood e usado pelo "smart-set" de todo o mundo. Após um dia repleto de acontecimentos sociais, em que a sua beleza foi elogiada por todos, recorra ao Creme-Rolante, para a limpeza total da pele. A aplicação é feita com a ponta dos dedos - e, em minutos apenas, a ação rolante do creme terá removido o "maquillage" e as impurezas, deixando a cutis fresca e sedutora.






**Creme-Rolante Venner Kelsen é fabricado com ingredientes cientìficamente dosados, por técnicos de beleza. Para ser usado na face, no colo, nas mãos, ou em qualquer parte do corpo.**

*Venner Kelsen*

- CIÊNCIA E TÉCNICA A SERVIÇO DA BELEZA

Distribuidores exclusivos para o Brasil:

**LABORATÓRIOS MOURA BRASIL - ORLANDO RANGEL S/A**

Poyares

# PUXE PELO CÉREBRO

## NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa .. | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 .............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 6 .............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 7 a 11 .............. | Cultura superior | Universitário |
| De 12 a 14 .............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as quinze ........................ | | O gênio em pessoa |

**1** DE QUE ESCRITOR É A OBRA "A NOITE NA TABERNA":

— Camilo Castelo Branco?
— João do Rio?
— Álvares de Azevedo?

**2** QUE SIGNIFICA "PODÔMETRO":

— Máquina para podar as árvores?
— Aparelho para medir o caminho percorrido a pé?
— Ciência da educação?

**3** A RABDOMANCIA É:

— A leitura do caráter pelos olhos?
— Adivinhação por meio de varinha mágica?
— Interpretação da vida pelas costas das mãos?

**4** UM SINÔNIMO PARA O TRABALHO NOTURNO:

— Meijoada?
— Paronimia?
— Noctambulismo?

**5** EM QUE ESTADO DO BRASIL NASCEU ÁLVARES DE AZEVEDO:

— Na Bahia?
— Em S. Paulo?
— Ou no Distrito Federal?

**6** COM QUANTOS ANOS DE IDADE MORREU ÁLVARES DE AZEVEDO:

— Trinta e dois?
— Vinte e sete?
— Vinte e um?

**7** QUAL FOI O POETA QUE, AO MORRER, PRONUNCIOU ESTAS ÚLTIMAS PALAVRAS: "QUE FATALIDADE, MEU PAI!":

— Álvares de Azevedo?
— Castro Alves?
— Casimiro de Abreu?

**8** QUE NOME SE DÁ A UMA PORÇÃO DE TERRA ARENOSA ENTRE O MAR E AS LAGOAS, OU RIOS:

— Angra?
— Restinga?
— Arquipélago?

**9** QUE VEM A SER NEFROPATIA:

— Doenças do fígado?
— Males do cérebro?
— Denominação genérica das afecções renais?

**10** QUE QUER DIZER "INDIUM":

— O ôvo que se deixa no ninho para que as galinhas ponham mais?
— Um metal?
— Os filhos da Índia?

**11** FOTOLOGIA É UM TRATADO ACÊRCA DA:

— Luz?
— Retratos?
— Aeronáutica?

**12** QUANDO SE SENTE DOR NUMA SÓ PARTE DA CABEÇA, TEMOS:

— Hemalgia?
— Gastralgia?
— Hipotimia?

**13** DAS CENTO E TANTAS ILHAS E ILHOTAS DA BAÍA DE GUANABARA, QUANTAS PERTENCEM AO ESTADO DO RIO:

— Trinta e cinco?
— Doze?
— Vinte e uma?

**14** QUE NOME TEM O BANHO DE MAR COMO VEÍCULO DE TRATAMENTO DA SAÚDE:

— Marisia?
— Talassoterapia?
— Maroscologia?

**15** QUE NOME SE DÁ AO RACIOCÍNIO LÓGICO COMPOSTO DE: PREMISSA MAIOR, PREMISSA MENOR E CONCLUSÃO:

— Simetria?
— Silogismo?
— Hipotipose?

(*Respostas na pág. 56*).

## A MENTIRA

(*Cont. da pág. 26*)

tão viu olgo miúdo e brilhante saltar no ar e cair perto de um dos contendores, e logo ouviu um grito de dor e surprêsa. O rapaz que gritara apertava com uma das mãos um braço de onde escorria sangue.

A debandada foi imediata. Timóteo também queria correr, mas ali estava o seu canivete no chão. Resolveu perder um tempo para apanhá-lo. A porta do colégio se abriu e por ela surgiram todos os professôres, comandados pelo diretor, um homenzarrão de ar zangado. No local só restavam Tomóteo e o menino do braço ferido. Ambos foram conduzidos para a sala do diretor, ao cabo do longo corredor.

— Mostre-me isso — exigiu o diretor.

Timóteo etnregou-lhe o canivete.

— Onde o arranjou?

— Foi meu pai que m'o deu pelo meu aniversário — disse o menino.

— Mas eu pensei que você morasse com sua mãe.

— Meu pai o mandou — insistiu Timóteo.

— Bem. Você feriu Haroldo com isso?

— Êsse pingo de gente? — escarneceu Haroldo com desprêzo. — Não senhor, foi Bill. Não sei quem lhe passou o canivete.

— Foi você, Timóteo?

— Não senhor — negou Timóteo puxando as calças.

— Quem foi, então?

— Não sei. Só vi que saltou no ar... — Timóteo declarou, sem prosseguir. Bem percebia que não lhe davam crédito.

E também por outro motivo. Timóteo se sentia culpado por haver mentido, uma culpa que ia crescendo dentro dêle, incluindo tôdas as culpas de todos os pecados que já houvessem sido cometidos. Fôra o culpado de Bill ter apanhado o canivete, de Haroldo ter sido ferido.

— Já tivemos muitos aborrecimentos dêste gênero êste ano, Timóteo — disse o diretor. — Não podemos mais facilitar. Sei o valor que deve dar ao presente de seu pai, mas vamos guardá-lo até o fim do ano. Pode ir para casa agora.

★

Fora, o sol da tarde se mostrava velado por um bruma fria. As perninhas de Timóteo tremiam no caminho para casa, o menino sentia, enjoado, uma esquisita dor de estômago.

A mãe de Timóteo nunca estava em casa quando êle chegava da escola. O garôto meteu a mão na caixa da correspondência para apanhar a chave. Mas havia alguma coisa além da chave na caixa.

Era uma carta para Timóteo, de seu pai.

Rasgou o envelope e leu-a ali mesmo, comendo-a com os olhos. O pai não escrevia muito e em cada carta a letra ia ficando mais trêmula, mais podia ser entendida. "Sinto me atrasar para o seu aniversário, mas aqui tudo é difícil. Instruí bem, entretanto, os meus emissários, e êles afinal descobriram exatamente o que eu queria para você. Vai chegar aí um dia ou dois depois desta carta. E' um canivete. Lembra-se de quando eu lhe falei no que todos os meninos deveriam ganhar ao completar oito anos?". O resto da carta eram histórias para fazer rir, sôbre médicos e enfermeiras, terminando como sempre: "Cuide bem de sua mãe". Êle trataria de cuidar bem de sua mãe, sempre procurava fazê-lo.

Timóteo permanecia na entrada da casa. O sol reaparecera e a fé e a esperança que por último pareciam ir abandonando o menino retornaram numa onda. Experimentava uma alegria intensa por ter ficado sem o canivete que havia comprado. O canivete que representava uma mentira — uma mentira de dois gumes.


CABELOS BRANCOS só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA, quem os não quer



CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.
*À venda nas boas Farmácias*
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio tornando-a lisa, macia, aveludada das, manchas, panos e cravos,
Rua Direita, 191 — 6º andar
LEITE DE ARROZ. O seu us
*(Exigir a marca BISCUIT)*
constante remove as partículas
e eliminando o cheiro desagradá
mortas e queimadas da pele, sar-
M U L T I F A R M A
vel do suor.
Remessas pelo Reembôlso
SÃO PAULO


## AO PÚBLICO

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.


A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ................................ Nº ....
RUA ........................................
CIDADE ....................................
ESTADO ....................................

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

## JOJOCA, O...

(Cont. da pág. 54)

foi promovido a sargento. A promessa era antiga e Toninho não assistiu à promoção do filho. Só estêve presente a mulata Pina. O que faltava nêle em cabelos e inteligência, sobrava em musculatura. Era forte. Atarracado. Olhar feroz, granítico, frio, de camaleão com sol na cara. Nariz lombrosiano. Pés e mãos enormes. Eram-lhe entregues os "meganhas" recalcitrantes que necessitassem berros e pontapés para aprenderem a marchar. Esgueirando-se entre o muro e a multidão, Pina foi caminhando até vê-lo. A voz do Jojoca era igual à de Onisuá. Aliás eram irmãos. O apelido Onisuá originara-se da frase histórica: "Honny soit que mal y pense", dado pela tia "grã-fina". Tia Fifi. Solteirona. Dissera aquilo ao ver a Pina grávida. Sustentando a hipótese quando começaram a surgir semelhanças com o pai, no sorriso malandro do molequinho. Pina estacou boquiaberta. Grande emoção ao vê-lo.

— Pelotão!... Meia-volta... veeer!... Direita, veeer! Pelotão!...: aaalt! — puxou o lenço e enxugava a careca. Assim que avistou Pina correu para lá, atlèticamente, nas pontas dos pés. Pina entregou-lhe a carta dos irmãos.

— Já viajaram? — perguntou o Jojoca.

— Sim. Lulu para Berlim e Otavinho para Buenos Aires.

— A senhora já leu a carta?

— Não — mentiu, demorando nêle um olhar triste. Jojoca fez gesto de retirar-se...

— Ouça. Você vai hoje jantar lá em casa?

— Talvez... — respondeu, estranhando o convite. Havia dois anos não aparecia na chácara, proibido de lá pôr os pés. Ordem do Onisuá. Retirou-se abrindo a carta. Antes de iniciar a leitura berrou:

— Pelotão!... descannnsar!

Minutos depois sentia-se empolgado pelo que lia. Os irmãos explicavam-lhe ser o herdeiro da chácara. E que fôsse lá tomar posse. E o que sobremaneira o excitava era a paixão antiga e violenta pela mulatinha Zuzu, filha da mais conceituada operária da "lavanderia".

Às dezoito horas retirou-se ansioso do quartel. Trepou simultâneamente ao estribo de um bonde em movimento. Dois quarteirões antes de atingir o portão da chácara, desceu e entrou num café de segunda classe. Precisava meditar sôbre os dizeres da carta. Estava perdido no labirinto de resoluções desencontradas, os olhos distraídos no negrume da rua vazia, quando, de súbito, avistou o vulto de Zuzu. Imobilizado pela surprêsa, deixou-a passar. Depois, levantou-se num ímpeto. Mas era tal a emoção que não conseguia soprar um "psiu" audível. Continuou caminhando. A mulatinha percebeu estar sendo perseguida. Então, amiudou os passinhos, para gingar bem femininamente as cadeiras. Mais adiante, debaixo de um poste de luz, fêz meia parada e espiou para trás. Reconheceu o vulto do Jojoca. Era a terceira vez que êle fazia aquilo. Então, fêz como sempre: disparou. Num instante atingiu o portão e atravessou como um vulto branco o trilheiro escuro, até desaparecer, definitivamente, na porta iluminada que brilhava mortiçamente lá na casa pequenina da gruta. Ao contrário das outras vêzes, Jojoca continuou correndo atrás dela. Tropeçando aqui, escorregando ali, esbarrando acolá, não sabia em quê, chegou arquejante à porta da casa. Zuzu, deitada de bruços na cama, os cotovelos no travesseiro, lia um livro. Durante alguns segundos êle observou-a elegante. Uf! Como eram bonitas as pernas!... Sentia o corpo todo, dos pés à careca, atormentado por estranha sensação dos milhões de borboletas do desejo. Zuzu, sem desviar o rosto do que lia, gritou:

— Entre!... Mas cuidado com o Oni! Feche a porta.

Jojoca entrou. Os pés pesados como de chumbo. Atônito, girava o corpo em tôrno de um ponto fixo, procurando não sabia o quê...

— Feche a porta! — gritou Zuzu, encarando-o de soslaio. Entrementes, observando que êle babava, o olhar aparvalhado, bestialmente indeciso, sentou-se rápida no leito, empurrou a porta com o pé e perguntou: — Você está bêbedo? Que foi?

Jojoca não respondeu, entalado com a emoção. Ela encarou-o de novo, franzindo o sobrecenho e apertando a mão na bôca aberta, expressão de mêdo.

(Cont. no próximo número)

# PASSATEMPO

## LIDERGRAMA N.° 3

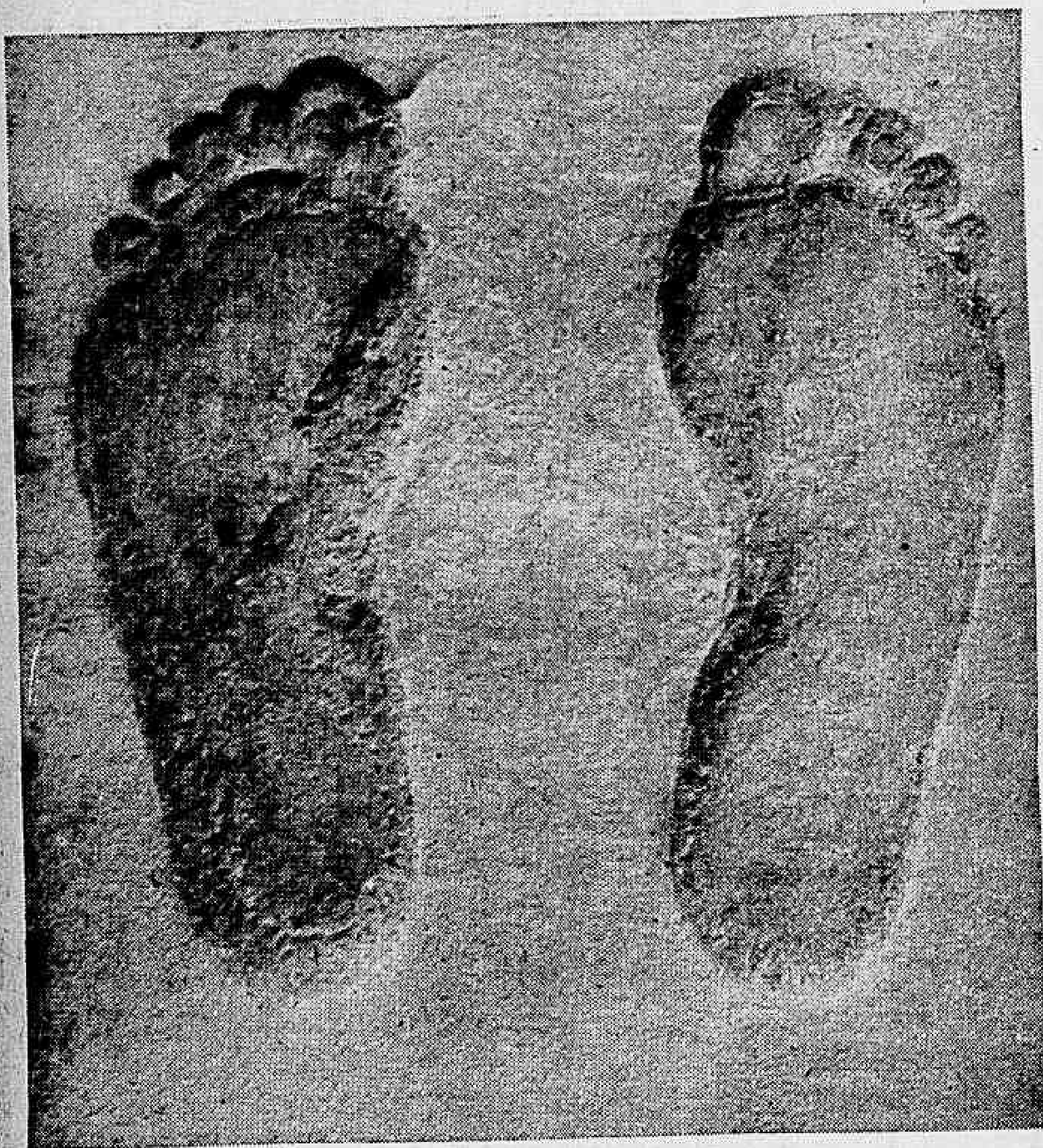
| | | |
|---|---|---|
| A | Árvore também chamada jataí → | 73 5 27 37 56 74 |
| B | Diverso do primeiro → | 102 10 88 13 35 |
| C | Padecer → | 30 63 84 106 1 25 |
| D | Caminho público → | 100 50 93 47 8 79 46 |
| E | Mágoa → | 7 32 103 |
| F | Avestruzes → | 49 17 52 81 |
| G | Socorra → | 14 71 45 21 83 |
| H | Nó que se desata fàcilmente → | 2 80 60 34 |
| I | Correção de falta ou defeito → | 11 55 22 6 90 39 |
| J | Sobrinho do papa → | 20 94 23 97 99 16 |
| K | Chapéu alto, de molas → | 31 53 98 9 72 105 |
| L | Germinar → | 68 75 91 4 58 28 |
| M | Ramos de uma árvore → | 104 29 33 18 36 3 42 |
| N | Isento → | 12 101 82 59 43 |
| O | Do que as mulheres temem → | 57 76 44 19 |
| P | Afeição profunda → | 77 64 66 78 |
| Q | Molusco que vive no costado dos navios → | 15 69 26 62 70 |
| R | Voltai a proa → | 54 40 96 87 92 61 38 |
| S | Sem fala → | 95 41 48 86 |
| T | Afiou → | 24 67 65 85 89 51 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | C 1 | H 2 | M 3 | | L 4 | A 5 | I 6 |
| E 7 | D 8 | | K 9 | B 10 | I 11 | | N 12 | B 13 | G 14 | Q 15 | J 16 |
| F 17 | M 18 | | O 19 | J 20 | G 21 | I 22 | | J 23 | T 24 | C 25 | Q 26 |
| | A 27 | L 28 | M 29 | C 30 | | K 31 | E 32 | M 33 | H 34 | | B 35 |
| | M 36 | A 37 | R 38 | I 39 | R 40 | S 41 | M 42 | | N 43 | | O 44 |
| G 45 | D 46 | D 47 | S 48 | F 49 | | D 50 | T 51 | F 52 | | K 53 | R 54 |
| I 55 | A 56 | O 57 | L 58 | N 59 | H 60 | R 61 | | Q 62 | C 63 | P 64 | T 65 |
| | P 66 | | T 67 | L 68 | Q 69 | Q 70 | G 71 | K 72 | A 73 | A 74 | |
| L 75 | O 76 | P 77 | P 78 | D 79 | H 80 | | F 81 | N 82 | G 83 | | C 84 |
| T 85 | S 86 | R 87 | | B 88 | T 89 | I 90 | L 91 | | R 92 | | D 93 |
| J 94 | S 95 | R 96 | J 97 | | K 98 | J 99 | D 100 | | N 101 | B 102 | E 103 |
| M 104 | K 105 | C 106 | | | | | | | | | |

Otaner - Rio

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos-chaves no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra em sua casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras **das palavras achadas, colocando-se cada vez uma delas na casa correspondente ao** seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 2: PEDRO CALMON — ESTADOS UNIDOS — **«Os supremos heróis americanos — cujas severas efígies estão por tôda parte, neste grande país que tanto lhes deve — são Washington e Lincoln».**



O «GOAL» DE PINGA consolidou a vitória do Brasil no I Campeonato Pan-Americano de Futebol realizado em Santiago do Chile. Chamado para substituir Ademir, que já mandara por duas vêzes a bola às redes adversárias, Pinga entrou em campo já na fase final; mas, como estava «sêco» por um «goal», não demorou a mandar, em violento chute, a bola ao fundo do arco chileno. O feito dêsse jogador foi recebido com delírio e agora, no Maracanã, imprimiram os pés de Pinga, em original homenagem.



UM ANJO CAINDO DO CÉU. Mas não é isso pròpriamente dito. Quem está voando aqui é a linda artista Renée Baxter, de 18 primaveras, renomada bailarina do Windmill Theatre», de Londres, conhecido pelo nome de «Nunca Fecha». Miss Baxter interpreta belo papel na Revista de Van Damm, e comprova, uma vez mais as suas qualidades de excelente artista coreográfica. Tôda a graça de suas atitudes ela apresenta aos fãs londrinos, e vai recebendo os mais vivos e entusiásticos aplausos.

# Tudo isto

## A condecoração




NÃO sabemos se os leitores estão lembrados que a penicilina é descoberta do famoso cientista inglês Fleming. A penicilina desmoralizou a fúria mortal das febres em geral, e em particular, das pneumonias simples ou duplas, das infecções e de muitos outros estados molestos desta infeliz humanidade. Milhões de pessoas, por todo êsse mundo, têm sido salvas, e continuam a sê-lo, graças a Fleming. Pois bem. Êsse gênio e benfeitor da humanidade estêve no Rio, faz pouco tempo. Veio tomar parte em conferências científicas. Não se soube muito se sua presença, a não ser entre os colegas de laboratórios e pesquisas bacteriológicas. A imprensa lhe dedicou algumas linhas, mas tudo muito modestamente distribuído. O nosso Govêrno preparou umas comendas para pregar ao peito de Fleming. No dia marcado, com a solenidade convencional das coisas oficiais, foram espetar à lapela do sábio umas medalhas significativas. Condecorando-o, o Brasil lhe significaria o quanto lhe é grato. Fleming é o salvador de vidas brasileiras, de criancinhas de peito, aos nossos mais teimosos macróbios. Mas, infelizmente não se pôde conferir as condecorações ao homenageado. E' que, para isso, seria preciso que o nosso Govêrno pedisse, primeiramente, licença ao Govêrno de S. M. Britânica, o que não foi feito em tempo. E Fleming voltou aos seus penates, e as medalhas ficaram no Itamarati. Se o sábio inglês fôsse algum capitão de time...

## Ser advogado




JÁ tivemos oportunidade de comentar o caso de um causídico do Rio, envolvido num processo de chantagem. O fato estarreceu os meios forenses desta capital, sabendo-se que o acusado, com uma fé de ofício de mais de trinta anos, tendo sido professor substituto numa Escola de Direito, sem uma nota que lhe desabonasse o procedimento profissional, jamais dera indícios de mau caráter. Pois tudo se explicou em fins de abril: nada mais houvera do que "um flagrante nulo, imprestável, não tendo, absolutamente, nenhum valor para a caracterização do delito, por ter sido provocado pela própria autoridade policial". Palavras do promotor Rui Arantes Antunes, quando, em longa promoção requereu o arquivamento do flagrante, "por ter havido requinte no arranjo da cena de extorsão, colhendo até em suas malhas, um pobre advogado, homem digno e probo, em pleno desempenho de sua profissão, encanecido nas lides forenses, há mais de trinta anos sem qualquer mácula". O juiz da Segunda Vara Criminal, dr. Mário de Paula Fonseca, ao oferecer despacho mandando arquivar o flagrante, referiu-se ao advogado acusado, como sendo seu admirador, pela "sua respeitável condição de velho advogado, que tem postulado no nosso Fôro dignamente não havendo qualquer arguição de desonestidade contra sua ilustre pessoa". Trata-se de Aristóbulo Cabral Costa, que foi vítima de precipitação policial.

## Sensacionalismo




NÃO se pode negar que o sensacionalismo da imprensa pode provocar o desejo mórbido de aparecer nas fôlhas. Já se têm visto muita gente cometer certos delitos, e, depois de interrogados os autores, muitos confessarem que só fizeram "aquilo" para ver-se fotografados e com bonitas notícias em jornais. Já houve um cidadão que pôs fogo a um templo, para que seu nome ficasse nas páginas da história. Como vemos, mesmo nos tempos em que nem se sonhava com a imprensa sensacionalista, já a humanidade possuía os seus degenerados. Com os atuais costumes civilizados, êsses instintos aumentaram assustadoramente. Em Pôrto Alegre se registra, agora, mais um caso. Trata-se do Sr. Ernesto Cardoso de Fraga, vigia da Faculdade de Arquitetura daquela capital. Êsse servidor correu ao distrito policial de sua zona e denunciou um fato que alarmou as autoridades: "Um homem suspeito fôra surpreendido por êle, lá dentro da Escola, e, ao ver o vigia, correu desabaladamente, fugindo para não ser prêso em flagrante". Mas flagrante de quê? De tentativa de incêndio do edifício. Segundo o vigia, encontrou êle latas de gasolina em certo ponto do prédio. Mas a polícia, com jeito, conseguiu que Ernesto falasse a verdade. E o homem confessou: Era êle mesmo o autor do atentado. Queria ser "herói", a fim de granjear prestígio junto às autoridades universitárias...

# Aconteceu

## Direito de esmolar




CERTA vez, lá numa cidadedo nordeste, um cego pediu uma esmola a um cidadão que passava. O bom homem remexeu nos bolsos e a menor moeda que encontrou era de dois cruzeiros. E falou ao cego: "Me dê mil e quinhentos, que eu lhe dou esta moeda de dois mil réis". O ceguinho sorriu amarelo e murmurou: "Meu Deus! Até para pedir esmolas é preciso ser capitalista!" A profissão de esmolar não é lá muito boa. Tudo depende dos "pontos". Veja o leitor o que acaba de ocorrer em Belém do Pará. O cego Serafim Pereira da Silva ganhava sua vida, calmamente, em frente a uma igreja muito concorrida daquela cidade. Mas outros "colegas" de infortúnio começaram a mover-lhe guerra. E chegaram a ameaçá-lo com ataques a canivete. O Serafim se alarmou. Não podia deixar o seu pontinho rendoso. E respondeu: "Daqui não saio, daqui ninguém me tira". Os outros não se conformaram e foram às vias de fato. Embora cegos, êles se orientam pela audição. E o pobre Serafim foi atacado violentamente pelos outros. Houve pugilato, contusões, machucadelas, o diabo. Os adros dos templos de Belém foram palco de cenas degradantes. Serafim foi à polícia e pediu garantias. Mas, ali, o delegado aconselhou que fôsse procurar a Delegacia do Trabalho, a fim de verificar dos seus direitos profissionais... E o cego, amargamente: "Meu Deus! Até para pedir uma esmolinha é preciso ser doutor!"

## O ex-celeiro



SANTO Deus de Misericórdia! Sempre ouvimos dizer que êste país é o celeiro do mundo. E' ou será. Talvez que tudo tenha sido dito, desde o começo, no **futuro**, e, apesar de já têrmos passado vivos mais de 450 anos, êsse futuro ainda não chegou ao nosso conhecimento. Vejam o que acaba de acontecer: a Administração do SAPS, sob a direção do Sr. Édison Cavalcante, abriu concorrência para aquisição de um milhão de dúzias de ovos e quinhentas toneladas de manteiga, a fim de fazer face ao abastecimento da cidade. Apareceram as propostas, que, abertas com a devida solenidade, verificou-se que, para fornecimento dêsse milhão de dúzias de ovos não havia uma só firma brasileira. Tôdas eram estrangeiras. Os ovos teriam que vir de fora, de outros países. Quanto à manteiga habilitaram-se onze firmas para o fornecimento solicitado pelo SAPS, e só uma ofereceu produto nacional! Leitor amigo: nesso país goza da fama de **essencialmente agrícola**. Todos dizemos que somos o celeiro do mundo, que aqui tudo dá e muito bem; mas, já estamos nesta encruzilhada da vida: ovos de galinha e manteiga, se quisermos degluti-los, teremos que comprar lá fora, pagando em dólar, enfraquecendo nossa economia e causando espanto entre os estudiosos da geografia humana. E o Gigante continua "deitado em berço esplêndido". Até que algum bom mordomo o sacuda e o acorde, se ainda é tempo.

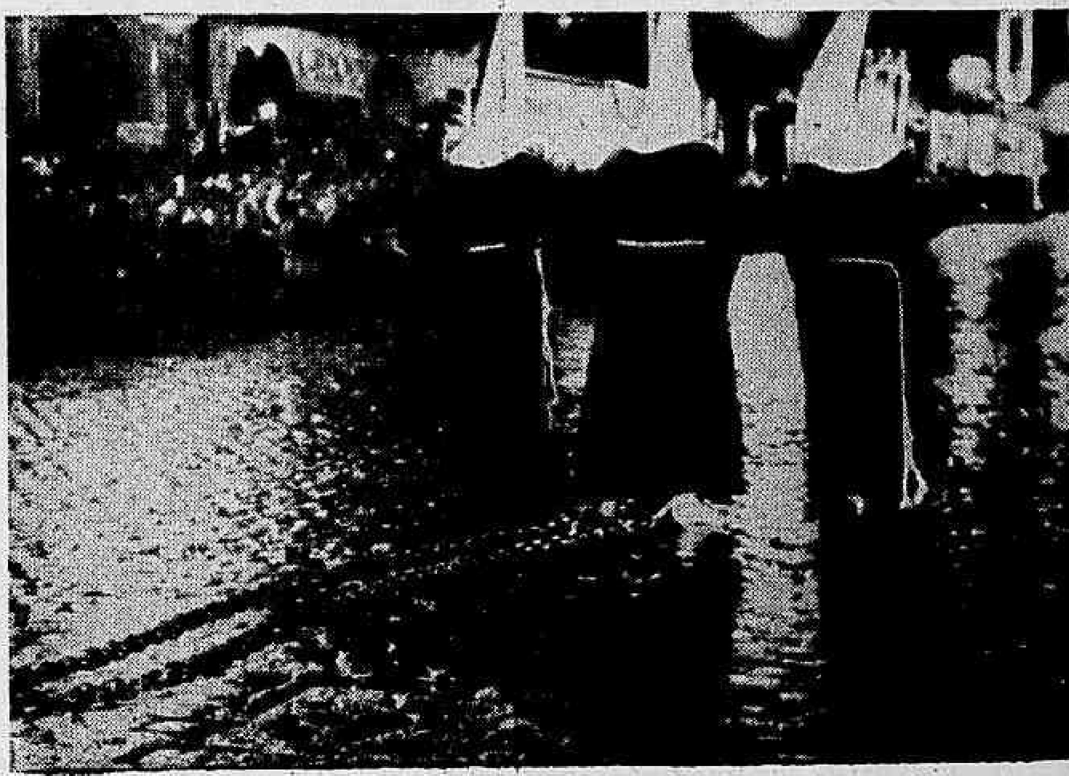
## Aumento... Aumento...




NÃO é da produção; nem da quilometragem de estradas de rodagem, nem tampouco de casas baratas para todo mundo que vive em subterrâneos e quartinhos de pensão. Nada disso. O aumento, aumento aumento é para o café. Café pequeno e média. Em 1931 era êle de um tostão. Quando pediram a Bergamini, então Prefeito do Rio para elevar para dois tostões (que saudades dessas moedas!), houve um começo de "quebra-quebra" e muitos estabelecimentos foram depredados. O povo foi à Prefeitura manifestar seu descontentamento em face da majoração: cem réis para o cafèzinho e duzentos réis para o cafezão, isto é, a média pura e sêca. Bergamini estava com o povo. Nada de aumento. Houve movimentado programa de experimentações presididas pelo Prefeito, ficando provado que um quilo de café, depois de dissolvido em infusão, dava excelente lucro ao retalhista, mesmo vendida a xícara (naquele tempo chicara), a um tostão. E não veio o aumento. Sòmente depois é que êle conseguiu vencer. Mas, apenas para cafés de luxo, como o Belas Artes e outros. O restante era um tostão (coitadinho...). Depois daquele aperitivo, os torradores se animaram e o cafèzinho danou-se a subir: duzentos réis, trezentos, quatrocentos, cinqüenta centavos, sessenta... E agora vai para oitenta, e, se Deus não mandar o contrário, para um cruzeiro até ao fim do ano. E a média? Acompanha o "pequenino": sobe sempre!



**ALAH! ALAH! ALAH! Onde quer que estejam, os maometanos não deixam de, na hora legal de sua gente, fazer de algumas esteiras o seu templo de orações. Sentados, com os pés descalços, êles fazem suas preces com a face voltada para Meca, a sua cidade santa. Maomé é o profeta que recebeu de Alah a ciência da vida e da morte. Quem estiver fora de sua doutrina não receberá o passaporte para as delícias do Nirvana. E rezam contritos, com a fé que remove montanhas, certos de que estão com a Verdade.**



**A ÚLTIMA SEMANA SANTA NA ESPANHA deu motivo a muitas demonstrações de fé religiosa baseada nas mais antigas tradições. Aqui vemos um grupo de penitentes, pés descalços, encapuçados, a desfilar na procissão noturna, em Madrid. Um dêles arrasta pesada e longa corrente pelo calçamento da cidade. Fortes e continuadas chuvas desabavam sôbre a capital da Espanha, mas a procissão chamada do «Silêncio» foi realizada. Dez mil católicos descalços tomaram parte nela, entre grande afluência de povo.**

## CORREIO DA REVISTA

*Prezado Leitor:*

*Saimos hoje com a capa nova a que Você já deve ter se acostumado. Só colhemos boas impressões a respeito. Houve alterações na colocação da matéria e reformas na paginação. Ainda nesse capítulo recolhemos opiniões favoráveis entre leitores da Capital Federal. Esperamos a dos leitores dos Estados.*

*Você terá observado, ainda, que a seção de assuntos femininos (modelos riscados, figurinos, crônica, receitas culinárias, etc.), muito prejudicada em volume e qualidade pela ausência eventual de um redator especializado, volta a ganhar relêvo em nossas páginas. Está agora entregue a uma competente jornalista, D. Amélia de Oliveira, que aparecerá assinando um dos seus trabalhos com o nome de Isolete.*

*As seções especializadas sôbre Música, Teatro, Artes, Rádio, já aparecidas, preenchem uma falta que Você vinha sentindo. Serão mais numerosas dentro de pouco tempo, cobrindo outros assuntos de seu interêsse. As que já vão saindo lhe darão porém, no campo que ocupam, uma idéia tão resumida quanto completa do que se passa de mais importante. A seção de Música é da responsabilidade do Sr. Oswaldo da Cunha, pianista e comentarista já experimentado em outros periódicos.*

*A de Teatro está confiada ao Sr. E. Martim Gonçalves, cenarista e estudioso dos problemas e da história teatrais, recentemente chegado da Inglaterra, onde acompanhou cursos especiais na Universidade de Oxford. As artes (mais pròpriamente as Belas-Artes) estão entregues à jornalista Jane Bouchaud, diplomada em Estética Geral pela Universidade do Brasil e familiarizada com o meio artístico brasileiro. Pelo Rádio responde o Sr. Milton Sales, figura que já atuou em nossas emissoras e assina desde muito tempo seus comentários em outros órgãos da imprensa carioca.*

*Vê o leitor que está bem servido, nos assuntos indicados. A próxima carta dirá o que ficou por dizer.*

*A Direção*

★

"Rio de Janeiro, 15 de abril de 1952.

Ilmo. Senhor Diretor,

Minha atenção foi chamada sôbre o nº 15 de 12 de abril de 1952 de sua tão interessante revista. Desejo agradecer-lhe pelo lugar proeminente em que foi colocada a notável documentação fotográfica sôbre a Família Real da Bélgica.

Creio, entretanto, ser do meu dever retificar um êrro importante que não posso deixar de assinalar à sua revista geralmente tão bem informada. Trata-se do título mesmo da reportagem em questão. Com efeito, o Rei Leopoldo da Bélgica abdicou, mas não está "no exílio". As fotografias que V. S. publicou foram tomadas durante férias que o Rei passou recentemente na Áustria e na Itália. Mas a sua residência permanente, quando não está em viagem, é sempre no Palácio Real de Laeken em Bruxelas.

Por outro lado, à pág. 33, segundo o artigo, S.A.R. a Princesa de Rethy teria sido preceptora das crianças reais. Essa afirmação é inexata. A Princesa é filha do finado Senhor Bael, antigo Governador da Flandres Ocidental, depois de haver sido, durante alguns anos, Deputado de Ostende e Ministro do Interior da Bélgica.

Ficar-lhe-ia muito grato se V. S. pudesse examinar a possibilidade de retificar essa informação numa das suas próximas publicações e isso em nome da verdade histórica.

Peço-lhe aceitar, Ilmo. Senhor Diretor, os protestos de minha distinta consideração.

O embaixador da Bélgica — (as.) Marcel Henri Jaspar."

★

*Nilce de Sousa* (Cachoeiro do Itapemirim) — Já vimos aparecer na imprensa o nome de Carlos Labattu, semelhante ao indicado, mas não sabemos informar onde exerce suas atividades.

*Margi de Lourdes Rios Oliveira* (Distrito Federal) — O assunto constante de sua carta só pode ser resolvido com a emissora mencionada. Queira entender-se diretamente.

## UMA TARDE DE ARTE

(*Cont. da pág.* 46)

costumes de Balenciaga ajustando os casacos à cintura na frente para deixá-los soltos e folgados nas costas. As saias ora se abrem, ora se ajustam. A silhueta mais marcante, entretanto, é a denominada "Greta Garbo", que reproduz na queda desajustada do corpo e nos chapéus de abas caidas ocultando o rosto a figura da extraordinária estrêla.

A pequena assistência se manifestou entusiasta, batendo palmas a alguns modelos. Perto de nós, opinavam com espirito e bom-gôsto, dando conta de suas preferências e salientando que a beleza dos manequins muito auxiliava a obra dos costureiros, os Srs. Herbert Moses, Osvaldo Sousa e Silva e Gotuzzo. As Sras. Sousa e Silva, Celso Kelly e Accioly Netto sublinhavam com acêrto os méritos das criações. O Sr. Gilberto Trompowski, solicitado, ia identificando pelos nomes, para os que lhe ficavam mais próximos, os formosos manequins e salientava a importância do acontecimento. Achavam-se presentes a Sra. Maria Luiza Ouro Prêto e sua filha a cronista Malu as Sras. Samuel Wainer, Ilka Labarthe Hidal, Elsie Lessa, Helena Costa, Dyla Josetti, a Srta. Marilu Montenegro, a Srta. Maria Cristina com seu famoso pai José Lins do Rêgo, Sr. e Sra. Manuel (Jacinto de Tormes) Bernardez Muller, Sr. e Sra. Carlos Mafra de Laet (o da Ega), Sr. e Sra. Luis Bocayuva da Cunha, Sr. Luis Pontual Machado, Sr. Walter Quadros, Sr. Ibraim Seudi (fazendo Zum-Zum), o arquiteto Fernando Valentim, o escultor Leão Velloso.

Uma tarde de conto de fada, pródiga para os cronistas especializados em material de serviço. O Sr. Jack S. Peliks, chefe da Casa Canadá, brindou os representantes da imprensa com excelente champanha. Saimos com a impressão de havermos assistido a um espetáculo de extraordinária significação, já que a moda foi inventada para a satisfação da mulher e que para tanto os homens lutam e prosperam. Levávamos também na memória uma frase da Sra. Mena, competente diretora do estabelecimento: "Considero indispensável a criação de uma escola para manequins profissionais que tanha também cursos para ensinar às jovens da sociedade atitude e garbo. A moda é feita para embelezar a mulher, mas esta por sua vez deve se tornar digna dela." — ISOLETE.

## JOJOCA, O...

(*Cont. da pág.* 35)

Aquêle incidente, que parecia alterar o futuro do Jojoca, fêz Toninho tomar três resoluções. Aposentar-se. Mudar residência, definitivamente, para a chácara de Jacarepaguá. E suspender por alguns meses o trabalho exaustivo, que o prendia horas a fio na biblioteca. Havia doze anos que afirmava estar escrevendo um livro sôbre a "Casa de Bragança", titulo da obra. Entretanto, dona Lalá estava convencida (em segrêdo) que o marido se trancava na biblioteca, simplesmente para decifrar palavras cruzadas.

Toninho mobilou e atapetou ricamente o prédio, e foi esperar na chácara a aposentadoria. Casa de estilo antigo, sólida e confortável. Dezoito quartos. Três grandes salões e demais dependências. Deixaria em usofruto ao Jojoca. Era uma beirada de morro, sombriamente arborizada de árvores frutiferas, além de altíssimas palmeiras na alaméda da entrada e centenárias figueiras bravas, no jardim lateral. Depois, o terreno descia lá para uma grota, onde a falecida sogra do Toninho mandara construir doze casas pequenas para as lavadeiras. Mas os dois filhos do primeiro matrimônio do major, modernizaram a "lavanderia", substituindo as quatorze tinas ao relento, por três máquinas de lavar roupa, num rancho confortável, onde as mulheres passavam os dias cantarolando. A pequena indústria passou a render vinte mil cruzeiros mensais. Então, o major propôs aos filhos um negócio que êles não vacilaram em aceitar. Entregava-lhes a "Emprêsa de transportes" como adiantamento de legitima e a chácara seria então herança do Jojoca.

Entretanto, ao fim de doze anos, vendo que o filho não tinha capacidade para administrar a chácara, Toninho meteu-o no exército. Mas iludia à espôsa, já no leito de morte. Que o rapaz estava fazendo o soldado. Lalá chorava quando via o filho entrar no quarto, satisfeito, gordão, ajeitando os poucos cabelos na precoce calvicie, cheirando a arreios (porque trabalhava na cavalariça) a contar aventuras medíocres. Comparava-o, com grande amargura, ao Onisuá, janota, mulatinho pernóstico, afeito ao femeaço. Era o braço direito de Toninho. Com êste, o então general, entendia-se às mil maravilhas. Mas quando chegava o "coitadinho", daí a instantes, começava o crônico berreiro:

— Miserável! — gritava Toninho.

— Não diga assim, papai! — respondia, a voz de bôbo.

— Então êle lhe deu um pontapé no assento?! — trovejou, irado.

Pequeno silêncio.

— E você não reagiu, desgraçado?! Jojoca! Responda, Jojoca! — gritava, enfurecido.

— Reagir como, papai? — começava a soluçar alto.

— Jojoca! Jojoca! — gemia o general, trincando os dentes e deixando a cabeça pender nos braços cruzados sôbre a mesa. Então, no silêncio fúnebre do imenso casarão, Lalá gritava:

— Vá lá, Pininha! Misericórdia, Pininha! Piedade, Toninho! Piedade!...

Pina corria para lá. O rapaz passava curvado, o rosto oculto na dobra do cotovêlo, soluçando alto. Não pôde deter-lhe os passos. Saiu correndo. Na rua ajeitou o corpo. Abotoou a farda. Pina foi esipar. Diminuindo mais e mais o ritmo dos passos, Jojoca, os braços pendentes, os olhos espetados na bruma, desapareceu como sombra triste, sem destino, sempre e sempre, como um autômato, até surgir qual vulto casmurro no portão do pátio vazio do quartel. Ás vêzes, alvoroçado, exausto de caminhar, sentava-se no meio-fio e ficava ali, ocultando o rosto entre os dedos, deixando as lágrimas correrem, sentindo-se o mais infeliz dos sêres vivos. Até que a caricia rústica de uma bota roçava-lhe o ombro:

— Que foi, rapaz?

— Estou descansando...

— Vá trabalhar, homem! Vá trabalhar.

Ergueu-se de um salto e correu para a cavalariça. Daí a bom pedaço, assobiava satisfeito, raspando os cavalos.

★

Dez anos depois., com a motomecanização do exército, desapareceu do quartel a cavalariça. Então, Jojoca

**(Cont. na pág. 51)**

## LUTO NA MACUMBA

**(Cont. da pág. 18)**

tério profundo. Falam que não convém vê-lo. Mas acabamos por ser consentidos lá dentro: há duas poltronas, uma forrada de setim vermelho, outra está nua. Naquela, sentava-se "Seu" Ogum, nesta Mãe Oxum. Num toro curto, punham S. Sebastião, o "Arranca-Tôco", patrono do "terreiro". E, no banquinho incômodo, devia ficar Pai João. O santuário está defronte: dezenas de imagens (muitas de S. Jorge, o Orixá Guerreiro), versos, sereias, castiçais, velas, coisas. Sob a armação e escondidas, as bilhas dos "filhos" de Ogum, cheias d'água. Na parede, entre pequenos oratórios e pendurada num prego enferrujado, uma grande chave, com fitas coloridas amarradas. Explicam-nos:

E' a Chave de S. Pedro.

Sôbre o altar, um enorme colar, o "Guiame de Buzios", trazido da África, presente de um "filho de santo" daquele Continente. Ao pé de tudo, a "simpatia" pela morte do macumbeiro: um prato de pipocas, um copo d'água, duas velas acesas.

— E' para os Guias iluminarem o espírito de "Seu" Ogum.

### ALTAS FIGURAS NO ALTO DO MORRO

E' notório na Vila Laboriau e não há frequentador dos "terreiros" de João Alfredo de Oliveira que não divulga, com o orgulho de quem ostenta um troféu custoso:

— Aqui pisou muita gente importante.

— Quem, por exemplo?

Revelam: por mais de uma vez pessoas intimas do Catete tem estado lá — lembra um compadre de "Seu" Ogum. Também em noites escuras subiram a ingreme ladeira, que começa no n. 250 da estrada da Gávea, o Sr. Edgard Estrêla, o delegado Brandão Filho e muitos outros. Um dêles se tornou tão amigo que servia de cicerone para diplomatas estrangeiros, ávidos de conhecer os membros da macumba carioca.

As sessões de João Alfredo de Oliveira constituiam, destarte, um espetáculo do atavismo negro, herdado por êle do pai Malaquias, que veio escravo de Moçambique e faleceu em Minas Gerais com 105 anos.

### SILENCIAM OS TAMBORES

A noite de domingo chega. "Filhos de Santos" promovem em tôrno do corpo quieto um ritual exótico. Cantam um cântico lúgubre, bater palmas cadenciadas. Os meninos não adormecem e vão guardando na mente virgem as imagens de homens e mulheres dançando com sombras se confundindo nas paredes mal rebocadas. Os tambores não ruflam com sons secos. Invoca-se os orixás. Os crentes, suando e movendo-se, parecem impor àqueles despojos a mensagem simbólica do lamento de todos. Impressionam-se com a ocorrência lutuosa perto do dia de S. Jorge, Ogum-Megê, cuja imagem é venerada com impetos extraordinários.

Lá em baixo, as ondas do mar se desdobram na praia de S. Conrado...

Dentro dos carros, namorados voltam dos passeios e, nem todos, decerto, se lembram de indagar a causa dos cânticos esquisitos que descem da Vila Laboriau e morrem lá em baixo, sem eco.

### A "GUERRA FRIA" DOS "FILHOS DE SANTO"

Percebe-se uma desunião entre os filhos de João Alfredo de Oliveira, os "filhos de santo" e participantes assiduos das noitadas de magia no "terreiro". Com a morte do velho macumbeiro, agitam-se homens enquanto, no dia do entêrro, as mulheres já se debulham em pranto copioso. Há rumores de que ainda foi o casamento ruinoso de João Alfredo com a jovem Ondina o motivo do desentendimento. Ondina, que desde 1949 fôra "Mãe de Santo", reaparece vestida de negro e é obrigada, por parentes, a não se deixar fotografar. Mas o repórter já estava de posse de flagrantes em que ela aparecia, junto do macumbeiro que foi seu espôso.

Ninguém deseja opinar sôbre quem tomará o lugar de Ogum João. Sugerem o nome de um irmão. Todavia, aventam que isso se resolverá mais tarde.

— Por agora — esclarecem — o "terreiro" ficará de luto fechado por três meses, mais três de luto aliviado, isto é, podendo ser visitado pelos "filhos de santo" e outros "pais de santo". Os tambores só poderão ser batidos daqui a um ano.

### SEPULTURA NÚMERO 3.313

Trocam a roupa preta do macumbeiro. Vestem-lhe uma farda branca, de botões dourados. Deixam-no descalço e colhem-no ao caixão claro, o qual forram com as roupas multicores e defumadas num ato cheio de contrição e sentimento. Celina, aquela filha do João Alfredo a quem nos referimos no principio, desmaia perto do repórter, que ajuda a ampará-la. Cantam no ritmo fúnebre e uma jovem descalça quer saber:

— Ogum já baixou?

Carregam, finalmente, o caixão para fora. Está pesado e vai sôbre os ombros de quatro homens. Descem a ladeira comprida e tortuosa. Chegam à cancela, onde o côche espera o esquife. Forma-se o cortejo, com uns vinte carros. A marcha é rápida até ao Cemitério de S. João Batista. Exibem os papéis exigidos para o entêrro de qualquer mortal e conduzem o caixão para a encosta do morro que, no fundo, passou a ser uma ampliação do cemitério. Na beira da sepultura 3.313, quadra 16, há um discurso ligeiro. O caixão baixa à cova. Os parentes, os amigos, deitam-lhe em cima a pá de cal virgem e a terra o cobre.

E todos se retiram, aos poucos, imbuidos da convicção de que em breve, num "terreiro qualquer", falariam com "Seu" Ogum, o macumbeiro João Alfredo de Oliveira, que logrou empolgar tantas pessoas e influenciar tantos destinos humanos neste mundo de meu Deus.

# A REVISTA HÁ 50 ANOS

18-5-1902

## CRÔNICA

*COMPREENDO, às vêzes, a resignação fatalista de certos temperamentos, a ausência absoluta da vontade em alguns povos do vasto formigueiro humano. Para que reagir, para que lutar, se a vida, fortuna, esperança e futuro estão à mercê do primeiro capricho da brutalidade cósmica; se contra essas fôrças impetuosas, avassaladoras e irresistíveis não há repulsa, não existe remédio, nem sequer sobrevive a possibilidade de uma liquidação de contas?! O irreparável, tôda uma atroz e desesperadora filosofia encerrada nas cinco sílabas de um vocábulo, na aparência inócuo, indiferente, sem vibração e sem maldade!*

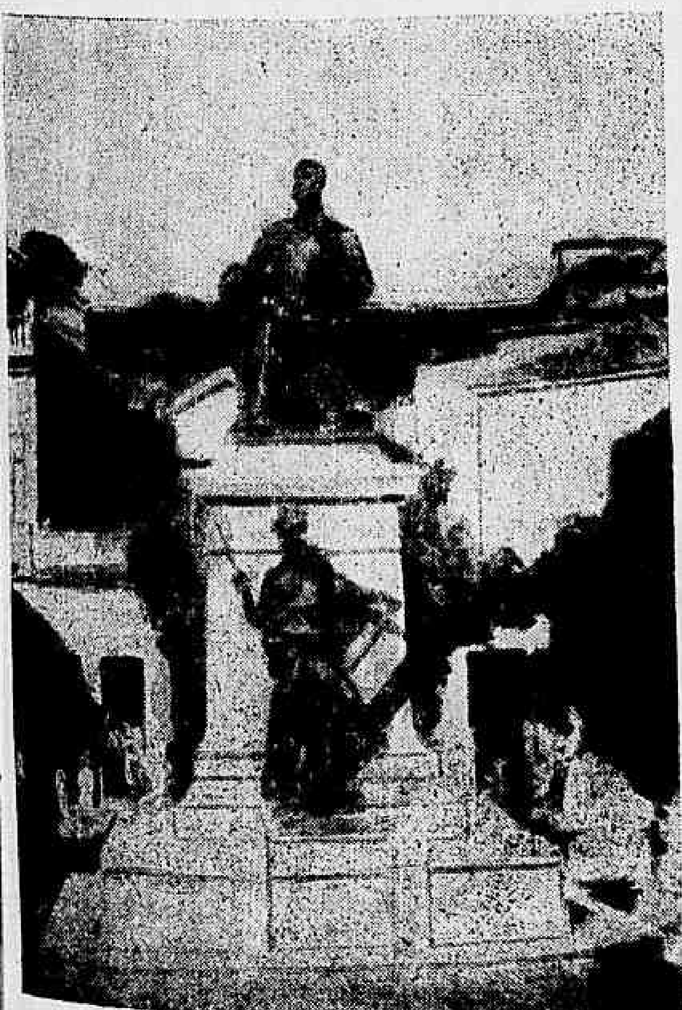
*Em uma cidade antilhana viviam, debaixo de um clima propício à fartura e ao bem estar, vinte e sete mil pessoas, numerosas famílias ligadas à metrópole, a França, pela tradição histórica, solidarizadas entre si pelas tradições locais, pela continuidade das alegrias, dos sofrimentos, do progresso regional, do desejo ardente de doar à pátria e ao mundo um novo centro de riqueza e de inteligência. A gama inteira dos sentimentos garantia a perpetuação da raça, afirmava o seu direito à vida social e à existência histórica. Contando com a estabilidade do mundo cósmico, a colmeia labutava para adquirir a máxima dose possível de confôrto material e de equilíbrio moral. Vinte e sete mil pessoas descontavam, pelo trabalho, o futuro, consoante os seus temperamentos e os seus ideais. Planejavam-se novas indústrias; projetavam-se novas plantações; pensava-se em novos engenhos; ajustavam-se novas uniões promissoras de prole farta e sadia. Ama-se muito nos trópicos e não há sentimento que em graça e beleza sobreleve ao amor. Assim, pois, a cidade, amparada pelo trabalho e pelo amor, duas fôrças da civilização, parecia nada ter que recear da fúria inconsciente da matéria.*

*Na véspera, a colmeia repousou depois de haver ganho honestamente o seu dia. Quem poderia avisar essas vinte e sete mil criaturas do trágico destino que as aguardava? Só Deus e Deus não quis. O comerciante, ao cerrar os seus livros com a regularidade costumeira, não soube que liquidara definitivamente os seus negócios; o operário, ao recolher-se ao albergue humilde, nem cuidou que sua miséria houvesse findado; o noivo, ao oscular a fronte da prometida, nem sonhava que êsse beijo fôsse o da eterna despedida. Nesse meio tempo, diabòlicamente sorrindo, o Ciclope, de ôlho esbraseado, espreitava a vítima.*

*Esperou que tudo repousasse; deixou que voejassem em tôrno da inocência, da candura e da bondade a fantasia e a quimera da ventura; aproveitou infernalmente a hora em que a esperança visita, complacente, o próprio desespêro; depois, arcabouçou o tórax e com a raiva, a furiosa raiva com que as fôrças da matéria se vingam das fôrças da civilização, despejou um vômito de fogo sôbre a cidade antilhana.*

*Estupidez, tu és sempre idêntica, ou te chames vulcão ou te chames inveja.*

*JACQUES BONHOMME*



### PIADAS

— Não tenho nenhuma confiança nos banhos de mar, dizia Calino. Tive um amigo que foi vítima dêles.

— Como? O que lhe aconteceu?

— Muito simples... Morreu afogado.

★

Um gatuno entra no Aljube acompanhado por um polícia.

Quando o diretor apareceu, o gatuno, todo amável, apontando para o polícia:

— Faz favor de deixar passar. Êste senhor vem comigo.

### OS BILHARES

O bilhar é um jôgo patrício: e tem fanáticos em todo o mundo. Em Paris, então, os amadores do bilhar são aos milhares. E abundam também os profissionais, entre os quais avulta, como é geralmente sabido, Vignaux, o grande campeão da França, o formidável adversário do norte-americano Slonson.

Todos os dias chegam a Paris, de tôdas as nações, amadores de bilhar que vão aperfeiçoar-se com os grandes mestres. E não raro efetuam-se sessões, em que êstes se batem, sob as vistas, não de uma centena, mas de um milhar e mais de espectadores, não menos interessados, não menos emocionados do que os fanáticos das corridas de cavalos.

Ainda há pouco se realizou uma dessas sessões, no salão das festas do Grand-Hotel, disposto em anfiteatro, tendo ao centro o bilhar onde se deu o combate e, em redor, as bancadas, tôdas ocupadas *au grand complet* por mais de mil pessoas, entre as quais grande número de damas.

Das paredes pendiam quadros anunciando que eram proibidas as apostas. Isso, porém, não impediu que, como sempre, se apostasse rijamente, em particular e em voz baixa, atingindo o total dêsses páreos muitos milhares de francos.

Batiam-se, numa partida de 500 carambolas, Vignaux, o leão do bilhar, como lhe chamam os seus fanáticos, e Cure, seu discípulo, uma das mais decididas vocações, uma das habilidades mais raras — moço, ardente, elegante, audacioso. E antes de se apresentarem os dois adversários, já havia na sala uma desusada animação, pairava a ansiedade que precede os grandes acontecimentos, parecia tratar-se da *première* de alguma peça do grande Hugo, nos belos tempos das lutas do romantismo.

Nove e meia da noite. Vignaux e Cure apresentam-se, vestindo corretamente a casaca, tranquilos, serenos, sorridentes. Abre-se uma garrafa de champanha. Vignaux, quando joga, só bebe champanha. Os dois adversários despem as casacas e, em mangas de camisa — visto que o bilhar é incompatível com a casaca — começam o torneio.

Vignaux leva a dianteira; em certa altura, o marcador anuncia-lhe uma superioridade de cento e cinquenta carambolas. Mas Cure não dorme. Em duas ou três séries alcança o adversário e passa-lhe adiante. Vignaux vinga-se bebendo várias taças da sua champanha. Faltam-lhe cem. Começa a série. Todo o mundo crê que terminará ali a partida. Mas o taco do grande mestre atraiçoa-o. E Cure remata a partida numa série gloriosa, brilhantíssima.

Reboam aplausos doidos, enquanto Vignaux, um pouco nervoso, emborca a sua última taça de champanha. Mas é também muito cumprimentado, ao tempo que várias senhoras cercam o vencedor, felicitam, o abraçam.

Oh, o prestígio da glória!

## REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO

**Deixamos de publicar nesta edição a 4.ª reportagem do Sr. Marcos Carneiro de Mendonça, sob o título acima, por não haver chegado às mãos, até o momento de seguir para a oficina a última matéria, o trabalho daquele nosso apreciado colaborador.**

**Admitindo como admitimos a probabilidade de um extravio da matéria ou atraso do portador, prometemos para o próximo número a seqüência que hoje se interrompe e que vem despertando o maior interêsse entre o público.**

# RÁDIO

## DESFORRA

QUANDO Paulo de Grammont era diretor de "broadcasting" da Tamoio, Dias Gomes, que deixara essa emissora para assumir a direção da Rádio Clube do Brasil, levou para o seu novo prefixo diversos elementos da B-7. Assim é que foram para a PRA-3 Telmo D. Avelar, Mildred Santos, Aliomar de Matos, Rafael de Carvalho, Alberto Figueiredo, Paulo de Oliveira e mais alguns. Paulo de Grammont, calmo como sempre, não disse nada. Seus íntimos, entretanto, diziam que êle remoía pacientemente a hora de desforrar-se do Dias Gomes, que apesar de tudo continuava seu amigo como nos bons tempos. Os meses passaram. Almirante se indispôs com Carlos Frias e, disso, resultou o seu afastamento da direção da Rádio Tupi. O moço Grammont é incumbido de ocupar a vaga deixada pela **mais alta patente** na G-3. Embora contra a vontade de muitos figurões das "Associadas", êle aceitou o cargo. Imediatamente começou a contratar elementos para suprir a falta dos que deixaram a Tupi (Haroldo Barbosa, Luís Jatobá, João Fernandes, Antônio Maria, Araci de Almeida, Matinhos, etc.). E o seu alvo predileto foi a Rádio Clube, de onde êle já conquistou Aliomar de Matos, Mildred Santos e Telmo D. Avelar, três grandes rádio-atores que Dias Gomes lhe roubara quando êle dirigia a Tamoio.

**Milton Salles**

### SÓ COM VANTAGEM...

**O produtor Antônio Maria, que trocou a Tupi pela Mayrink deseja roubar Júlio Louzada da Tamoio para a sua nova emissora. Ouvido a respeito, o «Reverendo» declarou ao cronista que só iria para a Rádio Mayrink Veiga se esta lhe pagasse o dôbro do que êle ganha atualmente e lhe garantisse os quatorze anos que êle tem de Rádio Tamoio. O enxudioso Antônio Maria disse que ia assuntar.**

### QUASE FICOU LOUCO...

*O locutor Hamilton Silva, que havia deixado a Rádio Tamoio e ingressara na Rádio Relógio Federal, solicitou demissão desta última emissora. Abatido, demonstrando grande cansaço, êle se justificou aos amigos:*

*— Além de ganhar um salário de fome, eu estava à beira da loucura. Aquêle "tic-tac" contínuo e incessante da Rádio Relógio Federal "enche" qualquer um! Aquilo é o fim do mundo!*

### EM BUSCA DE DINHEIRO...

*Anuncia-se que Adelaide Chiozzo, seu espôso Carlos Matos, Renato Murce e sua nova cara-metade, a atriz Eliana, farão uma temporada na Europa, no mês de julho vindouro. Fala-se que os quatro artistas realizarão essa "tournée" para se refazerem dos prejuízos que tiveram no último pleito realizado pela Associação Brasileira de Rádio para escolher a "Rainha do Rádio"...*

### ENTREVISTA RELÂMPAGO...



**Araci de Almeida**

**— Onde nasceu?**

— Sou carioca da gema.

**— Desde quando?**

— 19 de julho de um ano qualquer.

**— Estreou no rádio em...**

— ...1934, na antiga Educadora.

**— E depois?**

— Atuei em diversas emissoras.

**— Qual o seu primeiro salário?**

— Trezentos «mangos» por mês.

**— Onde?**

— Na antiga Rádio Cruzeiro do Sul.

**— E seu primeiro disco?**

— Foi o samba «Triste Cuíca».

**— Gênero de música preferido?**

— Eu sou do samba.

**— Seu nome de guerra?**

— Não uso êsse «troço». Eu sou Araci de Almeida, no «duro».

### SERÁ QUE DEIXA?

A rádio-atriz Marilena Alves disse a uma de suas amigas da Associação Brasileira de Rádio que, brevemente, contrairá matrimônio com o locutor Géber Moreira, seu companheiro de emissora, com quem foi vista aos beijos e abraços — mais aos beijos que aos abraços — no último "Baile do Rádio". Será que o negociante Carlos Brandão — o grande amor de sua vida — consentirá nesse casamento?

### QUATRO TEXTOS, SÒMENTE

A Rádio Eldorado, a caçula das emissoras cariocas, mostra-se disposta a granjear as simpatias dos sintonizadores. Além de prometer programas humorísticos limpos e decentes e a ausência de novelas em suas programações, a ZYZ-22 anuncia que, nos intervalos destinados à propaganda, irradiará sòmente quatro textos de publicidade, redigidos de forma atraente e agradável.

## QUEBROU O TABU

(Cont. da pág. 31)

cionador. Organizou uma lista de jogadores. Fato inédito é que, pela primeira vez na imprensa esportiva, todos concordaram que os elementos requisitados eram os melhores na ocasião, com pequenas e raras objeções. Vários elementos que eram figuras obrigatórias de qualquer selecionado brasileiro foram cortados porque não atravessavam boa forma física e técnica, tais como o goleiro Barbosa, o zagueiro Augusto, o centro-médio Danilo e o meia-esquerda Jair, mais conhecido por "Cabeça" ou "Jajá de Barra Mansa", verdadeira mola de qualquer ataque, mas preterido pelo técnico por não se adaptar ao sistema que empregaria. Outros jogadores requisitados, como o célebre Zizinho, do Bangu, Maneca, do Vasco, e Juvenal, do Botafogo, foram dispensados porque não estavam em condições físicas para suportar uma campanha de cinco partidas em apenas duas semanas. À última hora foi convocado o centro-avante do Corintians, Baltazar, mais conhecido como o "Cabecinha de Ouro", pelas certeiras cabeçadas que se transformam em *goals*, e que acabou sendo o artilheiro-mor do time brasileiro, com quatro tentos.

Estava escrito que o sistema de "marcação por zonas" daria o que falar, tal como aconteceu nos primeiros jogos do Fluminense no campeonato carioca, sob a orientação de Zezé Moreira. Os catedráticos opinavam que a maioria de jogadores não se adaptaria à citada tática, que não passava de uma edição melhorada do "ferrôlho suiço", estratagema que possibilitou ao selecionado helvético empatar por 0x0 com o Brasil, na última Copa do Mundo. O técnico alegava, porém, que com esta tática já conseguira dois títulos de campeão carioca, um em 38 pelo Botafogo e outro em 51 com o Fluminense. Chegou até a registrar-se uma polêmica entre dois cronistas, através as colunas dum mesmo jornal, um brasileiro e outro francês. um dizia que jogadores como Bauer e Eli não se prestariam ao papel de "caçadores de pontas" por ser completamente antagônico aos métodos que estavam habituados durante anos a fio, enquanto que o outro alegava

### Respostas ao teste:

1 — Álvares de Azevedo.
2 — Aparelho para medir o caminho percorrido a pé.
3 — Adivinhação por meio de varinha mágica.
4 — Meijoada
5 — S. Paulo.
6 — Vinte e um.
7 — Álvares de Azevedo.
8 — Restinga.
9 — Denominação genérica das afecções renais.
10 — Um metal.
11 — Tratado acêrca da luz.
12 — Hemalgia.
13 — Vinte e uma.
14 — Talassoterapia.
15 — Silogismo.

**FUME**

**MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA**

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de **nicotina acumulada nos interstícios dos** dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá nos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

**NICOTAN**



que o sistema era simples e não criava dificuldades.

Apenas um exercício de conjunto foi realizado no Maracanã, e no dia seguinte o selecionado rumava para Santiago do Chile, a fim de tentar uma aventura. Aventura porque os selecionados do Uruguai e do Chile, principalmente êste último, já tinham realizado uma série de exercícios conjuntivos, os seus homens estavam melhor entrosados, e o quadro brasileiro, improvisado à última hora, iria tentar se enquadrar numa nova tática, diferente da que vinha empregando há oito anos, ou seja a «diagonal».

No dia 6 de Abril o Brasil jogou a sua primeira partida contra o México. Levou um susto no primeiro tempo, que terminou 0x0. Ou os mexicanos tinham progredido muito desde a Copa do Mundo, quando apanharam por larga margem dos brasileiros, ou o nosso time estava jogando mal. O quadro brasileiro voltou a campo com novas instruções e Baltazar, com uma violenta cabeçada, abriu a contagem aos dez minutos e conseguiu marcar mais um "goal" aos 26 minutos. Venceu o Brasil por 2x0.

No dia 10 de Março, coube ao selecionado brasileiro dar combate ao Peru. Estava, porém, reservada uma surprêsa, o jôgo terminaria sem que nenhum dos dois times conseguisse marcar um "goal". O Brasil perdeu um ponto com êste empate. O "bode expiatório" passou a ser a "marcação por zonas", que se preocupava mais com a defesa do que com o ataque, que restavam apenas três homens na linha para atirar em "goal", e que êstes eram fàcilmente controlados pelos adversários. O campeonato estava perdido, exclamavam os entendidos.

No sábado seguinte, sábado de Aleluia, Zezé Moreira foi queimado como "Judas" numa árvore da Praça Tiradentes. Os técnicos de botequim enganaram-se redondamente, o 0x0 contra o Peru foi a injeção de óleo canforado no time do Brasil.

No domingo, dia 13 de Abril, o Brasil arrasou o Panamá por 5x0, depois de ter assinalado 3x0 na primeira fase. Rodrigues marcou dois "goals", Julinho, Baltazar e Pinga assinalaram os demais. Ora isto não é vantagem, disseram os pessimistas, porque do Panamá todos os times ganharam. Esqueceram-se, porém, que contra todos o Panamá conseguia marcar pelo menos um "goal", e ante o Brasil nem o tento chamado de honra foi possível registrar no "placard" do Estádio Nacional de Santiago do Chile. Na realidade, o jôgo com os panamenhos constituiu o melhor treino de conjunto do selecionado brasileiro. Foi nessa partida que os nacionais se adaptaram melhor à tática da "marcação por zonas". No mesmo dia, o Chile vencia de 2x0 o Uruguai, campeão do mundo. Êstes quadros eram os dois últimos adversários do Brasil.

Na quarta-feira, dia 16 de Abril, precisamente 21 meses após o jôgo da Copa do Mundo, voltavam a se defrontar Brasil e Uruguai, vice-campeão e campeão do mundo. Era o teste decisivo do selecionado dirigido por Zezé Moreira. Foi uma partida acidentada, em que os uruguaios procuraram amedrontar os brasileiros com jôgo violento, mas os nacionais não caíram no êrro de 16 de Julho de 1950, responderam à altura. Conseguiram marcar 2x0 no primeiro tempo, chegaram a 4x1 quase ao final e o juiz, apesar de britânico, favoreceu os da camisa azul-celeste com um "penalty" rigoroso, daí os 4x2, do grande triunfo brasileiro. Foi vingada a derrota da Copa do Mundo. Os marcadores do Brasil foram Didi, Pinga, Rodrigues e Baltazar.

Restava a derradeira batalha. Os chilenos estavam em primeiro lugar, um ponto na frente do Brasil. Bastava-lhes o empate para conseguirem o título máximo. Em 30 anos de jogos entre seleções, os chilenos nunca venceram os brasileiros. Agora estavam melhor preparados, tinham derrotado os campeões do mundo por 2x0, e o pior é que já se consideravam campeões de véspera. Bandeirinhas, flâmulas, cartazes, anúncios, edições especiais de jornais e revistas já estavam preparadas para comemorar a grande façanha. No domingo, dia 20 de Abril, dia da grande ilusão, êles, os chilenos, que vinham se preparando há meses, jogando em seu próprio campo, contando com tôda a sua torcida, com o gramado apenas protegido pelos "carabineros", que possibilitavam qualquer invasão do público, receberam a mesma lição que os brasileiros tiveram no Maracanã 21 meses antes. No primeiro tempo, Ademir em duas corridas que lavam a sua marca registrada, marcou 2x0 para o Brasil e, no final do segundo tempo, Pinga decretou a terceira queda do arco chileno.

Era o triunfo da "marcação por zonas". Em cinco partidas, o arco de Castilho fôra vazado apenas duas vêzes, ante o Uruguai, e assim mesmo um "goal" de "penalty", penalidade pràticamente indefensável. O ataque marcara 14 "goals". Era a vitória de um técnico que tinha personalidade, que tinha convicção dos seus métodos e, mesmo na adversidade, soubera enfrentar tôdas as críticas e impor o seu ponto de vista. Nunca um selecionado brasileiro, em terras estranhas mantivera tal grau de disciplina e de fôrça-de-vontade. Esta foi a consagração do futebol brasileiro, porque houve renovação de valores não só entre jogadores como na orientação técnica.

Nos cinco jogos, o selecionador brasileiro empregou 19 jogadores, dos quais 15 estiveram em ação em quase tôdas as partidas: Castilho (keeper), Pinheiro (zagueiro), Santos (zagueiro), Arati (médio), Santos II (médio), Brandãozinho (médio), Bauer (médio), Eli (médio), Julinho (extrema-direita), Friaça (extrema-direita) Didi (meia-direita), Baltazar (centro-avante), Ademir (meia-esquerda) e Rodrigues (extrema-esquerda). Quatro entraram em ação nos minutos finais de alguns jogos: Osvaldo (goleiro), Gerson (zagueiro), Ipojucan (meia-esquerda) e Rubens (meia-esquerda). Não jogaram Cabeção (goleiro), Ruarinho (médio) e Bigode (médio).

A forma física para uma campanha exaustiva de 5 jogos em duas semanas só foi possível manter pela dedicação do médico Pres Barreto e do massagista Mário Américo, dois heróis da batalha dos vestiários.

Assim se conta a verdadeira história da conquista, invicta, do primeiro título de campeão das três Américas. Zezé Moreira quebrou o "tabu" do futebol brasileiro: ganhar o último jôgo e ganhar um campeonato no estrangeiro.


## QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.



## COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA




Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 648 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.


# MÚSICA

## MOVIMENTO

COM as primeiras apresentações do harpista espanhol Nicanor Zabaleta, e dos pianistas Sandor e Malcuzinski, inaugurou-se a temporada artística Internacional, de 1952. A julgar pelo interêsse despertado por estas primeiras apresentações e pelos nomes que vêm sendo anunciados para futuros espetáculos, tudo faz crer que teremos êste ano uma movimentada "saison", bem à altura do nosso, cada vez mais exigente, público. A Orquestra Sinfônica Brasileira, que obedecerá à competente batuta do maestro patrício Eleazar de Carvalho, promete aos seus apreciadores um variado e selecionado programa, apresentando ainda, como solistas, destacados nomes internacionais, iniciando esta série de apresentações com o brilhante pianista Giorgy Sandor. Várias outras associações iniciaram a execução de seus variados programas. A Cultura Inglêsa, por exemplo, apresentará dentro de poucos dias o pianista norte-americano Joseph Battista, dando assim prosseguimento à sua série de concertos. Também a Associação Brasileira de Concertos, além dos já citados solistas Zabaleta e Sandor, pretende ainda oferecer aos seus associados e ao público em geral uma longa e seleta série de recitais, contando com a colaboração de conhecidos nomes internacionais famosos, tais como: Frederic Gulda, pianista já nosso conhecido; Elizabeth Schwartzkopf, notável soprano alemão; Cilli Wang, bailarina austríaca; Antônio Jamigro, violoncelista italiano; Zino Francescatti, violinista também italiano, que vem alcançando extraordinário êxito nos Estados Unidos, sendo mesmo considerado pela crítica e pelo povo daquele país como êmulo do famoso Heiftz. Longa é, pois, a lista dos espetáculos com que a ABC brindará os amantes da boa música. Os apreciadores do "ballet" serão também satisfatòriamente atendidos com as apresentações do famoso "Ballet do Marquês de Cuevas", que levará a efeito no palco do nosso principal teatro vários recitais. E para encerrar a série de espetáculos que iremos apreciar, teremos, naturalmente, como todos os anos, a Temporada Lírica Internacional, que, fazemos votos, consiga apresentar-se à altura das suas credenciais, não decepcionando os apreciadores do bel-canto, como não raras vêzes tem acontecido.

**Oswaldo da Cunha**

### O GRANDE BALLET DO MARQUÊS DE CUEVAS

*PRECEDIDO do grande sucesso alcançado em suas apresentações nas recentes temporadas de Londres e Paris, deverá estrear a 31 do corrente, no nosso principal Teatro, o famoso Ballet do Marquês de Cuevas. O "Grande Ballet", como é conhecido êste magnífico conjunto, apresenta, entre seus componentes, valores máximos, representativos da dança moderna, como Rosella Hightower e George Skibine, ambos já conhecidos do nosso público. Além destas duas grandes figuras, o "Grande Ballet" conta ainda com os nomes de George Zorich, Serge Golovine, Wladimir Skouratoff, Anna Ricarda, Jacqueline Moreau, Andrea Karlsen, Jocelyne Vollmar e Tânia Karina. O famoso coreógrafo John Taras figura como "maitre de ballet", estando a direção musical a cargo do maestro Gustave Gloez, e a orquestra sob a regência do maestro Francis Cebron. O repertório, além de inúmeros clássicos, inclui ainda vários números modernos, inéditos para as nossas platéias. Entre êstes, podemos destacar: "Cordélia", com música de Henri Louguet, cuja primeira apresentação mundial em Paris constituiu verdadeiro êxito. "O Prisioneiro do Cáucaso" e "Tragédia em Verona", de Skibine, com música de Tchaikowski, "Do Amor e da Morte", de Anna Ricarda, com música de Granados, e "Dona Inês de Castro", também de Anna Ricarda, desta vez com música de Joaquim da Serra. Entre os clássicos serão apresentados os conhecidos números "Silfides", "O cisne negro", "Don Quixote", "Raimonda" e vários outros.*



**Rosella Hightower**

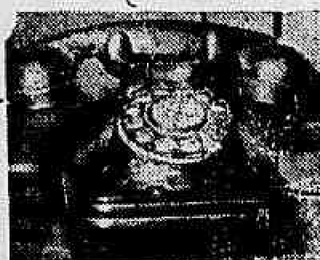
● **Deverá apresentar-se, ainda esta semana, ao nosso público, o pianista Joseph Battista, num recital em prosseguimento à temporada de 52, da Cultura Artística. Battista, norte-americano de nascimento, foi o detentor em 1941 do Prêmio Guiomar Novais, o que lhe valeu uma viagem ao nosso país, como Embaixador da Juventude Pianística dos Estados Unidos.**

● Continuam abertas as matrículas para os cursos livres de instrumentos, canto e matérias teóricas, do Conservatório Brasileiro de Música e seus departamentos de Copacabana, Botafogo, Engenho-Novo, Madureira, Bonsucesso, Gávea, Leblon e Tijuca.

● **A Emprêsa Attilio Lamponi, que apresentará vários espetáculos no Teatro Municipal e na Escola Nacional de Música, com início a 20 do corrente, apresentará entre outros: Elizabetta Barbato (soprano); Fedora Barbieri (mezzo-soprano); o pianista acompanhador Luigi Calabria; Tiburce Yusti (pianista); Donilo Belarcinelli (violinista); Attilio Ranzato (violoncelista) e Lucienne Dugard (soprano).**

*A Pergunta da Semana* — Por SINIMBU

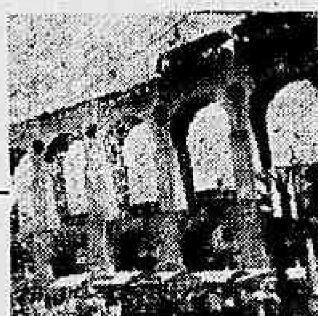
# Que é que uma pessoa importante pode conseguir?



Telefone. Artigo difícil. Setenta mil pretendentes na fila, esperando há anos. A pessoa importante não espera: consegue uma recomendação do Palácio do Catete ou do Guanabara. Qualquer dessas recomendações resolve. Também pode conseguir diretamente com a Light, se tem prestígio com os inglêses. Qualquer dos três caminhos é caminho certo para a Cia. Telefônica. O aparelho é instalado em 48 horas.



Há caprichos muito pessoais a respeito de números da placa do automóvel. Uns preferem os números baixos: 8, 12, 20... Ou números de algarismos crescentes: 2-34-56. Ou de algarismos iguais: 55-55. Ou números altos, de algarismos desiguais (preferência dos pilantras, pela dificuldade do número ser anotado). A pessoa importante tem meios e modos de conseguir o "seu" número do Serviço de Emplacamento.



Mudar local de feira-livre. Feira na porta de casa é massada que começa às 3 da madrugada, quando chegam os caminhões e, aos gritos, os feirantes entram a armar suas barracas. A cara-metade implica. Depois, à 1 da tarde, quando partem os mercadores, a criada tem que pegar a vassoura e varrer a calçada. A pessoa importante vai à Prefeitura e consegue livrar-se da feira, que vai então chatear o próximo.



Todo cristão tem direitos à sepultura e aos sacramentos. Mas não é coisa fácil conseguir sepultura em certos cemitérios. No São João Batista só sepultura de morro acima, o que não convém a uma pessoa importante. Mas ela não se aperta, mesmo vergada pela morte que bateu à sua porta. Vai ao provedor da Santa Casa, outra pessoa importante do mesmo nível e consegue enterrar o seu morto na aléa principal.



Ter emprêgo público é muito bom e a pessoa importante consegue um para si ou para amigos e parentes próximos. Mas há coisa melhor: é o emprêgo público sem obrigação de ponto. A pessoa importante, para si ou para quem ela queira, consegue fàcilmente uma requisição. E o funcionário fica "à disposição" de um gabinete qualquer. Trabalhar pra quê, se ninguém é de ferro? Pernas pro ar...



Viajar é bom, mas viajar à custa do Govêrno é melhor. São passagens pagas, hospedagem paga, homenagens e presentes recebidos no estrangeiro. E' difícil viajar nessas condições? Não, para a pessoa importante. Pois não estão aí as missões culturais, os congressos científicos, as reuniões trabalhistas, as missões econômicas, as de "observação"? Nelas há lugar para a pessoa importante... com mulher, filhos, criados, bagagem e papagaio.


REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Redator-Chefe da Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

**Desenhos de**
ALBERTO LIMA

Diretor:
**Gratuliano Brito**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano ...... | Cr$ 200,00 |
| Seis meses .................... | Cr$ 100,00 |
| Registrada — Um ano ........ | Cr$ 230,00 |
| Seis meses .................... | Cr$ 120,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano ........ | Cr$ 350,00 |
| Seis meses .................... | Cr$ 180,00 |

**O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50**

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, **Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569**

**Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**Êste número consta de 60 páginas**

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
**Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro**

TELEFONES:

**Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2550**

**TAPETES e PASSADEIRAS de forração**

de tôdas as qualidades
e dimensões




*MOVEIS e DECORAÇÕES*

orçamentos executados
por técnicos-decoradores

**GRUPOS ESTOFADOS** — uma especialidade de nossas oficinas




*65, Rua da CARIOCA, 67 — Rio*


EXTER
Leite de Rosas
salõe no palco o nas praias
de banho, onde quer qu se des-
uma sil eta de mu er bo-
ita, é o uso do LEITE ROSAS
que põe a nota sensação.
Maravilhoso fixador do pó de arroz e desodorante poderosissimo, deve ser usado diàriamente no rosto e... no corpo todo.
Lab. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUIS GONZAGA, 2085
Tel.: 48-7660